

Chile 1973

Do Fogo à Luz

"São discussões que já estão bastante avançadas tanto no Chile quanto na Argentina na busca da elucidação desses crimes e na punição dos responsáveis. Não podemos tratar a tortura apenas como um desvio de militares latinoamericanos. É uma doutrina de guerra elaborada pelos franceses, aplicada na Argélia e difundida para os militares da América Latina que a aplicaram em seus países. Ainda hoje é praticada pelos Estados Unidos nas guerras do Oriente Médio e na base militar de Guantánamo, em Cuba. Trata-se de algo vivo, em curso."

Olimpio Alves dos Santos,
Presidente do Senge-RJ

"Ao ler este livro, o leitor está lendo, na verdade, dois livros. Um deles é o relato objetivo da terrível situação que viveu o Chile durante os quase vinte anos de ditadura militar. Até hoje não consigo entender como esse povo tão gentil e delicado, do qual fui hóspede durante os seis primeiros anos do meu longo exílio, foi capaz de uma cisão interna fratricida. O outro é a história tocante de uma conversão."

Plínio de Arruda Sampaio,
Deputado Constituinte cassado
pela ditadura militar.



Senge-RJ

Sindicato dos Engenheiros
no Estado do Rio de Janeiro

Chile 1973

Do Fogo à Luz

Um encontro com a
TORTURA



Senge-RJ

PEDRO HIDALGO

Ex-ministro da Agricultura
do governo Salvador Allende

**Do Fogo
à Luz**

Do Fogo à Luz

Pedro Hidalgo

Sob tortura, o ex-ministro da agricultura de Salvador Allende, ateu convicto, encontra em Jesus Cristo o estímulo para continuar a luta.

Copyright @ 2012 SENGE-RJ

SINDICATO DOS ENGENHEIROS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO SENGE-RJ

Av. Rio Branco, 277, 17º andar Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20040-009

Tel: (0xx21) 3505-0707 Fax: (0xx21) 3505-0733

Endereço: www.sengerj.org.br | Correo eletrônico: sengerj@sengerj.org.br

Filiado à



CONSELHO DIRETOR

Olimpio Alves dos Santos (Presidente)

Agamenon Rodrigues E. Oliveira, Antonio Carlos Soares Pereira, Antonio Gerson Ferreira de Carvalho, Carlos Alberto da Cruz, Clayton Guimarães do Vabo, Clovis Francisco do Nascimento Filho, Eduardo Ramos Duarte, Fernando de Carvalho Turino, Flávio Ribeiro Ramos, Francisco Parentes de Rezende Correa, Günter de Moura Angelkorte, Jorge Antônio da Silva, Jorge Saraiva da Rocha, José Amaro Barcelos Lima, José Stelberto Porto Soares, Julio César Arruda de Carvalho, Luiz Antônio Cosenza, Lusía Maria de Oliveira, Marco Antônio Barbosa, Maria Virginia Martins Brandão, Miguel Santos Leite Sampaio, Paulo Cesar Nayfeld Granja, Paulo Cesar Quintanilha

CONSELHO EDITORIAL

Agamenon Rodrigues Oliveira, Antonio Gerson de Carvalho, Clayton Guimarães do Vabo, Clovis Francisco Nascimento Filho, Flavio Ribeiro Ramos, José Stelberto Porto Soares, Miguel Santos Leite Sampaio e Olimpio Alves dos Santos

CONSELHO FISCAL

Titulares: Nei Rodrigues Beserra, Paulino Cabral da Silva, Sergio Gomes dos Santos;
Suplentes: Agostinho Guerreiro, Rubem Corveto de Azeredo, Sonia da Costa Rodrigues.

Do Fogo à Luz

Autor: Pedro Hidalgo

Tradução: Renato Aguiar

Edição e texto final: Inaê Amado

Programação Visual/Arte: Márcia Azen

Revisão: Rita Luppi

Produção: Amélia Madi

Organização: Espalhafato Comunicação

Impressão: Reproarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R139f

Ramirez, Pedro Hidalgo

Do fogo à luz : (sob tortura, o ex-ministro da agricultura de Salvador Allende, ateu convicto, encontra em Jesus Cristo o estímulo para continuar a luta) / Pedro Hidalgo Ramirez ; [tradução de Renato Aguiar; edição de texto Inaê Amado] ; - 1. ed. - Rio de Janeiro :

SENGE/RJ,

2012.

il.

Tradução de: Del fuego a la luz

Apêndice

ISBN 978-85-64677-01-2

1. Allende Gossens, Salvador, 1908-1973. 2. Chile - Presidentes - Biografia. 3. Chile - História - Golpe de Estado, 1973. 4. Ditadura - Chile. 5. Chile - Política e governo. 6. Prisioneiros políticos - Chile. 7. Prisioneiros políticos - Aspectos religiosos. 8. Socialismo e religião. I. Título.

12-4633.

CDD: 923.183

CDU: 929:329(83)

03.07.12 12.07.12

036949

*À Fresia e Juana,
mulheres valorosas, que juntas se
empenharam, enfrentando todas as dificuldades
impostas pelos militares, até me encontrarem.*

*À Lorena e Andres,
meus filhos,*

*e a Marcus Vinicius Carrasqueira,
amigo e companheiro.*

*"Felizes os que têm fome e sede de
justiça, porque serão saciados."*

Mateus 6: 4.



*Pedro Hidaigo, ministro da Agricultura no governo de don Salvador Allende Gossens.
Da esquerda para a direita, o primeiro sentado na primeira fila. Março de 1973.*



O presidente Allende cumprimenta o doutor Emilio Araujo, Diretor Geral do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas. Ao centro, o ministro da Agricultura, Pedro Hidalgo. Palácio de La Moneda. Maio de 1973.

Fatos e Contradições em Debate

Pedro Hidalgo é personagem histórico, mas é um homem do nosso tempo. Como engenheiro agrônomo, com longa trajetória junto aos movimentos sociais e um dos responsáveis pelo processo de implantação da Reforma Agrária no Chile durante o governo popular de Salvador Allende, ainda hoje faz de seus percursos em países da América Latina, inclusive no Brasil, uma rotina enriquecedora de transferência de conhecimento.

Do Fogo à Luz é um livro que se insere no contexto continental da articulação de várias ditaduras na luta feroz pela manutenção do poder. Nesse universo, Pedro Hidalgo trata de questões, que pode não parecer, mas estão profundamente ligadas ao *status quo* estabelecido há muitos séculos na América Latina: poder, violência e religião.

De família cristã, Pedro vê aflorar na escola de engenharia ideias e pensamentos socialistas e, com novos questionamentos, se afasta de vez da religião. É na prisão, sob tortura, que faz sua volta ao cristianismo, mais especificamente à Igreja Católica, que para muitos nada mais é do que parte do predomínio capitalista no Chile e no mundo e, também, de manutenção do poder autoritário do Estado.

Boa parte do mundo ocidental é cristã. A falta de religião é a exceção à regra. Isso é um dado real e, como tal, tem que ser trabalhado. Do ponto de vista pessoal e político posso não concordar, mas não posso sob qualquer hipótese julgar Pedro por suas opções religiosas. Ao contrário, admiro essa sua coragem de buscar a vida onde ela está, onde ela pode ser encontrada. Pedro reencontrou o cristianismo em um momento de muita dor e sofrimento. Foi assim que conseguiu se manter vivo: não admitia a possibilidade de delatar; não tinha qualquer outra articulação que não fosse pública; não fazia parte de nenhum grupo armado e se viu diante de um sofrimento desumano e sem explicação.

Após peregrinar com os originais durante cinco anos em busca de apoio e parceria, seu livro não foi publicado no Chile por duas razões consideradas principais: para os progressistas era excessivamente religioso, para os cristãos excessivamente ideológico.

Nós do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro decidimos publicar *Do Fogo à Luz* para avançarmos no entendimento das lutas que travamos e do tempo que vivemos, com a certeza de que é da maior importância trazer à tona nossas contradições. Também entendemos que esse livro é uma contribuição à busca da verdade dos fatos criminosos, das torturas, mortes e desaparecimentos do período sangrento da ditadura militar brasileira. Até hoje não conseguimos ter acesso à verdade, nem punir os responsáveis pelos horrores que vivemos.

Foi exatamente nessa linha que também editamos o livro do jornalista espanhol Pascual Serrano, questionando os crimes dos meios de comunicação que ao invés de democratizarem a informação ocultam deliberadamente a verdade dos fatos.

São discussões que já estão bastante avançadas tanto no Chile quanto na Argentina na busca da elucidação desses crimes e na punição dos responsáveis. Não podemos tratar a tortura apenas como um desvio de militares latino-americanos. É uma doutrina de guerra elaborada pelos franceses, aplicada na Argélia e difundida para os militares da América Latina que a aplicaram em seus países. Ainda hoje é praticada pelos Estados Unidos nas guerras do Oriente Médio e na base militar de Guantánamo, em Cuba. Trata-se de algo vivo, em curso.

A questão a destacar em *Do Fogo à Luz* é justamente a importância do que aconteceu na América Latina nesse período. O que se passou não está morto. O poder da ditadura, pelo espaço de dominação do capitalismo no mundo, deve ser questionado e descrito em inúmeras vivências não importando aqui o cunho religioso que Pedro deu a sua narrativa e a sua experiência. Os paradoxos que Pedro descreve em seu livro não são questões específicas da história pessoal de um militante socialista, humanista. Pedro foi torturado por se inserir no contexto de uma disputa na qual continuamos atuando em todas as frentes possíveis, em muitas trincheiras.

OLÍMPIO ALVES DOS SANTOS
*Presidente do Sindicato dos Engenheiros
no Estado do Rio de Janeiro - SENGE-RJ*

Momentos Extremos

Certamente, o leitor deste livro, quando der por si, estará com lágrimas nos olhos.

O que me derrubou não foi somente o relato dos inacreditáveis sofrimentos que o autor sofreu nas prisões da ditadura militar chilena, mas, sobretudo, a narrativa do momento em que uma cruz branca desenhou-se no teto do cubículo em que estava encerrado. Momento misterioso, que marcou o início da sua conversão ao cristianismo. Criado em uma família cristã, sou um homem de fé desde que me conheço por gente. Por isso, pude sentir a emoção que acometeu Pedro Hidalgo quando, nas profundezas do seu sofrimento, percebeu que só Cristo poderia salvá-lo.

Ao ler este livro, o leitor está lendo, na verdade, dois livros.

Um deles é o relato objetivo da terrível situação que viveu o Chile durante os quase vinte anos de ditadura militar. Até hoje não consigo entender como esse povo tão gentil e delicado, do qual fui hóspede durante os seis primeiros anos do meu longo exílio, foi capaz de uma cisão interna fratricida.

O outro é a história tocante de uma conversão. Ela foi o que deu a Pedro Hidalgo a força para resistir; aos seus familiares, o destemor para exigir sua libertação; a um humilde soldado, a valentia de correr risco de morte por servir de correio secreto entre o preso e sua mulher; a um padre, a coragem para escondê-lo em sua casa, a outro padre, a coragem para organizar a arriscada entrada do perseguido na embaixada da Colômbia.

Espero que este livro tenha o mesmo efeito comovente que teve para o autor, conduzindo os que ainda não têm fé a se encontrar com Cristo salvador e os que já a possuem a aprofundar-se ainda mais nesse encontro.

PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO

Professor e advogado, eleito deputado federal em 1962.

Foi relator do projeto de reforma agrária que integrava as reformas de base do governo João Goulart. Em 1964 teve seus direitos políticos cassados e exilou-se no Chile onde morou por seis anos.

Plínio de Arruda Sampaio é promotor público aposentado e mestre em desenvolvimento econômico internacional pela Universidade de Cornell (EUA). Foi deputado federal por três mandatos – incluindo a Constituinte de 1988 –, consultor do programa da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU). É diretor do portal de notícias "Correio da Cidadania", fundador e dirigente da Associação Brasileira de Reforma Agrária (Abra). Também é autor de Construindo o Poder Popular (Paulus, 1982), O capital estrangeiro na agricultura brasileira (Vozes, 1977), O Brasil pode dar certo (Paulinas, 1994), O que é corrupção (Paulus, 2010) e dezenas de artigos sobre a realidade brasileira.

Li com muito interesse e carinho o testemunho de *don* Pedro, que foi ministro da Agricultura no governo de *don* Salvador Allende.

No decorrer das páginas, o que me chamou a atenção foi ver a ação de Deus e da Divina Providência na vida de um homem que, partindo de sua realidade de ateu, alcança ser um verdadeiro cristão. Jesus Cristo passa a ocupar o primeiro lugar em sua vida, o que é de grande força testemunhal.

O livro é atraente, tem vida e mostra o que acontece com um homem de 37 anos que é preso e torturado de diversas formas. Talvez, a maior tortura seja a psicológica face ao desconhecido, o silêncio do cárcere, as dúvidas e inquietações de um coração que sofre e não pode prever o que acontecerá no dia seguinte.

Este testemunho foi escrito com vitalidade, com paixão... e há nestas páginas um homem de valor e de muita fé.

Sua leitura ajudará muitos a entenderem melhor o que aconteceu em 1970 e nos anos seguintes.

É um livro de surpresas, que vêm acompanhadas por um apaixonante processo de fé. Texto às vezes duro, mas que, ao lê-lo com calma, percebe-se muita ternura e bondade.

† **CARLOS GONZÁLEZ CRUCHAGA**
Bispo Emérito de Talca, líder carismático, considerado pela Ditadura, e especialmente por Pinochet, o inimigo Nº 1 do governo militar.

Sumário

Apresentação	
Olímpio Alves dos Santos	11
Plínio de Arruda Sampaio	13
Carlos Gonzales Cruchaga	15
11 DE SETEMBRO DE 1973	19
Fuga	20
Primeiro abrigo	22
PORTEZUELO	23
Casa de Deus	23
Prisão	24
Tortura	26
Renault 4L	30
PRISÃO DE CHILLÁN	33
Presos políticos	33
Primeiro parênteses	36
Primeira missa	38
Torturas	42
ILHA QUIRIQUINA	45
Marinha Chilena	45
A Prisão	47
Fernando Álvarez	51
Segunda missa	53
Segundo parênteses	53
CAMINHO DA FÉ	55
O novo testamento	55
Manuel	58
Ato de contrição	60
Morte súbita	60
DE VOLTA A CHILLÁN	63
Silêncio e escuridão	63
Terceiro parênteses	65
Tortura coletiva	65
Pombo correio	67

DO FOGO À LUZ	71
Disciplina e fé	71
Cruz branca	71
A Manuel	73
A Cruz desmistificada	75
A Cruz Vermelha	76
Gratidão	78
CONTRADIÇÕES	81
O Intendente	81
Perfume de mulher	82
O artesão	83
Isidoro	88
Presente de Natal	89
Meus Filhos	93
Cruz entalhada	94
1974	97
Ano Novo	97
Calvário	99
Insólita liberdade	101
O intendente	103
Angústia	106
Clandestinidade	109
LIBERDADE	115
Operação asilo	115
Tentativa frustrada	118
Segunda tentativa	119
Asilo	122
Quarto parênteses	124
Salvo conduto	126
EXÍLIO	131
Embarque	131
Solo colombiano	133
Solidariedade	138
Reunidos	139
Meu pai	142
Chile	144
Agradecimentos	151
Cartas	153
Currículo	157

11 de Setembro de 1973

Era o ano de 1970, estava em Lima, no Peru, contratado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) como especialista em cooperativas agrárias de produção. Quando o presidente Salvador Allende me chamou, explicando a necessidade de me incorporar como técnico ao governo do Chile, devendo por isto renunciar à carreira internacional que estava iniciando na FAO, respondi positivamente, fato que mudaria totalmente o rumo de minha vida, bem como o de toda a minha família.

Eram os tempos da Unidade Popular. No final de julho de 1973, numa das últimas crises ministeriais da época, havia renunciado ao cargo de ministro da Agricultura. Em 10 de setembro, ao sair de minha casa em Santiago, despedi-me de minha esposa, Fresia, e de meus filhos pequenos, Lorena e Andrés, sem saber que nos próximos meses não os voltaria a ver. A situação no país, especialmente na capital, encontrava-se tensa pelo enfrentamento político entre setores de oposição e partidários do governo.

O presidente Salvador Allende entregara-me a responsabilidade de desempenhar cargos importantes, como o de diretor de Planejamento da Corporação de Reforma Agrária e o de presidente do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário. Durante os três anos do governo, ocupara os três cargos mais importantes da agricultura chilena.

Naquela segunda-feira de setembro, por ordem das autoridades do Partido Socialista, saí de Santiago ao meio-dia rumo à cidade de Chillán. Buscava informações fidedignas sobre a existência de um plano, comentado naqueles dias nos meios de comunicação da capital, denominado "Plano Zeta" e do grau de organização dos setores populares na província de Ñuble para uma possível defesa armada do governo legitimamente constituído. Com grande parte da estrada interrompida e tomada por setores da oposição, a viagem, que normalmente durava seis, se prolongou por catorze horas.

Em Chillán, registrei-me num hotel turístico localizado em pleno centro da cidade, dormindo imediata e profundamente, devido ao esgotamento da viagem. No dia seguinte, 11 de setembro, às sete da manhã, fui acordado por batidas à porta do quarto. Duas camareiras, ao tomarem conhecimento do meu nome vieram me alertar que o local estava tomado por membros do movimento Pátria e Liberdade, de ideologia fascista e extrema direita, que o havia transformado em um verdadeiro quartel-general de operações "em defesa da liberdade e da democracia na província de Ñuble".

Estava registrado no quarto número 212. Fora o recepcionista noturno do hotel que alertara as camareiras para que me avisassem antes que o pessoal civil, identificado com uma braçadeira com o signo do

Pátria e Liberdade, viesse e prendesse o ex-ministro da Agricultura. Elas chegaram com apenas cinco minutos de antecedência:

– *Don Pedro!! Don Pedro!* Acorde, por favor. Desça imediatamente à cozinha, por onde poderá sair do hotel. A situação é muito perigosa, e certamente os agentes do Pátria e Liberdade virão para prendê-lo.

Com a presteza de um raio, vesti-me e consegui sair pela porta dos fundos, recebendo apoio do pessoal de serviço e dos trabalhadores do hotel. Ao entrar no meu Renault 4L, estacionado na praça de armas da cidade, e ligar o rádio para localizar uma emissora local, dei-me conta da gravidade dos fatos que estavam se desenrolando em Santiago.

Pude, então, ouvir a notícia de que “o ex-ministro da Agricultura se encontrava em Chillán, refugiado da Justiça”, que, com certeza, estaria armado, motivo pelo qual, acrescentava a mensagem radiofônica, representava “um perigo para a sociedade”.

Fuga

Comecei a percorrer a cidade, defrontando-me com várias patrulhas militares fortemente armadas. Cuidei de me aproximar das casas de meus colaboradores mais próximos, mas foi impossível entrar em contato com qualquer pessoa. Ao passar pela rua onde estavam localizados os escritórios do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário, vi os funcionários, homens e mulheres, deitados de bruços no chão, sob as armas dos militares. Ao aproximar-me dos escritórios regionais da Corporação de Reforma Agrária, a situação era semelhante: os funcionários estendidos no chão, de bruços, e os militares em busca de armas e do ex-ministro da Agricultura.

De repente, numa rua solitária, reconheci o secretário regional da Juventude Socialista, que entrou no carro e me disse que as patrulhas estavam atrás de mim, pois, segundo informações divulgadas pelas rádios locais, eu estava na cidade e teria fugido de um hotel de turismo. Assustado, contou-me que, tendo conhecimento da minha situação, os dirigentes provinciais dos partidos da Unidade Popular estavam à minha espera numa casa segura numa rua pouco movimentada da cidade.

Naquele mesmo dia, segundo informações das rádios, já encontravam-se presos o intendente da província, o diretor provincial do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e o diretor provincial da Corporação de Reforma Agrária, e mais cerca de duzentas outras pessoas, entre funcionários do agronegócio e dirigentes sindicais.

Na casa, nos encontramos com os dirigentes provinciais dos partidos políticos que formavam a Unidade Popular, todos, sem exceção, procurados pelos militares. O balanço desse encontro, que consegui informar por telefone às autoridades de Santiago, foi que não existia nenhum “Plano Zeta” na província de Ñuble e menos ainda uma organização civil de caráter militar em defesa do governo. Além disso, tampouco havia armas de fogo nas mãos dos dirigentes nem dos militantes de base.

(Esses fatos foram comprovados ao longo dos anos de governo da Ditadura Militar.)

Essa notícia, contudo, foi uma surpresa para os dirigentes do Partido Socialista, pois acreditavam nos rumores da existência de um verdadeiro “exército armado, constituído por militantes dos partidos políticos da Unidade Popular e por membros das organizações sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), incluindo o Movimento da Esquerda Revolucionaria (MIR)”, que avançaria sobre Santiago a partir de Chillán. Além disso, também diziam que no mencionado “Plano Zeta” da província de Ñuble, havia uma “lista” de dirigentes provinciais de oposição que seriam fuzilados por organizações paramilitares partidárias do governo.

Ao entardecer desse primeiro dia de governo militar, uma áspera discussão ocorreu entre os dirigentes provinciais da Unidade Popular, pois eu havia decidido entregar-me às novas autoridades da província, pensando que respeitariam meu *status* de engenheiro agrônomo, a característica discreta do meu perfil político e meu desempenho impecável como ministro. Lembrava-me bem de que no dia em que o presidente Salvador Allende tomou meu juramento como primeira autoridade da agricultura chilena, o jornal *El Mercurio*, de Santiago, escreveu em seu editorial “que finalmente a agricultura nacional estava nas mãos de um técnico de alto nível e ex-funcionário internacional”.

O desgaste psicológico e a experiência traumática que vivia me obrigaram a insistir na possibilidade de entregar-me às autoridades militares da província, para ser julgado e regressar ao convívio de minha família. Acreditava que esse meu gesto voluntário terminaria com as buscas de armas de fogo, guerrilheiros armados e um inexistente “Plano Zeta”.

Ao cair da noite de 11 de setembro, as rádios informaram que o diretor regional do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário “havia sido abatido junto com vários acompanhantes num enfrentamento armado com patrulhas militares”. Tratava-se de Reinaldo Poce, um advogado de prestígio. Durante os três anos de governo, havíamos estabelecido uma franca amizade. Soubese, posteriormente, que Reinaldo tinha sido morto no interior do Regimento de Chillán, em consequência das torturas sofridas durante os interrogatórios a que fora submetido. A morte do prefeito de Chillán e de sua esposa, grávida, no interior de sua própria casa, além de me deixar perplexo e mudo, convenceu-me de que seria inútil entregar-me, pois já sobejavam as vítimas da Ditadura Militar.

A frase repetida, “enfrentamento armado”, era a mentira usada para justificar as tantas mortes inúteis do primeiro dia do governo militar na província de Ñuble. A partir de 11 de setembro, as noites eram intermináveis, sem que fosse possível conciliar o sono devido às patrulhas constantes, com abundantes demonstrações de tiros para amedrontar a população civil. Da mesma maneira, as invasões de casas eram realizadas especialmente à noite, para assim encobrir os crimes cometidos.

À meia-noite do fatídico 11 de setembro, e após um dia cheio de tensões e emoções fortes, o grupo de dirigentes provinciais do governo deposto se despediu com a convicção de que não voltaríamos a nos ver, pelo menos em curto prazo. A sorte estava lançada e, desde aquele momento, cada um, sozinho ou em pequenos grupos, deveria tratar de sobreviver, sem nenhum tipo de apoio que garantisse sua vida. Naquela noite, depois da emotiva despedida, saímos da casa de segurança Ricardo Petinelli, Santiago Bell, ex-intendente de Ñuble, e eu rumo à casa de um dirigente sindical de alta confiança, localizada em um bairro marginal de Chillán.

Primeiro abrigo

O dirigente sindical nos recebeu em sua humilde casa. Reconheci-o, por termos estado juntos em várias oportunidades nos atos de expropriação de terras, aplicando a Lei de Reforma Agrária. Ele não dispunha das comodidades necessárias para nos receber, mas a gente da favela era majoritariamente partidária do governo e lá as patrulhas militares ainda não tinham começado a entrar para efetuar as perquirições nas moradias, como já acontecia nas favelas vizinhas. A família de nosso protetor, sua esposa e cinco filhos, ficou muito surpresa ao ver chegarem três pessoas estranhas, especialmente porque a casa não dispunha de camas, cadeiras e comodidades suficientes para tamanho número de visitantes; com as explicações do dono da casa, porém, a situação normalizou-se.

Com um pouco de organização, e, enquanto um de nós permanecia acordado atento a qualquer movimentação estranha, pudemos dormir um par de horas estendidos no chão. Ao amanhecer, já começávamos a escutar os movimentos de patrulhas militares disparando quando fugimos, atendendo ao apelo do nosso dirigente sindical que temia pela segurança de sua família. Coube a mim agradecer o apoio de família tão humilde e valente, por arriscar-se ao nos receber apesar dos riscos que abrigar perseguidos políticos implicava àquela hora. Um forte abraço da parte de cada um, com a certeza de que já não mais nos veríamos. Desse modo, viajamos novamente em nosso nobre Renault 4L rumo à Santiago, através de caminhos de terra alternativos pela Cordilheira da Costa.

Cada um de nós em silêncio refletia sobre a sua própria situação: meus pensamentos voavam a minha casa, a minha esposa e a meus filhos, e me perguntava o que estaria acontecendo. Um calafrio percorria meu corpo quando pensava o que seria de nós: "Qual seria o meu destino final e como seriam financiados os gastos diários de minha família?". Eram perguntas que não tinham respostas, e quando não se crê em Deus, não há possibilidades de pedir a ninguém para estender a mão à família. Essa porta, para mim, estava fechada.

Casa de Deus

Ao entardecer e chegarmos a Portezuelo, percorríamos suas ruas cobertas de pó, com poucos transeuntes quando, subitamente, nos deparamos com uma capela. Imediatamente, Santiago me obrigou a parar, expressando seu desejo de bater à porta, pois tratava-se “da casa de Deus”. Ao sairmos do carro, para minha grande surpresa, um padre abriu a porta, nos recebendo de forma muito amável, sem nos perguntar quem éramos, de onde vínhamos ou aonde íamos. Simplesmente, ao saber de nossa condição de fugitivos políticos nos deu abrigo, explicando-nos que proteger perseguidos políticos “era como proteger Jesus Cristo”. Pois bem, tanto Ricardo como Santiago, católicos praticantes, entenderam muito bem a postura e a mensagem do religioso. Em contrapartida, ateu declarado, nada entendi da justificativa do padre, valorizando somente a corajosa atitude e as mostras de solidariedade do prelado, permitindo, inclusive, que estacionássemos nosso automóvel dentro do pátio da igreja.

Surpreendi-me ao ver Ricardo e Santiago iniciarem, de joelhos, uma série de orações, entre as quais identifiquei o Pai Nosso e orações dedicadas à Virgem Maria, que havia aprendido na ocasião de minha primeira comunhão aos sete anos de idade, na paróquia de San Raphael, nas instalações de exploração de salitre da Oficina Salitrera María Elena. Fora um dos meus primeiros e últimos contatos, ao longo de toda a minha vida, com as cerimônias e sacramentos da Igreja, exceção feita ao meu casamento religioso, celebrado pelo bispo na catedral da cidade de Valdivia. Ao ver a figura de Jesus Cristo crucificado, pensei friamente: “Deus? Estará ele a favor dos militares que nos perseguem ou do nosso lado, que trabalhamos durante três anos em prol dos mais pobres de nosso país?”.

Reconheço que o pensamento e a pergunta eram injustos, pois era precisamente a casa de Deus que estava nos protegendo e dando abrigo, sem qualquer condição ideológica ou religiosa. O padre, uma vez terminadas as orações de meus companheiros, nos ofereceu comida quente, uma agradável ducha morna e um quarto com três camas com lençóis limpos. Durante a ceia improvisada, nos contou que soubera, através do rádio, que, junto com a sua guarda civil, o presidente Salvador Allende havia resistido ao enfrentamento armado e ao ataque aéreo ao Palácio de La Moneda, e que havia sido morto antes de entregar-se aos militares. Acrescentou também que foi possível ouvir, pelo rádio, sua última mensagem ao povo chileno.

(Em várias ocasiões, especialmente depois do 29 de junho de 1973, quando do golpe militar frustrado liderado pelo comandante do Regimento Blindado Nº 2, o presidente Allende expressara publicamente que

defenderia o seu governo até as últimas consequências e que só o tirariam morto do palácio presidencial. Jamais renunciaria ao cargo de presidente da República para o qual fora legitimamente eleito através do sistema democrático. Salvador Allende cumpriu sua promessa.)

Naquela noite, pude dormir relativamente tranquilo, sem saber que seria a última vez, nos próximos muitos meses, que teria o privilégio de comer, dormir e assear-me de forma normal. Logo teria de aprender a viver sem condições mínimas de higiene e alimentação, e sem dispor de uma cama limpa para descansar depois de tantas tensões e enfrentamentos.

Naquela noite conheci um corajoso padre, que se atreveu a abrir as portas da sua igreja em homenagem a Jesus Cristo para dar proteção e abrigo a três perseguidos políticos apesar do perigo que isso significava. À hora de nos recolhermos aos nossos aposentos, Ricardo e Santiago, dessa vez em companhia do sacerdote, rezaram novamente o Pai Nosso, depois do que, o padre rogou a Jesus que nos protegesse da violência, que começava a ameaçar sua localidade de Portezuelo.

Na quinta-feira, 13, acordamos muito cedo para nos assearmos e entramos em silêncio na capela onde, à frente do altar, uma vez mais meus companheiros rezaram de joelhos e certamente voltaram a pedir a Jesus Cristo e à Virgem Maria, ambas as imagens muito próximas de nós, para nos protegerem. A fé de meus amigos me deixou impressionado e, frente ao convite de Santiago para rezar as orações aprendidas na preparação da minha primeira comunhão, das quais mal me lembrava, não pude ajoelhar-me e agradecer a Deus por tanta bondade na pessoa do padre. Lembro-me bem de lhe dizer:

– Para que rezar se Deus está certamente do lado da Ditadura Militar e dos criminosos que estão começando a matar gente inocente?

A explicação de Santiago, que evidentemente não me convenceu, era de que Deus não era responsável pelos atos dos militares nem tampouco por aqueles dos partidários do governo. Insisti que qualquer militar católico podia estar agradecendo a Deus por ter acabado com a vida do presidente legitimamente eleito. Mas continuava admirando Santiago por sua profunda fé cristã, mesmo não sendo capaz de entender a relação de Deus com os homens, pois os homens eram “livres” para agir e responsáveis por seus próprios atos.

De repente, ouvimos o voo de um helicóptero. Sem nem mesmo agradecer a gentileza do nosso protetor, partimos no carro em velocidade pelo caminho poeirento por onde havíamos chegado. Nunca soubemos se algum vizinho nos delatou ao nos ver chegar à paróquia na noite anterior. Em Portezuelo, havíamos abastecido o carro, de modo que esperávamos que nosso trajeto fosse relativamente tranquilo.

Prisão

Pelo meio da manhã chegamos à casa de um camponês que não conhecíamos e que, ao nos ver, saiu para nos saudar, sem sequer saber quem estava diante de sua casa. Saiu também a sua mulher, acompanhada de seus três filhos, todos aparentemente menores de dez anos. Com a gentileza própria da gente do campo, nos ofereceram café da manhã, que aceitamos de maneira muito cortês.

Súbito, novamente o ruído de helicóptero. Entramos rapidamente no carro e seguimos nosso caminho. Dessa vez, contudo, o aparelho nos perseguiu de muito perto, fazendo um ruído infernal e provocando um remoinho de terra que impedia qualquer avanço. Através de um alto-falante, nos ordenaram parar:

– Atenção!! Atenção!! Pare, pois a partir desse momento estão presos. Não se atrevam a opor resistência e regressem imediatamente à casa de onde saíram!!

O pequeno trajeto com o helicóptero acima de nós, de que nunca consegui esquecer, foi assustador. Estava dominado pela incerteza e pelo medo. Ao chegarmos à casa, pudemos observar um caminhão do Exército parado, uma patrulha de militares sob o comando de um tenente e o camponês, chefe de família, deitado no chão. Protegendo evidentemente os filhos, a mulher chorava amargamente, tentando explicar que não nos conhecia e que apenas nos havia oferecido café da manhã.

Fomos recebidos pelos militares do caminhão, que nos empurraram imediatamente para o chão e começaram a nos castigar com a culatra dos seus fuzis, com uma violência que jamais imaginara. Um deles, o primeiro a me reconhecer, gritava como um louco:

– Tenente!! Tenente!! É o ministro da Agricultura!! Meu tenente, finalmente, nós o encontramos!!

À chegada do tenente, e tratando de pôr-me de pé, pensei em dar todo tipo de explicação, especialmente sobre nosso efêmero encontro com o camponês dono da casa. Sua chegada, porém, foi enérgica:

– Ao chão, seu cão de merda, está tudo acabado. Agora mandamos nós, os militares, e só responda ao que lhe perguntarem!!

Simultaneamente aos golpes com as culatras de seus fuzis, os soldados haviam começado a nos revistar meticulosamente:

– Tenente, estão limpos.

– Diga-me, seu merda, as armas estão no veículo?!!

Minha resposta foi firme:

– Não, meu tenente, não há qualquer arma no carro.

– Então, confesse imbecil, vocês têm armas escondidas em Chillán, e o Plano Zeta, quem o dirige?

– Meu tenente, juro pela minha família, o mais sagrado que tenho, que não escondemos nenhum tipo de arma em Chillán e que não existe nenhum “Plano Zeta”.

– Então por que estavam ‘fugindo’, para onde estavam indo?

– Meu tenente, não estávamos fugindo, só estávamos indo para Santiago, para estar com nossas famílias.

– Não acredito em nada do que está dizendo, seu cão! Em nada!

(Foi fácil para mim responder em termos militares às perguntas do tenente, pois no ano de 1954, aos 18 anos de idade, fiz o meu Serviço Militar Obrigatório no Regimento de Artilharia Motorizada Nº 5, com sede em Antofagasta, de onde dei baixa com a patente de sargento.)

O tenente se dirigiu aos soldados:

– Vamos, revistem todos os cantos da casa!

Nesse momento, sem soltar seus filhos, a mulher começou a chorar e a gritar: “Nós não temos nada a ver com esses senhores, eles só pararam porque oferecemos café da manhã”.

Enquanto isto, o tenente gritava:

– Rapazes, interroguem os prisioneiros e o dono da casa, a gente tem que arrancar a verdade.

Os militares faziam perguntas sobre o destino das armas escondidas na cidade de Chillán e simultaneamente distribuíam golpes. Ao final dessa cena macabra, o tenente perguntou:

– Eles declararam o paradeiro das armas?!

– Não, meu tenente. Não declararam nada, e a casa está limpa, não encontramos nenhuma arma de fogo.

– Pelotão! Esses merdas são muito dissimulados, a gente tem que amolecer eles!

Tortura

Começaram a amarrar nossas mãos por trás das costas e a vendar os olhos com um pano negro, deixando-nos em completa escuridão. Tremia-me o queixo e minha boca estava seca de poeira. Sentia muitas dores, especialmente na cabeça e nas costas. Enfim, todo o corpo era uma só dor, mas o pior era o medo, a incerteza sobre o futuro imediato, a impotência de não poder falar e explicar a inexistência de armas de fogo ou de um plano qualquer para fuzilar dirigentes de oposição. Lembro-me que me sentia preparado para responder a qualquer tipo de interrogatório, mas, a impotência de não ter sequer a possibilidade de falar sobre o destino de armas de fogo ou de algum plano específico me enchia a alma de angústia. O medo era horrível, tudo o que eu percebia era o pranto da esposa do camponês, de quem nem soubera o nome, a ver seu marido estendido à força no chão, golpeado, amarrado e com uma venda a tapar-lhe os olhos.

O tenente deu a ordem:

– Primeiro o camponês, em seguida, os prisioneiros e, depois, o ministro.

Caímos num silêncio absoluto, interrompido apenas pelos soluços da mulher, repetindo incansavelmente que “não tinham nada a ver, que esses senhores que só tinham passado na casa deles”. Estendidos no chão, pelo menos pararam os golpes em nossos corpos, mas não se escutava nenhum diálogo entre os militares, e menos ainda a voz do camponês. Perguntava-me de que maneira iriam nos amolecer, e o pior de tudo é que não podia sequer “inventar” um esconderijo de armas de fogo ou um suposto “Plano Zeta”, primeiro porque não sabia de nada, mas, sobretudo, porque no dia 11 de setembro, na reunião com os dirigentes da Unidade Popular da província, eles explicaram que não existia nenhum “Plano Zeta” e garantiram a inexistência de uma organização armada em defesa do governo, o que eu conseguira informar às autoridades partidárias de Santiago.

Um dos militares aproximou-se de mim e, sem identificar-se, disse:

- Senhor ministro, o melhor que pode fazer é confessar tudo o que sabe sobre o Plano Zeta e onde estão as armas em Chillán. Aí, eu chamo o tenente para suspender o 'amolecimento'; confesse de uma vez, pelo bem de todos vocês, para fechar a essa questão.

Insisti que jurava por minha família que não existia nenhum "Plano Zeta" e que não existiam armas em mãos dos dirigentes e nem, muito menos, das organizações populares.

- Porra, cacete, que babaca! – disse ele com muita raiva, dando a volta por trás de mim e enfiando a baioneta entre as minhas pernas, bem perto do ânus. Dei um grito aterrador e, pela primeira vez, soluzei com lágrimas de um homem ferido, começando a sentir o fio fino de sangue que me escorria pelas pernas. Não era tanto a dor, mas o medo: não estávamos escutando sinais de vida do camponês, que eles tinham levado primeiro a um rumo desconhecido.

Ao cabo de um bom tempo, em meio ao silêncio de todo o grupo, ouviu-se uma rajada de tiros, ao estilo fuzilamento, e novamente o silêncio, desta vez, sepulcral. Perguntei sem saber a quem:

- O que está se passando?

Uma voz respondeu-me:

- Parece que acabaram com ele.

Tentei chamar Ricardo e Santiago em voz alta, mas recebi imediatamente um golpe de advertência:

- Aqui ninguém pode falar sem permissão da autoridade, muito menos os prisioneiros.

Pensei nos direitos humanos, nos direitos dos presos políticos, nos nossos direitos de cidadãos chilenos, nas tradições democráticas centenárias do nosso país, tudo varrido de um dia para outro por um pelotão de militares sob o comando de um oficial egresso da Escola Militar General Bernardo O'Higgins.

Evidentemente, tudo que estava acontecendo com o nosso grupo, encabeçado por um ex-ministro de Estado, não estava sendo improvisado, obedecia certamente a um plano perfeitamente estudado, conforme expressara o tenente quanto a "amolecer os presos políticos".

Diante dos gritos dilacerantes da esposa do camponês, tive a impressão de que os militares a ajudaram a entrar em casa na companhia dos filhos, pois não voltamos a ouvir o pranto da pobre mulher, cujo único erro foi abrir a porta de sua casa, acolher o chamado e dar café da manhã a um grupo de desconhecidos.

Produziu-se novamente um longo silêncio e me vi na angústia de não saber exatamente o que estava acontecendo, sobretudo por não poder dialogar com meus amigos Ricardo e Santiago. Ouvi um soldado levantar um dos presos políticos, que, pelos protestos frente ao tormento, pude reconhecer que era Ricardo:

- Vamos lá, seu cagão, agora é a sua vez. Andando!!

Perdemos imediatamente o contato. Estendido no chão com o capuz sobre a cabeça, tentei mudar de posição. Era-me impossível permanecer imóvel por causa das câimbras e, sobretudo, por não saber o

que estava acontecendo. Além disso, a boca e a garganta secas ansiavam por um gole de água, mas sequer me ocorreu pedir, por temor de nova represália militar.

Talvez uma hora houvesse passado desde que levaram Ricardo e, em meio ao silêncio do meio-dia, ouvimos novamente disparos, produto do “amolecimento” prometido pelos militares. Que angústia! Um desejo enorme de saber o que estava acontecendo com meus companheiros. Pareceu-me que era muito pior ficar de olhos vendados e em silêncio do que receber golpes diretos dos soldados, pois aí sabia-se exatamente o que estava acontecendo e recebia-se o castigo frente a frente com os militares. Em contrapartida, o capuz negro, que nos impedia de ver o que estava acontecendo ao redor, e especialmente os longos momentos de silêncio, ia-nos diminuindo o desejo de continuar vivendo.

Novamente, escutei movimentos e o deslocamento de alguém que só poderia ser Santiago, dessa vez sem golpes, mas com ordens muito enérgicas:

– Que venha o próximo, já!

Estava só, portanto, em companhia de alguns soldados, e de pronto o desespero me deu coragem. Falando em voz alta, solicitei, por favor, um pouco d’água. Para minha surpresa, em pouco tempo um soldado me levantou o capuz e me deu de beber um pouco d’água, coisa que lhe agradei do fundo da alma. Esse fato me fez pensar que, talvez, dentro da tropa, nem todos tivessem tão más intenções, pois o soldado simplesmente recebe e cumpre ordens de seus superiores, norma que aprendi durante o serviço militar.

Depois desse momento de relativa calma, chegaram aos meus ouvidos a detonação de novos disparos, e o que mais me chamou a atenção foi não escutar os lamentos ou queixas de meus companheiros, incluindo, desde o começo, do dono da casa, que tinha sido o primeiro a sofrer esse novo tipo de tortura. Eu não podia imaginar que meus companheiros estivessem mortos, ainda que naquelas circunstâncias, sem testemunhas e somente nas mãos dos militares, qualquer coisa pudesse acontecer.

Finalmente, era a minha vez e, para minha grande surpresa, foi o próprio tenente quem chegou, dando as ordens:

– Pronto, que venha o ministro. Vamos lá, seu merda, de pé. E trate de se comportar direito, como os seus amiguinhos!!

Comecei a tremer de medo e tratei de caminhar lentamente, dentro daquela terrível escuridão e com as mãos amarradas.

Em quem pensei naqueles momentos difíceis? Em primeiro, veio-me fugazmente a imagem de Fresia e dos meus filhos pequenos, da minha sogra... Lembrei-me dos meus pais, ambos já idosos, que viviam ainda na Oficina Salitreira de María Elena, onde eu nascera há apenas 38 anos. Enquanto caminhava, sem saber para onde ia, também me recordei de minhas irmãs. Só pensava nos meus familiares mais próximos, pois com toda a certeza eles não teriam a menor ideia do que estava acontecendo então. Não pensei em Deus, à diferença de Santiago, que eu imaginara rezando e implorando por sua vida e a de seus companheiros enquanto caminhava rumo ao desconhecido.

Depois de percorrer um extenso trecho, com as dificuldades próprias de quem não pode ver por onde caminha, me puseram uma mordaça, o que me fez compreender o silêncio dos companheiros. Tornava-se cada vez mais difícil respirar. Comecei a ouvir água correndo, com certeza um riacho. De pronto, me empurram e cai no chão de bruços, como um verdadeiro saco de batatas, indo parar no fundo de uma depressão, com as consequências dolorosas de bater contra pedras em terreno irregular.

Imediatamente, um soldado me levantou do chão. Ouvi a voz do tenente:

– Agora chegou a vez de o ministro tremer de medo. E você, seu merda, que estava pensando em matar civis e militares, está arrependido?

Minha resposta foi clara e definitiva:

– Meu tenente, não pensei em matar nenhum militar e muito menos civis!

– Você está mentindo! Mentindo!

Começou o castigo. Bateram-me demais, especialmente na cabeça, que começava a sangrar. Também escorria sangue das minhas axilas, onde conseguiram me ferir com uma faca. Caí no chão e os pontapés nas costas foram muito dolorosos. Puseram-me de costas em pé, e o tenente sentenciou:

– Pronto, está na hora de acabar com este covarde!

Emitiu a ordem seca:

– ATENÇÃO! PREPARAR! APONTAR!... FOGO!!

Senti às minhas costas uma tremenda descarga de balas e caí ao chão, ouvindo imediatamente um ruído infernal, com mais intensidade no ouvido direito – ruído este que tem me acompanhado durante esses longos trinta anos.

(Posteriormente, um exame, mostrou que meu tímpano fora rompido, especialmente porque minha boca estava vedada por uma mordaça fortemente amarrada.)

Os militares celebraram como uma grande façanha terem encontrado os “fugitivos mais procurados da província de Ñuble” e nos submetido a uma terrível tortura física e psicológica. Reuniram-nos novamente e nos retiraram os capuzes e as mordaças, deixando-nos somente com as mãos amarradas atrás das costas. Ao nos vermos reunidos, não podíamos deixar de sorrir de felicidade. Afinal de contas, estávamos muito machucados, quase irreconhecíveis, com nossas roupas cheias de pó e muito doloridos, mas estávamos VIVOS!

O mais importante, contudo, foi ter ouvido Santiago, estendido no chão, torturado, golpeado, mas com forças para orar, rezar e dar graças a Deus por estar vivo:

– Pedro – sussurrou-me ele – estamos vivos pela graça de Deus.

Sinceramente, eu não era capaz de justificar tanta injustiça divina... e é evidente que me neguei a dar graças a Deus, vendo-me em estado tão depauperado física e moralmente.

Enquanto retornávamos à casa do camponês, apenas me perguntava: “Por que tanto ódio? Por que tanta violência? Por que tanta vingança? Vingança de quê?”.

A verdade é que estava preparado para responder a qualquer interrogatório que dissesse respeito às minhas atividades como principal executivo da Corporação de Reforma Agrária e do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e, portanto, responder sobre todas as minhas atividades como ministro da Agricultura. Não obstante, tinha viajado para Chillán para tomar conhecimento, com os próprios dirigentes provinciais da Unidade Popular, da existência ou não de algum “Plano Zeta” e das reais possibilidades das organizações saírem às ruas em defesa do governo.

O “interrogatório” do tenente apenas buscava fazer-me confessar quem eram os responsáveis pelo “Plano Zeta” e sobre o destino das armas de fogo. Engendrou-se um “diálogo de surdos”. Não podia simplesmente inventar fatos alheios à verdade, o que desesperava o militar que não conseguia obter uma resposta espetacular para chegar diante dos seus superiores com um verdadeiro “troféu de guerra” nas mãos, demonstrando sua “eficácia” e justificando toda a violência e os métodos tortuosos empregados para “amolecer” as pessoas e levá-las finalmente a “confessar” o que ele queria saber.

Violência por ter aplicado em todo o país a Lei de Reforma Agrária aprovada durante o governo democrata cristão do ex-presidente Eduardo Frei Montalva? É verdade que participara do governo Salvador Allende, planejando, racionalizando e efetivando a Reforma Agrária, mas respeitando a Lei. Especialmente o artigo 10 da Lei nº 16.640, que permitia apenas a expropriação de terras que dispusessem de mais de 80 hectares de riego básico*, com suas equivalências em todo o Chile, levando em consideração a reserva de terras com casas patronais ao proprietário. As terras expropriadas e pagas com Bônus da Reforma Agrária eram entregues aos camponeses organizados em assentamentos e, posteriormente, numa Cooperativa Beneficiária de Terras.

Mas, enfrentar tamanha violência por não estar a par de um “Plano Zeta” ou de onde se encontrariam armas na província, me enchia de amargura e de uma profunda decepção com o papel que desempenhava um oficial do Exército frente a cidadãos desarmados e indefesos.

Renault 4L

Terminado o “simulacro de fuzilamento”, fomos jogados dentro do caminhão, como se fôssemos pacotes. Amarrados e deitados no piso, começamos uma viagem sem saber nosso destino. Nunca mais voltáramos a ver o camponês a quem nunca deixamos de agradecer por seu corajoso gesto de recebermos em sua casa e nos dar uma xícara de chá quente.

** Traduzir-se-ia a expressão ao pé da letra por hectare de irrigação básica. Conforme a definição constante na tese de doutorado A intervenção no mercado de terras rurais no Brasil: um estudo sobre o crédito fundiário e o imposto territorial rural no período 1997-2002, proposta por Alberto di Sabbato à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 2008, o “O hectare de ‘riego básico’ é uma unidade relativa de área criada pela lei de reforma agrária chilena (Lei nº 16.640, de 1967) para garantir a comparabilidade de terras de diferentes qualidades. Possibilita equivaler, mediante coeficientes regionais, todas as terras do país a um hectare irrigado de classe I da Zona Central. Corresponde, a grosso modo, ao conceito de módulo rural adotado na legislação brasileira. (N. do T.)*

Foi uma viagem horrível. Estava sangrando na cabeça e ainda sentia o sangue escorrer nas axilas e entre as pernas. Meus amigos não sangravam. Olhávamo-nos com muito temor. Era impressionante como, nesses momentos tão difíceis em que a vida nos surpreendia, crer em Deus ajudava enormemente. O maior consolo de Ricardo e especialmente de Santiago, era orar com muita fé para que conservássemos nossas vidas. Eu continuava, sinceramente, na minha posição de que Deus, se de fato existisse, não estava ao nosso lado, pois não podia compreender tanta injustiça e o ódio do oficial contra nós.

Ao deter-se "a comitiva" diante da praça, reparei na delegacia e reconheci o vilarejo de Quirihue. Ao descermos, senti um alívio ao ver que o Renault 4L estava estacionado à frente do caminhão. Começamos a juntar gente para ver o espetáculo de três presos políticos em péssimas condições e, rapidamente, nos fizemos entrar na delegacia e nos trancaram, cada um em uma cela.

Veio-me à memória a festa popular com a presença de centenas de homens, mulheres e crianças do campo, na mesma praça de Quirihue, onde celebráramos, não havia muito tempo, junto com as autoridades municipais, a instalação do Conselho de Reforma Agrária, quando os carabineiros daquela delegacia cuidaram da nossa segurança...

Permanecemos o resto do dia nas celas. Já ia avançada a tarde do dia 14 de setembro e não ouvimos nenhum ruído de alguém à nossa procura. De repente, ouvi barulhos nas celas vizinhas e novamente os gritos de Ricardo e logo depois de Santiago, resultantes de um novo processo de torturas físicas. Depois de um longo silêncio, chegou a minha vez e três carabineiros armados abriram violentamente a porta da cela e, depois de insultar-me, começaram a me bater, especialmente nas costas, com cassetetes, as afamadas *lumas**, sem fazer qualquer tipo de pergunta.

Gritei de dor e de medo e me perguntei: "Até quando tanto tormento? Quem pode suportar tanta tortura física?".

Reconheci um dos carabineiros, talvez o mais violento, como um dos que havia me escoltado quando, na qualidade de ministro da Agricultura, havia estado na cidade para realizar o Conselho de Reforma Agrária.

Ao cair da noite, o grupo foi dividido: levaram Ricardo e Santiago no caminhão junto com a patrulha militar e, para minha surpresa, o tenente me mandou conduzir o Renault acompanhado de três soldados fortemente armados. Foi muito difícil entrar no carro: meu corpo era só dor, as feridas entre as pernas e nas axilas me incomodavam e preocupavam. A dor na cabeça, suja de sangue ressecado, e o ruído no ouvido direito eram muito intensos. Quando estava diante do volante, os soldados justificaram a medida explicando que nenhum deles sabia dirigir, e me disseram que, para a segurança de todos, deveria dirigir com muita tranquilidade. É claro que não pensava em fazer nenhuma besteira, pois o mais difícil daquele dia infernal parecia já estar passando.

* *Luma* é nome chileno de uma árvore de madeira útil (*Myrtus luma*). Como *gíria*, designa igualmente o pênis, um golpe, um insulto e, no jargão carcerário, o cassetete. (N. do T.)

Chegamos a um trecho pavimentado, o silêncio interrompido apenas pelo comentário de um soldado ao seu vizinho, de que “a mando do tenente Ramírez, o caminhão seguiria diretamente para a Cadeia Pública de Chillán, e que o nosso carro entraria na cidade em direção ao Regimento”. Essa indiscrição do soldado me permitiu, por fim, saber a identidade de quem estava no comando das ações de tortura, espancamento e abuso.

Quando chegamos à instalação militar fui recebido pelo comandante da guarda. A primeira advertência do oficial foi de que, definitivamente, eu deveria colaborar com as novas autoridades, especialmente no sentido de prover informação valiosa para impedir enfrentamentos e “evitar o que aconteceu com os senhores Poce e Alarcón”. Relacionei essa última advertência à informação divulgada pelas rádios locais, de que “ambos haviam morrido em decorrência de enfrentamento armado com os militares”. O comandante da guarda tentou me convencer de maneira muito amável e me convidou a colaborar, “porque o processo histórico” que o país estava vivendo era irreversível e o novo governo militar tinha como primeira prioridade descobrir os responsáveis pela execução do “Plano Zeta” e, evidentemente, desarmar os grupos irregulares que estavam operando na província de Ñuble.

Nas minhas condições precárias, e cercado por soldados armados, tratei de explicar ao comandante que não existia nenhum “Plano Zeta” e que uma prova de que não existiam grupos armados era que o tenente Ramirez tinha nos surpreendido sem nenhuma arma de fogo.

O comandante ficou extremamente perturbado e, mudando radicalmente de atitude, me insultou:

– Então tá, seu cagão, acabou a paciência!

Pôs sua pistola na minha cara... pensei imediatamente na morte, que havia chegado a hora final... Voltei a pensar que era melhor que tudo terminasse de uma vez, pois sequer existia a possibilidade de delatar um responsável pelo “Plano Zeta” e menos ainda de grupos paramilitares inexistentes:

– Que tudo termine de uma vez! – atrevi-me a sugerir ao oficial.

Com a pistola à minha frente, ele retrocedeu um pouco:

– ATENÇÃO!!!... APONTAR!!!... FOGO!!

De olhos fechados, ouvi a enorme descarga às minhas costas e novamente meus joelhos se dobraram. Era o segundo simulacro de fuzilamento que suportava naquele mesmo dia! Mas estava VIVO!

Graças ao meu sangue frio e essencialmente ao desejo que tinha de continuar vivendo, e porque estava dizendo a verdade, pude levar o comandante a mudar de ideia. Minha atitude teria sido muito diferente se soubesse da existência de um “Plano Zeta” e de seus autores, ou da existência de grupos armados operando na província de Ñuble. Para manter minha sólida resposta negativa diante do que estava se passando, a reunião que tivera com os dirigentes máximos dos partidos políticos da Unidade Popular no dia 11 de setembro fora chave. No fundo, aquela reunião salvara minha vida.

Prisão de Chillán

Presos políticos

Permitiram que eu terminasse de me vestir e um furgão me levou para a Cadeia Pública, onde cheguei à meia-noite e fui fichado como “preso político”, minha carteira de identidade e meus objetos pessoais foram confiscados e ficaram sob custódia da guarda da Gendarmaria. O suboficial de guarda me reconheceu como ex-ministro da Agricultura, ficando verdadeiramente surpreso ao ver-me naquele estado físico, com sangue seco nos cabelos, a camisa ensanguentada das feridas nas axilas e encurvado pelas dores nas costas e pela situação delicada das costelas. A dor e o ruído no ouvido direito eram cada vez mais intensos.

Perguntei imediatamente por Ricardo e Santiago e a resposta me tranquilizou, pois haviam chegado à Cadeia Pública, antes de mim, sem novidades. Solicitei assistência médica ao suboficial de guarda, a qual me foi negada. A enfermaria estava cheia de presos políticos, alguns em estado mais grave que o meu.

Fui encaminhado a uma cela abarrotada. Imediatamente, algumas pessoas me identificaram, mostrando-se incrédulas diante do estado físico que me encontrava.

Eu não estava em condições de contar os pormenores sofridos em todos aqueles dias; simplesmente respondi que estava muito mal e que queria descansar. Ato contínuo, abriram-me um espaço. Alguns murmuravam, insultando os militares pelo comportamento desumano dispensado a um ex-ministro de Estado.

Foi uma noite infernal, pois estávamos deitados no chão, praticamente um corpo sobre o outro. Porém, finalmente me sentia “seguro” dentro de uma cela cheia de companheiros que estavam compartilhando a mesma sorte. Foi difícil pegar no sono, porque ouvíamos lamentos, e pelo mau cheiro insuportável.

Ao amanhecer, e já sem me importar com o dia em que estávamos, ouvi o barulho alto de uma campanha que nos chamava a levantar. Em grupos de dois, saíamos para utilizar um “banheiro” com duas pias e duas privadas. Papel de jornal para limpar-se. Não existiam condições mínimas de higiene e muito menos sabonetes, toalhas ou pentes. Não obstante, era importante aproveitar a oportunidade de cuidar do corpo.

Em seguida, íamos para o pátio, tudo isso com os guardas armados a nos controlar em toda e qualquer situação. Nessa ocasião, meus companheiros ficaram espantados com a quantidade de contusões em minhas costas: “Mas, companheiro, você deveria estar na enfermaria!”. A enfermaria estava lotada com prisioneiros em estado grave.

A cadeia, preparada para abrigar quatrocentos presos, alguns há mais de vinte anos reclusos, de repente, de um dia para o outro (a partir de 11 de setembro), começou a receber dezenas de prisioneiros políticos. Quando cheguei, já éramos cerca de quinhentos, o que mudara a rotina de vida dos presos comuns.

Na parte da manhã, entrávamos em formação para sermos contados e a Gendarmaria poder conferir suas estatísticas. A cerimônia se repetia para a contagem dos presos comuns. Depois, organizava-se uma fila para os presos políticos receberem, cada um, um pão e uma caneca de café preto, que tinha gosto de tudo, menos de café, mas servia para esquentar as tripas...

Terminada a minha primeira cerimônia de contagem dos presos, dois prisioneiros políticos se aproximaram de mim. Eram médicos militantes do Partido Comunista. Em local adequado e na presença e com os comentários de outros presos políticos, me examinaram completamente, limpavam minha cabeça e as feridas nas axilas e entre as pernas com álcool e me encheram de curativos. As costas, eles a trataram com pomada e me deram pílulas de anti-inflamatório. Tudo fora cedido pelos presos comuns, um dos quais, muito impressionado, exclamou:

– Porra! Estou preso há mais de vinte anos e nunca vi nada parecido. Com os anos, a gente chega até a ser amigo dos guardas.

Em relação ao ouvido direito, explicaram-me que certamente o tímpano estava rompido em consequência das detonações. Levaram-me a um canto afastado e me acomodaram da melhor maneira possível, com ordens de permanecer em “repouso”.

Todas essas demonstrações de solidariedade me encheram de satisfação. Meus amigos Ricardo e Santiago me reconfortavam e diziam que estavam rezando permanentemente por nosso destino, e que eu confiasse em Deus porque melhores dias viriam. Todos esses sinais de caráter humanitário, os primeiros desde o *Onze*, se repetiriam diariamente enquanto permaneci na Cadeia Pública de Chillán.

Os presos políticos da terceira idade e aqueles com problemas físicos oriundos de torturas não tinham obrigação de fazer fila para receber suas refeições, entregues diretamente, coisa que me deu muita satisfação.

Na cadeia de Chillán, existia o regime normal do sistema penitenciário para os chamados presos comuns, sentenciados pela justiça comum, alguns a penas de mais de vinte anos, e um sistema de segurança especial para os prisioneiros políticos, planejado e executado por um capitão do Exército, oficiais de menor escalão e soldados. Todo este contingente fortemente armado.

Antes do Golpe de Estado, existiam na cadeia quatro setores bem diferenciados: o das celas, o campo de futebol, um grande pátio coberto onde os presos comuns comiam suas refeições e realizavam seus trabalhos de artesanato, muito famosos na cidade de Chillán (arreios, utensílios, sapatos, móveis etc) e a enfermaria. Isso significava que era permitido dispor de ferramentas, tais como brocas, plainas e facas. Além disso, existia um setor de pensionato para os presos comuns que dispunham de recursos econômicos.

Entretanto, com a chegada do enorme número de presos políticos, entre camponeses, dirigentes religiosos, funcionários de diversos serviços públicos, incluindo profissionais como advogados e médicos, a organização do recinto carcerário teve que ser reformulada.

Os militares, certamente em conjunto com as autoridades da Gendarmaria, haviam dividido os setores das celas, campo de futebol e pátio coberto em áreas distintas para presos comuns e presos políticos, estes últimos ocupando a metade das celas, do campo de futebol e do pátio fechado das oficinas de artesanato. Isto explicava a aglomeração humana existente...

A situação era altamente complexa, pois, antes de 11 de setembro os presos comuns tinham todo o espaço carcerário para sua rotina de vida e trabalho. Sem que pudessem interferir, de repente sua rotina fora mudada, pois iniciara-se a reclusão em massa de prisioneiros políticos, os quais viriam ocupar o mesmo espaço, produzindo-se assim uma densa concentração de reclusos em ambos os setores. Em celas com capacidade para vinte presos que dormiam em dez beliches, à chegada maciça de prisioneiros políticos, retiraram-se os beliches para abrigar, no mesmo espaço, quarenta presos, todos dormindo no chão.

Nos primeiros dias após o 11 de setembro, conseguiu-se controlar a distribuição da população carcerária, especialmente no campo de futebol e no pátio artesanal. Porém, logo depois da nossa chegada, além do espaço correspondente à enfermaria entrar em colapso, devido ao número excessivo de presos políticos com problemas oriundos de torturas, tornou-se impossível manter aquela distribuição. Finalmente, antes das *Fiestas Patrias**, todos os presos foram misturados, sendo separados às seis horas da tarde para a contagem e a reclusão nas respectivas celas.

A noite era muito difícil. Doze horas enfrentando a superlotação e a falta de condições de higiene. Porém, era curioso, sentíamos uma certa "segurança", já que durante este período ficamos sob a guarda da Gendarmaria e, portanto, havia poucas possibilidades de sermos submetidos a torturas, como durante o dia, quando ficávamos em poder dos militares.

Essa nova ordem de misturar no recinto carcerário tanto presos comuns como presos políticos acalmou os ânimos dos presos comuns, pois recuperaram seu espaço e seus locais de trabalho, de que alguns dispunham há mais de vinte anos.

A rotina só era suspensa às quartas-feiras e domingos à tarde, dias de visita dos familiares e amigos dos presos comuns. Nessas ocasiões, nós, os presos políticos, tínhamos que permanecer em nossas celas, pois não tínhamos nenhum regime de visita.

Eu continuava o tratamento das feridas, a cargo dos médicos detidos, que faziam tudo o que estava ao seu alcance para atender e examinar "cl clinicamente" os muitos companheiros que chegavam "machucados".

"O que estaria acontecendo com meus familiares?"

* Conhecidas como *El Dieciocho* [O dezoito], trata-se de uma festividade realizada anualmente em 18 e 19 de setembro, para comemorar a formação do Chile como Estado Nação Independente da Coroa Espanhola. (N. do T.)

Primeiro parênteses

Minha esposa comentou comigo depois que, a partir do 11 de setembro, também a vida de minha família mudara para sempre. Naquele dia ela estava em companhia dos nossos filhos, da senhora sua mãe e de seu irmão com sua esposa e filhos. À época, minha irmã Juana e seu esposo Arturo moravam em apartamento próprio em Santiago.

Depois do dia 12 de setembro, minha esposa Fresia, junto com minha irmã Juana e meu cunhado Arturo, viajaram para Chillán em busca de informações sobre o meu paradeiro. Na sede do Regimento de Chillán, Fresia pediu para falar com o oficial de guarda, identificando-se como a esposa de Pedro Hidalgo, o ministro da Agricultura, explicou:

– Estou vindo de Santiago para saber o paradeiro de meu marido, o ministro da Agricultura, que chegou a Chillán no dia 10 de setembro.

A resposta do oficial foi muito seca:

– Seu esposo não se encontra nas dependências do Regimento.

Em seguida, visitaram a Cadeia Pública, em cuja porta encontrava-se uma centena de mulheres à procura de informações sobre seus familiares. Não foi nada fácil entrar no gabinete do comandante do Exército, responsável pelos presos políticos, para fazer a mesma inquirição:

– Vim saber do paradeiro de meu marido, o ex-ministro da Agricultura.

O oficial também negou minha presença na Cadeia Pública. Posteriormente, Fresia e Juana, se dirigiram às diferentes delegacias da cidade e, evidentemente, em nenhuma delas me encontraram. Percorreram todos os hotéis e comprovaram que eu não estava registrado em nenhum. Em toda parte, havia um desconhecimento absoluto sobre a minha pessoa. Tiveram que voltar para casa sem qualquer informação que identificasse a minha situação.

Em casa, todos continuavam extremamente preocupados, inclusive meus pais, Juan e Clara, e minha irmã Clara, que moravam nas antigas instalações da Oficina Salitreira María Elena.

Meu pai, presidente da Assembleia do Partido Radical da Oficina Salitreira, ficara orgulhoso no dia em que prestei juramento como ministro da Agricultura, e a casa se encheu de vizinhos que vieram felicitá-lo pelo cargo tão importante que um filho das salitreiras iria ocupar. Quando meu pai e minha mãe souberam da minha prisão, pensaram: "Nada de mal pode acontecer com o nosso filho, pois é um grande profissional e muito honrado. Além disso, nós confiamos nos militares e, considerando os antecedentes dele, achamos que deverão libertá-lo o mais rapidamente possível". Era o pensamento de pessoas que conheciam muito bem o filho e estavam muito seguras de que ele seria bem tratado pelas novas autoridades e os militares do novo governo.

Em Santiago, segundo minha esposa, o regresso à casa foi muito delicado: sem ter notícias do meu paradeiro e sem poder dar explicações aos filhos sobre a ausência do pai. Lorena, nossa filha de apenas sete anos, perguntou onde estava seu pai, pergunta muito difícil de responder com a verdade, de modo que a mãe disse-lhe apenas:

– Ele ainda está trabalhando em Chillán.

A mesma Lorena, ao ouvir as explicações de sua professora, uma monja do colégio *Compañia de Maria*, sobre a situação que o país estava vivendo, conversou com a mãe e expressou seu desejo de não voltar mais ao colégio. Fresia foi visitar a professora e, através do esforço combinado de ambas, convenceram minha filha a terminar o ano letivo.

Em Santiago, nossa casa fora invadida por uma patrulha militar, que buscava armas e não se importou com a presença da família e de meus filhos pequenos. Essa operação, que obviamente não teve nenhum resultado, pois não tínhamos armas de fogo, deixou marcas para sempre em toda a família.

Antes das *Fiestas Patrias*, Fresia, minha irmã e meu cunhado regressaram a Chillán para uma nova busca, com esperanças de poder localizar-me e de ficarmos juntos alguns minutos. Devido à grande quantidade de mulheres esperando para conversar com o oficial de guarda, demoraram a entrar em seu gabinete e fazer a pergunta que já era rotina:

– Encontra-se meu marido, o ex-ministro da Agricultura, neste estabelecimento carcerário?

A resposta, também de rotina:

– Não está registrado neste estabelecimento penitenciário...

Mas surgiu uma esperança, pois uma senhora, também à espera de entrevistar-se com o oficial, recomendou a Fresia que fosse novamente ao Regimento, onde todos os prisioneiros políticos estavam sendo registrados.

No Regimento, se encontraram com o tenente Ramirez, o mesmo que me prendera em Quirihue e submetera à tortura do simulacro de fuzilamento:

– Senhor oficial, sou a esposa do ex-ministro da Agricultura e gostaria de saber se ele está registrado na lista de presos políticos.

É evidente que a negativa foi imediata, expressando um pretenso desconhecimento sobre o meu paradeiro. Fresia se encontrou posteriormente com o novo oficial de guarda, que confirmou minha ausência da lista, mas disse que o Renault 4L estava estacionado no pátio de Regimento e que eles poderiam retirá-lo, sem problemas.

Fora doloroso para Fresia recuperar o veículo com a documentação em meu nome e reconhecer minha roupa jogada ao assoalho com meus objetos pessoais.

Ela, minha irmã e meu cunhado não perderam as esperanças de que acabariam recebendo informações e poderiam me localizar. No entanto, dessa vez o capitão de guarda fora muito duro e recomendara que não continuassem a busca, pois simplesmente não me encontrariam. Foi um golpe forte para Fresia, cujos olhos encheram-se de lágrimas. Naquele momento fora notificada pela autoridade militar que eu era um "preso político desaparecido".

A viagem de regresso da minha família a Santiago em meu próprio carro provocou-lhe sentimentos contraditórios: ao mesmo tempo em que celebrava a recuperação do veículo, minhas roupas e objetos

personais, Fresia sentia muito retornar à casa mais uma vez sem informações sobre o destino do pai para Lorena e Andrés. Estava também assustada pela advertência do oficial de guarda do Regimento quanto a não continuar a busca.

“E agora, a quem recorrer? A quem pedir uma explicação?” Fresia sentia-se inteiramente impotente, num país em que, apenas há quinze dias, os direitos humanos eram respeitados.

Primeira missa

Chegaram as *Fiestas Patrias* de 1973 e com elas um momento que me marcaria para toda a vida.

Em comemoração à data nacional, as autoridades da Cadeia Pública de Chillán promoveram uma missa no campo de futebol da casa de detenção às dez horas da manhã. Os católicos, muito felizes, organizaram sobre uma grande mesa um altar de flores, velas e as figuras de cerâmica do Jesus Crucificado e da Virgem Maria, segundo os ritos e a tradição da Igreja.

Lembro-me de ter assistido a esse “evento” com muito respeito, mas sem saber exatamente, devido à minha condição de não crente, em que consistia a Eucaristia, assim chamada por companheiros católicos.

Chegaram à cadeia o bispo da diocese de Chillán, o capelão da Cadeia Pública e um outro padre e, com muita calma, retiraram de uma maleta os objetos necessários à missa. Chamou-me a atenção o cálice, uma pequena garrafa de vinho, água, uma grande quantidade de hóstias e uma Bíblia.

Era um momento singular. Há apenas uma semana, estava em companhia de minha esposa e de meus filhos e, agora, encontrava-me preso e torturado na casa de detenção de Chillán assistindo a uma missa, o que não fazia há mais de trinta anos!

A cerimônia adquiriu um caráter muito impressionante devido à participação dos guardas da Gendarmeria, de um grupo de militares, encabeçado pelo comandante da guarda, a totalidade dos presos comuns e a maioria dos presos políticos, com marcas de castigos e torturas. Ao todo, quase mil pessoas, inclusive os evangélicos – a exceção eram apenas alguns presos políticos ateus ou não cristãos.

Sentei-me em uma das primeiras filas, ao lado de católicos praticantes, para poder ouvir bem, já que meu ouvido direito perdera quase totalmente a audição. Ao iniciar a cerimônia, o bispo solicitou aos presentes que, em silêncio, reconhecessem os seus pecados. Observei guardas e militares, certamente muito católicos, participarem ativamente da missa. E me perguntava: “Quais são meus pecados?... E os militares? Eles reconheciam, como torturadores, seus pecados perante Deus?”.

Não demorou muito e um dos sacerdotes solicitou que os presentes se levantassem para ouvir a leitura da Bíblia. Segundo meus vizinhos, o primeiro padre leu um parágrafo do Velho Testamento e, em seguida, o capelão leu uma carta do apóstolo Paulo. Depois, interveio o bispo, que, junto com a maioria dos presentes, começou a fazer o Sinal da Cruz. Com o polegar da mão direita faziam uma pequena cruz na

testa enquanto diziam: “pelo Sinal da Santa Cruz”; outra pequena cruz sobre a boca enquanto diziam “livrai-nos, Senhor nosso Deus, dos nossos inimigos”; e, para terminar, uma última cruz no peito: “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

Uma oração muito simples, mas que me impressionou, pois a considereei plena de significado. Especialmente pelo momento do sinal da cruz sobre a boca: “livrai-nos, Senhor, dos nossos inimigos”. Chamou-me a atenção que os evangélicos não participassem desse simbolismo. O bispo leu um parágrafo do Novo Testamento denominado Evangelho, mas não me recordo o autor e tampouco o conteúdo. Todos os presentes escutaram a leitura da Bíblia com muita atenção.

Foi interessante observar que não houvera, naquele momento, diferenças marcantes entre católicos, evangélicos e não crentes, porque, no fundo, todos necessitávamos de um momento de recolhimento e meditação, e de uma evocação muito sincera dos nossos familiares.

Eu não participava de uma missa desde o dia de minha primeira comunhão, quando tinha sete anos de idade, quer dizer, cerca de trinta anos antes. Durante toda a vida, especialmente durante a adolescência e juventude, estive completamente alijado da Igreja e, por isto, da crença em Deus. Quando estudante na Universidade Austral de Chile, além de participar do Partido Socialista, porém, também militava em um grupo da Juventude Maçônica de Valdivia.

Terminada a leitura da Bíblia, todos se sentaram para escutar, respeitosa e, a mensagem do senhor bispo da diocese de Chillán, cujo nome não me recordo, dirigida especialmente aos presos políticos. No auge de seu discurso, disse com muita ênfase:

– Os senhores foram consequentes com suas posições ideológicas e chegaram a este estabelecimento prisional na qualidade de presos políticos, responsáveis pelos erros cometidos durante esses três últimos anos de governo da Unidade Popular.

E acrescentou:

– Muito distinta foi a atitude do presidente Salvador Allende, que, num gesto covarde, preferiu o suicídio a enfrentar as consequências e entregar-se às novas autoridades que estão dirigindo o país.

Eram palavras muito duras em meio ao milhar de prisioneiros políticos que escutavam o sermão sacerdotal. Olhei de soslaio para meus companheiros católicos, mas a maioria estava com os olhos abaixados.

No fundo da minha alma, tive vontade de responder e falar sobre a atitude dos militares presentes, desde o primeiro dia em que fora capturado, como um representante máximo do governo Salvador Allende. Sabia, porém, que se me atrevesse a protestar em voz alta, decretaria minha sentença de morte. E continuei participando, ainda que meu desejo fosse abandonar a cerimônia. O ambiente ficara muito tenso e um silêncio muito profundo tomou conta do pátio. Cada um de nós, particularmente eu, pensava: “E agora, qual será nosso destino final?”.

Subitamente, começou a repicar, muito leve e pausadamente, o sino da cadeia, aquele mesmo sino que chamava, com o auxílio do alto-falante, os presos para saírem das celas para a “cerimônia de tortura”. A maioria dos participantes se ajoelhou em sinal de respeito. Meu vizinho de banco sussurrou, dizendo

para eu me levantar, pois chegara o ponto mais importante da missa. Tratava-se de recordar, naquele momento, naquele cárcere, o que tinha acontecido há dois mil anos durante a última ceia de Jesus Cristo com seus apóstolos.

Naqueles momentos dramáticos, Jesus tomara o pão e dissera a seus apóstolos: "Tomai e comei este pão, porque é o meu corpo". Em seguida, ao final da ceia, tomara um cálice de vinho e lhes dissera: "Bebi este vinho, porque é o meu sangue, que será derramado por vós". E para finalizar, comentou meu amigo, Jesus Cristo dissera aos seus apóstolos: "Façam-no em comemoração a mim". Essa a cena que se representava na missa. A hóstia, portanto, representava o corpo e o sangue de Jesus Cristo, que os católicos praticantes receberam da parte do bispo, com emoção.

Quando o bispo convidou-nos a rezar o Pai Nosso, foi com surpresa que me dei acordo de que aquela oração aprendida havia aproximadamente trinta anos e nunca mais pronunciada, a oração que Jesus Cristo ensinara há dois mil anos, ainda estava inteira na minha memória e ia rezá-la ali, no cárcere em Chillán:

*"Pai nosso que estais no céu
Santificado seja o vosso nome
Venha a nós o vosso reino
Seja feita a vossa vontade
Assim na terra como no céu
O pão nosso de cada dia nos dai hoje
Perdoai as nossas ofensas
Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido
Não nos deixei cair em tentação
E livrai-nos do mal
Amém".*

Rezar o Pai Nosso com muita devoção numa missa dominical não tem o mesmo significado de rezar em uma missa celebrada numa prisão, nas circunstâncias em que estávamos, presos e torturados pelos militares por razões políticas. "Seja feita a vossa vontade/Assim na terra como no céu" e "Perdoai as nossas ofensas/Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido" soavam muito duro aos meus ouvidos. Naquele momento não estava seguro de ser capaz de perdoar aqueles que vinham nos torturando sem nenhuma justificativa, e tampouco estava realmente seguro de que, com o que estava ocorrendo todos os dias no Regimento e na Cadeia Pública, nós devêssemos nos conformar com a "vossa vontade"...

Quando o bispo abriu os braços e nos disse "que a paz do Senhor esteja convosco", pedindo em seguida para abraçarmo-nos como sinal de paz entre nós, perguntei-me de que tipo de paz estaria falando aquele senhor, quando os militares presentes à missa haviam declarado *guerra* contra nós. O comportamento que tinham para conosco era pior do que o reservado a "prisioneiros de guerra", sem nenhum respeito pelos nossos direitos.

Lembro-me de que o grupo de companheiros que estava à minha volta me deu a mão e um abraço, dizendo com muito sentimento: "Que a paz do Senhor esteja contigo, companheiro, e com a tua família". Pensei na paz que tanto necessitavam naqueles momentos difíceis Fresia e meus filhos, meus pais, minhas irmãs... Por isto, também me incorporei àquele ritual, dizendo com muito respeito a cada um deles: "Que a paz esteja com os seus familiares".

E fez-se silêncio absoluto: iniciava-se a comunhão.

Eu pensava sarcasticamente que aquele ato de fé cristã, na dura realidade que estávamos vivendo, servia tanto para as vítimas como para os vitimadores. Era possível que esse pensamento não estivesse de acordo com aqueles dos católicos praticantes, pois realmente foi muito emocionante observar a fé com que receberam a hóstia, o corpo de Jesus Cristo já consagrado pelo senhor bispo.

Lembrei-me de Fresia, pois na cidade de Valdivia havia pertencido à Ação Católica e, por isto, comungava quase diariamente. Também me recordei que, na época em que éramos noivos, quase todos os dias a acompanhava à missa. Ficava na porta da catedral esperando por ela. Sempre lhe dizia que era por respeito que não entrava na igreja, em função de minha absoluta falta de fé e por não querer aparentar uma atitude "interessada", já que não acreditava em Deus. É possível que a minha ignorância religiosa não tenha me ajudado a compreender o sentido universal da missa católica; em todo caso, reconheço que foi um grande acerto da Gendarmaria organizar aquele ato litúrgico.

A missa terminou com alguns cantos religiosos que alegraram o ambiente e não faltaram companheiros a felicitar-me por minha presença. Além disso, devo dizer que não fiz nenhum comentário "adverso", especialmente em relação ao sermão do senhor bispo e ao "abraço da paz".

Um grupo de presos políticos cercara o capelão da Gendarmaria e organizaram uma fila para falar com ele. Um companheiro me explicou que haviam pedido ao capelão para levar algumas mensagens telefônicas a seus familiares. Interessei-me imediatamente e esperei minha vez: "Senhor, gostaria que passasse uma mensagem telefônica à minha esposa, Fresia, para que saiba que estou na prisão de Chillán como preso político e que estou muito bem. Ela não precisa ficar preocupada". O sacerdote anotou o número de telefone e me disse que, naquela mesma noite, conversaria com minha esposa.

(O capelão cumpriu sua missão e no dia 18 de setembro de 1973, à meia-noite, telefonara para minha casa e conversara brevemente com Fresia: "Senhora... quem está falando é o capelão da Cadeia Pública de Chillán, para dizer-lhe que seu esposo, Pedro Hidalgo, está detido na qualidade de preso político e que encontra-se sem novidades"... E por razões óbvias, sem esperar resposta, desligou o telefone.

Era a primeira vez, desde a segunda-feira 10 de setembro, que Fresia recebia notícias de seu marido, e para ela foi um "milagre" saber que me encontrava bem. Foi um imenso alívio, pois as notícias no rádio e na televisão não eram nada boas, especialmente em relação ao destino dos prisioneiros políticos de alto escalão do governo de Salvador Allende. Fresia pôde dormir mais tranquila e preparar-se para viajar novamente a Chillán, apesar de saber que ainda não haviam autorizado visitas dos familiares. Mas saber que eu estava na Cadeia Pública e especialmente que estava bem... Hoje, ainda fico imaginando como todos os familiares que foram contatados pelo capelão, se sentiram.)

Torturas

No dia 20 de setembro ao entardecer, um grupo de prisioneiros políticos foi chamado pelos alto-falantes. A maioria ex-funcionários públicos, dirigentes políticos provinciais e líderes sindicais, e, claro, o ex-ministro da Agricultura. Fizeram-nos entrar num furgão do Exército com guardas armados e saímos rumo ao desconhecido. Começava uma nova fase de incerteza e, sobretudo, de medo.

Percorridas várias ruas da cidade de Chillán, nos detivemos e percebemos que entrávamos no prédio das *Investigaciones*.* Lembro-me de ter exclamado:

– Finalmente, vão começar os interrogatórios!

Recomendei a meus companheiros que tivessem muita calma, respondessem somente a verdade, pois íamos ser soltos depois, com certeza.

– Eles vão comprovar que não existe nenhum “Plano Zeta”, e muito menos armas escondidas na província.

Fomos levados às celas em grupos de dois ou três. Fui encaminhado a uma cela individual que não dispunha de cama, pia ou privada. Percia-me um local para presos “em trânsito”. Esperei calmamente, mas o silêncio persistiu até bem tarde da noite. De repente, ouvi ruídos nas celas vizinhas e observei que levavam três companheiros, certamente para serem interrogados. Qual não foi minha surpresa – maiúscula! – quando comecei a ouvir gritos, provavelmente oriundos dos golpes e das novas torturas infligidas pelos funcionários da Polícia de Investigações. Uma vez terminada a “surra”, os prisioneiros foram trazidos de volta às suas celas e pude observar as péssimas condições em que se encontravam. Esse ritual se repetiu com todo o grupo de prisioneiros, e todos voltaram em más condições, queixando-se de dores. Só restava eu sem ter sido levado ao local de tortura. Passou um tempo e, claro, chegaram três funcionários para me retirar da cela aos empurrões.

– Este é o peixe grande – diziam – este é o ministro da Agricultura...

Puseram-me numa sala desocupada, sem móveis, apenas uma ampolheta pendurada ao teto. Ali te-rei permanecido por um par de horas e ninguém apareceu para falar comigo. Subitamente, abriu-se a porta e entraram dois funcionários, cada um com um cassete e começam a me bater. Tratei de me esquivar, aproveitando-me da amplitude da sala, mas de repente me jogaram ao chão e começaram a me dar golpes em todo o corpo. É evidente que comecei a gemer levemente, até que não suportei mais e meus gritos, mesclados de prantos, invadiram o edifício da *Investigaciones*.

Outra pessoa entrou na sala:

– Pronto chefe, pode ter o prazer de ‘amolecer’ este cagão – lhe disseram.

O chefe da *Investigaciones* gritou:

– Você não gostava de expropriar terras, seu merda?! Pois chegou a hora de pagar a conta!

* Trata-se da PDI – Policía de Investigaciones de Chile. (N. do T.)

E enquanto os funcionários me seguravam, esse senhor se deleitava a golpear-me com o cassetete em todo o corpo. Eu protegia a cabeça o mais que podia, pois ainda estava em condições muito delicadas.

Cansados daquela “operação especial”, deixaram-me novamente só, largado no chão. Sentia-me um “imbecil ingênuo” por ter pensado que por fim iriam nos interrogar! Pouco depois, levaram-me para a cela, onde não fui capaz de dormir por causa das dores provocadas pela tortura a que me submeteram os funcionários da *Investigaciones de Chile*.

Na manhã seguinte, nos deram uma caneca de café, o que veio a mitigar a sede acumulada naquelas horas tão difíceis. Quando nos tiraram das celas pude comprovar as péssimas condições dos meus companheiros.

– Ânimo – lhes disse, pois sentia que minha responsabilidade era maior quanto a elevar o moral do grupo e nossa situação era muito difícil – logo se fará justiça em nosso país, pois os delitos nunca ficaram impunes.

Um veículo militar veio nos buscar, com sua respectiva guarda armada. Mais uma vez, subimos e saímos rumo ao desconhecido... “E agora, aonde nos levarão?” Depois de percorrer várias ruas da cidade, chegamos a uma delegacia de Carabineiros, onde nos esperava o oficial de guarda dos *Carabineiros de Chile*.

Eram somente três celas, onde entraram as dezesseis pessoas que constituíam o nosso grupo. Ninguém podia sentar-se e, muito menos, deitar-se no chão. Ficávamos de pé e sem fazer muitos movimentos. Assim passamos o restante da tarde e toda a noite, buscando nos organizar da melhor forma possível para podermos descansar por turnos. Em momento algum, porém, conseguimos dormir. Tais eram os “tratamentos psicológicos” usados para abater ao máximo o nosso moral.

Na manhã seguinte, ao sairmos das celas, nos sentimos quase “em liberdade” ao mover nossas pernas. Recebemos a “tradicional” caneca de café preto, que sempre servia para matar a sede. Estivemos toda a manhã no pátio da delegacia, pensando em que destino encontraríamos no restante do dia.

Ao cair da tarde, puseram todos os prisioneiros contra um grande muro, obrigados a olhar para a parede e ficar de pernas abertas. Nessa posição, começaram a nos golpear nos ombros e nas pernas. Quando chegou a minha vez, só pensava em como proteger a cabeça muito ferida, mas fui capaz de resistir aos golpes nos ombros. Foi uma situação dantesca, diante do oficial de guarda, escutar os gritos dos presos e os insultos dos carabineiros.

Muito perto de mim, estava um jovem que me disse que, só por ser militante do Partido Socialista e ter sido denunciado por vizinhos, tinha sido preso e levado numa patrulha para a Cadeia Pública. Os golpes continuavam, especialmente da parte de um cabo muito gordo, que tirava prazer evidente de golpear suas vítimas com força.

O gordo começou a espancar o jovem socialista, que, para assombro de todos, se virou e gritou a plenos pulmões:

– Papai, chega, pare de me bater! Papai, sou eu. É o seu filho quem está preso aqui!

O garoto chorava. O gordo cabo dos Carabineiros, assustadíssimo, atirou o cassetete ao chão e eles começaram a se abraçar, ambos soluçando. O oficial de guarda mandou suspender as ações, o filho foi retirado e levado para uma cela individual para “acalmar-se”, pois estava demasiado alterado, e vários carabineiros pegaram o cabo, levando-o, muito abalado, para dentro da delegacia.

Estávamos nessa insólita situação, resultante de sermos tratados como verdadeiros “animais de rapina”, quando chegou um novo veículo militar e fomos enviados de volta à Cadeia Pública.

É curioso como mudam nossos sentimentos dependendo da situação vivida. A verdade, é que quando entramos na Cadeia Pública, de certo modo nos sentimos mais tranquilos e protegidos, pois estávamos de novo nas mãos da Gendarmaria.

Poucos dias depois, e para o assombro de todos, especialmente do grupo torturado pelos carabineiros, vimos entrar, na condição de preso político, o gordo cabo, pai do jovem socialista. Nunca soubemos por que ele viera parar na Cadeia Pública; passava os dias muito calado, sem dirigir-se a ninguém por medo da repressão, e tinha um aspecto irreconhecível. Os evangélicos se encarregaram do novo irmão, que certamente esperava ser perdoado por seu filho um dia.

Os comentários dos presos coincidiam, todos achavam que em breve autorizariam visitas de familiares. Essa era, realmente, a única coisa que desejava: poder abraçar Fresia e saber como a família estava enfrentando a situação sem os recursos do pai. Como estariam meus filhos, minha sogra, meu cunhado e sua família, minhas irmãs e meus pais na Oficina Salitreira María Elena?

O desconhecimento e a falta de informações eram outra forma da tortura psicológica, parte da estratégia militar. A rotina na cadeia se limitava a caminhar no campo de futebol e a prestar atenção quando tocavam o sino e chamavam determinados prisioneiros políticos pelos alto-falantes para sair do estabelecimento, rumo a locais previamente organizados para serem torturados. É claro que, por meio de rumores e comentários, sabíamos das “experiências” de cada grupo. O que havia em comum é que todos os grupos regressavam à noite, para evitar o reconhecimento pelas centenas de mulheres que passavam os dias às portas do estabelecimento em busca de informações sobre seus entes queridos.

Houve uma enorme desilusão e frustração na cadeia quando tomamos conhecimento de notícias divulgadas por rádio e televisão – aparelhos permitidos aos presos comuns – de que altos representantes do governo, parlamentares, dirigentes, ex-ministros, inclusive o da Agricultura, diziam eles, e outras figuras emblemáticas estavam pedindo asilo, entrando em embaixadas como refugiados políticos.

Tive que argumentar com os companheiros de cárcere e de tortura que diante do péssimo estado físico em que nos encontrávamos, sem assistência médica, sem poder mudar de roupa, sem ter tomado sequer um banho e sem alimentação adequada, tínhamos que ficar felizes por aqueles representantes estarem a salvo dentro de alguma embaixada, pois, nas mãos dos militares, suas vidas, como as nossas, estariam em perigo. Senti-me orgulhoso, pois estava “desempenhando um papel” importante, ajudando meus companheiros presos a mudar a imagem que tinham dos parlamentares, dirigentes e militantes políticos revolucionários privilegiados que então já estavam refugiados nas diferentes embaixadas em Santiago.

Ilha Quiriquina

Marinha chilena

Num dos últimos dias do mês de setembro, um micro-ônibus particular das linhas regulares de Chillán entrou na Cadeia Pública. Ato contínuo, fizeram repicar o sino e chamaram pelos altofalantes dezesseis presos, todos dirigentes políticos, líderes sindicais reconhecidos, funcionários públicos e ex-intendentes, e, como não poderia deixar de ser, o ex-ministro da Agricultura.

Fizeram-nos entrar no veículo, conduzido por um motorista civil. Um oficial do Exército ordenou que nos deitássemos no assoalho, para não sermos vistos pelas mulheres que faziam vigília diariamente do lado de fora, atentas a qualquer movimento dos detidos. Entraram seis soldados fortemente armados e se distribuíram por todo o micro-ônibus, que partiu em direção desconhecida. As mulheres que estavam à porta da cadeia não se deram conta da presença de tantos presos políticos no interior do micro-ônibus. Meia hora teria se passado quando o oficial nos mandou sentar, cada um em seu lugar. A mim, puseram num banco da frente.

Fiquei muito impressionado ao notar, entre nós, um senhor idoso de cerca de oitenta anos, de cabelos completamente brancos: Mario Mancilla, advogado, dirigente do Partido Comunista, com quem estabeleci posteriormente uma franca amizade.

Começamos a observar a paisagem e nos demos conta que estávamos indo para o sul do país. Segundo as placas de sinalização na estrada, para Concepción. Efetivamente, depois de aproximadamente oito horas de viagem, chegamos à cidade de Penquista, ao estádio regional. Nosso ônibus parou diante do portão da instalação desportiva, transformada em prisão para abrigar os presos políticos da região.

O capitão oficial de guarda e o tenente do Exército que estava no comando do nosso grupo iniciaram um insólito diálogo, que só consegui ouvir porque estava sentado em um dos primeiros bancos:

- Meu capitão, segundo as instruções recebidas por meus superiores na Intendência de Ñuble, encontram-se neste veículo dezesseis presos políticos, a serem entregues ao oficial de guarda do Estádio Regional.
- Sinto muito tenente, mas nenhum preso político pode entrar no recinto do estádio. Está abarrotado, com excesso de população. Nesse caso, parece-me que os senhores devem regressar a Chillán ou seguir viagem até Talcahuano. Espere um momento por minhas ordens.

Era uma resposta incrível, para dizer o mínimo.

Passara-se meia hora quando o capitão chegou novamente:

- Tenente, falei com meu coronel Christian Guedelhofer, intendente da província de Ñuble e chefe da zona em estado de sítio, e com o comandante da Base Naval de Talcahuano. Ficou decidido que esse pessoal deve ser levado, neste mesmo veículo, para a Base Naval de Talcahuano. Imediatamente!
- Às suas ordens, meu capitão.

E o tenente subiu imediatamente no micro-ônibus.

Já era de noite quando chegamos à base naval. O capitão que nos recebeu nos falou de forma muito enérgica que, em cerca de uma ou duas horas, subiríamos a bordo de uma barçaça com destino à ilha Quiriquina e aproveitou para insultar brutalmente a figura do ex-presidente Allende:

- O covarde, maricas, morreu na Presidência da República em vez de entregar-se às novas autoridades.

Segundo ele, daquele ponto em diante estaríamos em poder da Marinha de Guerra, nosso comportamento tinha que ser exemplar. Os membros da Marinha do Chile não mentiam, garantiu-nos, e receberíamos um tratamento justo na ilha Quiriquina.

Desde o início, a viagem se mostrou complicada. Fizeram-nos subir a bordo da barçaça por um pranchão sob o qual via-se o mar encrespado. Era necessário ter sangue frio para caminhar e não cair na água. Felizmente, não tivemos nenhum acidente a lamentar. Instalaram-nos na proa da embarcação, recebendo o vento gelado e a umidade do mar. Foram aproximadamente quatro horas de viagem, com frio – não tínhamos qualquer agasalho – e medo – não sabíamos o que esperar.

Aproveitamos para conversar. Meus comentários foram positivos: os marinheiros não tinham como norma castigar e torturar os prisioneiros políticos. Exortei meus companheiros a acreditar realmente que seríamos tratados como “seres humanos”, sem sermos submetidos a castigos inúteis.

Tinha certeza, pelo menos, de que lá não me fariam perguntas sobre os responsáveis do “Plano Zeta” e pelas armas de fogo escondidas ou em mãos de “supostos guerrilheiros”. Convidei meus companheiros a pensarem positivamente e esperar com muita calma os acontecimentos.

Ao chegarmos à ilha Quiriquina, um oficial da Marinha nos levou, junto com um grupo de marinheiros, para um recinto solitário e colocou em nossas cabeças sacos molhados com água salgada para amortecer os golpes com que começaram a nos agraciar ao longo da fila que nos obrigaram a formar.

Mais uma vez, um quadro horrível de golpes, gritos e insultos da parte dos marinheiros e grumetes. Ao final, nos deixaram jogados ao chão. Ao retirarem os sacos pudemos nos entreolhar, aterrorizados por semelhante “boas-vindas”. Meus companheiros não tardaram a reprovar minha conduta “positiva” e meus presságios de que seríamos tratados como “seres humanos”. Mais uma vez, me sentia um “imbecil ingênuo” por ter pensado que nossa sorte mudaria. E agora, onde nos levariam?

O frio, que se fazia ainda maior que durante a travessia por mar, era um inimigo a mais.

Preocupava-me enormemente com *don* Mario Mancilla, por sua idade e por seu estado de saúde. Aproximei-me e o vi muito triste. Quase com lágrimas nos olhos, me disse:

– Obrigado, companheiro, por preocupar-se comigo. Estou bem, mas muito triste com tudo o que está sucedendo. É a segunda vez na minha vida que sou preso por causa das minhas convicções políticas. A primeira foi no governo Gabriel Gonzales Videla, por causa da Lei 'Maldita' de Defesa da Democracia. À época, os militares levaram os comunistas em caminhões de Santiago a Pisagua, um povoado desértico perto de Iquique, mas nunca, em todo o trajeto nem nos dois anos de prisão, os militares nos espancaram. O que está se passando aqui é uma 'carnificina humana', e o senhor, companheiro ministro, é um dos mais afetados.

Um grupo de marinheiros nos obrigou a levantar e avançar em fila até um grande prédio, parecido com um ginásio. Abriram o portão e foram nos empurrando um a um para o interior do prédio, àquela hora da madrugada, com as luzes acesas. Foi um espetáculo horrível de ver, o local repleto de centenas de presos políticos. Deitamo-nos no chão e tratamos de nos "abrigar" uns contra os outros, sem conversar, pois o silêncio vigente impedia qualquer outra atitude. Sinceramente, jamais pensamos que a ilha Quiriquina fosse um Centro de Reclusão de presos políticos.

Às seis da manhã, ouvimos a sirene. Ainda escuro, as luzes estavam acesas. Era notória a ausência de pessoal da Marinha, não havia um sistema de segurança respaldado em guardas armados. Começamos a nos levantar e a formar uma fila para, num prédio contíguo, usar uma dúzia de pias e privadas. Pouco depois, começamos a nos informar sobre a rotina diária.

A prisão

Estávamos num ginásio sem arquibancadas, com uma quadra de basquete, ainda com as cestas em cada extremo, para uso dos grumetes que estavam prestando Serviço Militar.

Na parte superior, de cada lado, quatro amplos janelões abertos e ocupados, dia e noite, por marinheiros fortemente armados. Era a guarda que cuidava da "ordem" entre os presos.

Fizemos nossa fila e entramos no assim chamado "banheiro", onde pia e privada funcionavam, mas não havia nenhum produto básico de higiene, como sabonete, toalhas e, muito menos, papel higiênico. O local estava prestes a entrar em colapso, pois entupiam-se as canalizações por excesso de excremento e pelo mau funcionamento dos desaguadouros. Em todo caso, receber um pouco de água doce no rosto e na metade do corpo foi reconfortante.

De volta ao ginásio, começamos a nos identificar e a cumprimentar os companheiros mais próximos. Ao saberem quem era, meus companheiros imediatamente me levaram, juntamente com os ex-intendentes de Ñuble, para junto do intendente de Concepción, o advogado Fernando Álvarez. Grande e surpreendente encontro, pois estivéramos juntos com o presidente Allende na prefeitura havia pouco tempo, e Fernando havia se esmerado ao nos atender, então.

Demo-nos um abraço forte e emocionado e explicamos, de cada um, por que e como havíamos chegado à ilha.

Uma vez passada a emoção do encontro, Fernando contou que, no próprio 11 de setembro, apresentou-se voluntariamente ao Regimento de Concepción e foi imediatamente enviado para a ilha, tendo sido, portanto, o primeiro a chegar ao ginásio e que até então havia sido ignorado e não sofrera qualquer tortura. No começo, tinham colocado beliches e mesas, e, à noite, apagavam-se as luzes. Essas “comodidades” duraram somente até as *Fiestas Patrias*, pois, a partir dessa data, com a chegada maciça de presos, as luzes passaram a ficar acesas “por medida de segurança” e já não havia beliches e mesas suficientes. Finalmente, o comando decidiu retirar os beliches e mesas, fazendo todos comerem e dormirem no chão. Foi quando, ainda segundo Fernando, começaram os “chamados” noturnos para torturas e encerrou-se a comunicação com o oficial da guarda.

– Pedro – disse-me Fernando – o que está se passando é uma loucura, dia e noite chegam centenas de presos políticos procedentes da região do Bio Bio. E à noite eles chamam pelo alto-falante diferentes presos para tortura.

O comando da ilha tinha todos os nossos nomes e os cargos que ocupávamos quando estávamos no Governo Popular. Os presos que regressavam das sessões noturnas de tortura eram atendidos por um grupo de dez médicos, também presos, que, logicamente, careciam dos materiais necessários à assistência a tanta gente torturada. E, pior, acrescentou ainda Fernando extremamente preocupado, não sabíamos nada sobre os que não regressavam ao ginásio. Depois dessas “explicações” fomos para a fila receber um café preto e um pedaço de pão, a título de café da manhã.

O ginásio tinha uma espécie de trilho pelo qual, ao abrir-se o portão, entrava um carro com dois grandes recipientes, um com café e outro com um pedaço de pão para cada um. O mesmo ritual se repetia ao meio-dia, quando entravam com *pantrucas*, um sopão à base de farinha de trigo e caldo de carnes ou verduras, única comida quente diária. À tarde, repetia-se o café preto com pão. Era uma dieta mínima de subsistência. Quatro companheiros ficavam responsáveis pela repartição dos alimentos e por lavar os recipientes vazios. Cada um recebia sua ração e uma colher, comia-se no chão.

Uma coisa que me deixou perplexo, e muito assustado, foi saber que, depois das *Fiestas Patrias*, cinco dirigentes da Central Única dos Trabalhadores de Talcahuano, presos e torturados em Quiriquina, tinham sido fuzilados na ilha, evidentemente sem nenhuma justificativa. Os cinco cadáveres foram retirados em caixões lacrados, para evitar que fossem vistos por seus familiares ao chegar a Talcahuano. Foi uma demonstração de força da Marinha e, obviamente, não havia a quem recorrer para denunciar. A impotência era como uma tortura. Sabíamos que a explicação que seria dada era semelhante àquelas ouvidas na cidade de Chillán: “Haviam caído em enfrentamento armado”. Ao assassinato agregava-se a mentira de que resistíamos, para justificar a injustiça. Lembrei-me das palavras do comandante da Base Naval de Talcahuano: “A Marinha não mente”.

Não sabíamos a quem recorrer. Os evangélicos oravam pelos companheiros mortos, enquanto os católicos imploravam a Deus pelo fim daquele tormento, no qual a vida “tinha tão pouca importância e éramos tratados como verdadeiros animais”. Os não cristãos, éramos os mais “desamparados”. Pessoalmente, não conseguia entender, como havia expressado várias vezes, “tanta injustiça divina”. Concordava, nós certamente nos equivocamos como governo, mas sempre respeitamos a vida das pessoas e essa merda de “Plano Zeta” só existira na mente enferma dos militares da província de Ñuble e de outros lugares do país onde andaram como loucos à procura de armas que não existiam. “Era necessário torturar”, tal era a ordem dos oficiais, para extrair a “verdade” como um “espólio de guerra”. Mas nós

tínhamos que sobreviver, mesmo com aquelas precárias condições e me preocupava, como representante máximo do Governo Popular, com os problemas da vida cotidiana em Quiriquina.

O problema mais delicado no ginásio era que, dia a dia, aumentava o número de presos. Chegamos a somar cerca de novecentas pessoas, esmagadas no estreito recinto carcerário. Decidimos, portanto, “nos organizar” em torno de um pequeno grupo de líderes – a maioria ex-autoridades do governo e líderes sindicais. Propusemos nos reunir em núcleos de vinte pessoas. Cada grupo ocuparia um lugar bem específico no interior do ginásio, de forma a deixar um estreito corredor entre uma fila e outra. Dessa maneira, os “serviços sanitários” e a partilha do “café da manhã”, do “almoço” e do “lanche” seriam feitas por grupos, para evitar as grandes filas. Além disso, essa disposição permitia caminhar livremente entre as filas, a título de exercício diário, evitando rusgas entre companheiros e, o que era mais importante, facultando controlar o número de pessoas no ginásio e aqueles que não regressavam durante a noite, após a tortura.

A proposta foi muito bem recebida: reduziam-se as pressões para estar nos primeiros lugares já que, a cada dia, um grupo o ocuparia. O serviço de banheiros durava cerca de duas horas, das seis às oito da manhã; o café também levava duas horas, de oito às dez. Do meio-dia até as duas da tarde, era o serviço de almoço, que cada grupo consumia no chão, no local pré-definido. Depois, de seis da tarde às oito da noite, era o lanche de café e pão. Às nove horas da noite, uma sirene tocava ordenando silêncio. Outro detalhe importante foi estabelecer locais especiais em recantos do ginásio para os médicos “atenderem” aos doentes e aos feridos pela tortura e para as pessoas da terceira idade, que tinham o privilégio de não precisar entrar em filas para obter alimentos ou acesso aos serviços sanitários.

Essa pequena organização serviu para “levantar o moral”, já que ordenava a rotina de vida no interior do ginásio, vigiado, dia e noite, pelos guardas armados postados nos oito janelões superiores.

Num belo dia, um grupo regressou das instalações sanitárias onde, simplesmente, não era possível entrar: o sistema estava entupido e os excrementos boiavam nas águas servidas. E agora, como poderiam solucionar o grave problema de maneira que a população carcerária pudesse fazer suas necessidades fisiológicas?

O comandante elegeu, e mandou chamar à porta, um “grupo especial” de 25 presos, encabeçados pelo ex-ministro da Agricultura, informando-nos que cinquenta baldes de tamanho médio nos seriam entregues imediatamente. Deveríamos distribuí-los ao largo do ginásio, cada qual ladeado por um saco de serragem, para que os prisioneiros fizessem suas necessidades. O grupo especial ficaria encarregado de retirar os baldes e sair até a praia, acompanhado por escoltas, para esvaziá-los e limpá-los com areia. Ao final da noite, o mesmo grupo deveria limpar e varrer a serragem junto de cada balde, para manter o local “limpo”.

Tratava-se, sem dúvida, de uma medida desesperada, pois certamente o comandante da ilha nunca pensou que chegaríamos, em tão curto prazo, a ser novecentos presos políticos a viver no ginásio. Passamos a ter filas permanentes diante de cada balde, para podermos fazer, dessa forma indigna, nossas necessidades fisiológicas, como sempre sem papel higiênico. De forma prioritária, sempre foram respeitados os grupos de terceira idade e aqueles afetados pela tortura.

Minha rotina mudou muito, pois além de enfrentar as filas para café da manhã, almoço e lanche, precisava sair à praia, cinco vezes por dia, para limpar os baldes com excrementos, e, à noite, varrer e retirar a serragem do ginásio. Cada saída era acompanhada por guardas armados da Marinha, postados para fiscalizar a “operação limpeza”.

Um dia, ao sair da praia, observei, no pátio de um prédio vizinho, presas políticas. Entre duzentas e trezentas mulheres, em regime muito parecido com o nosso, embora sem necessidade de baldes como utensílio de serviço sanitário. Sabia-se na ilha que as mulheres eram torturadas num recinto especial, e que muitas delas eram estupradas pelos guardas. A impotência nos desesperava, pois, sabíamos que lá fora, no mundo exterior à ilha, certamente se publicava que a Marinha do Chile respeitava os direitos humanos.

Dentro do ginásio havia ordem bastante no uso dos baldes: de manhã, das nove ao meio-dia, e à tarde, das três às oito da noite. Durante a noite, não havia “serviço sanitário”. Com o transcorrer dos dias, o cheiro ficou insuportável, em função da falta de papel higiênico e de água para nos lavarmos. A situação se tornou insustentável, pois, durante o dia, tínhamos que nos alimentar, e, à noite, dormir, sempre naquela atmosfera asquerosa. As pessoas me confidenciavam seu mal-estar, dizendo que o homem pode se acostumar às condições mais adversas, mas que tudo tinha limites. A situação estava se transformando num inferno, especialmente durante as noites, quando acrescentavam-se os chamados à tortura.

Depois de quinze dias nessas condições inumanas, o “grupo especial” encarregado da limpeza do ginásio, juntamente com o ex-intendente Fernando Álvarez e dois médicos detidos, solicitamos aos guardas postados nos janelões uma entrevista urgente com o comandante. Ao meio-dia fomos “recebidos” no portão do ginásio, sempre rodeados de guardas armados. Dissemos ao oficial, e os médicos foram os que mais argumentaram, que a situação sanitária do ginásio era insustentável. Havíamos-na aceitado como provisória. Era impossível continuar daquele modo. Os médicos insistiram junto ao oficial que, a prolongar-se aquela situação, era iminente a eclosão de um “surto infectocontagioso” de consequências imprevisíveis.

Dirigi-me ao oficial:

- Senhor comandante, nos atrevemos a apresentar-lhe uma sugestão... O grupo especial que o senhor formou poderia fazer, em local adequado, três escavações, até encontrar água subterrânea, e então construir com madeira os respectivos assentos, a fim de dispor de fossas sépticas, as quais, com fornecimento de papel de jornal, poderiam solucionar parte desse grave problema.

A resposta foi, como sempre, breve:

- Vamos estudar o problema e daremos a resposta; enquanto isto, a situação fica como está.

Imediatamente, começamos a procurar, especialmente entre os camponeses, quem sabia construir fossas sépticas e quem era carpinteiro, para fazer as privadas de madeira. Sobraram voluntários. A possibilidade de fazer alguma coisa, despertou um certo otimismo entre as pessoas...

Durante a tarde, surpreendentemente, um oficial de escalão inferior nos chamou e avisou que, por ordem do comandante, um grupo de presos poderia sair para realizar os trabalhos e disporíamos, a partir da manhã seguinte, da madeira e das ferramentas necessárias.

Organizou-se pela manhã um grupo de trabalho com os voluntários e praticamente em três dias as fossas sépticas com as privadas estavam prontas, com sacos servindo de cortina para separá-las, o que propiciava uma atmosfera de respeito à intimidade e dignidade à satisfação de nossas necessidades. Toda a população carcerária recebeu com grande alegria tamanha melhoria na nossa convivência diária no ginásio.

A “construção dos banheiros” se fez seguir por uma operação geral de limpeza do ginásio. Conseguimos, inclusive, um banho de água salgada para cada preso dos grupos organizados. Ao lado do ginásio, existia uma piscina vazia. Cada grupo tirava as roupas, descia ao fundo da piscina e, recebia, com a ajuda de uma mangueira do tipo usado por bombeiros e uma bomba elétrica, um jorro de água salgada muito fria sobre o corpo. Não importava o frio, a questão era ficar limpo da imundície acumulada naqueles dias. Enfim, desapareceram os célebres baldes do ginásio! E a operação “banho” passou a ser repetida duas vezes por semana.

Passaram-se mais de dois meses sem que pudéssemos nos lavar com sabonete ou usar escova de dentes, sem papel higiênico, sem lavar os cabelos, pentear-se. Enfim, tivemos que aprender a sobreviver, que era o mais importante nesses momentos dramáticos da vida.

Às nove horas da noite, como já contei, a sirene tocava ordenando silêncio. Tivemos que aprender a dormir com as luzes acesas, no chão, sem travesseiro, sem nada que nos protegesse. Era hora de recolhimento e meditação. Os evangélicos e os católicos certamente oravam pelas conquistas sanitárias e sem dúvida por estarmos vivos.

Tratava de dormir, pensando em Fresia, em meus filhos, em meus pais e minhas irmãs. Em geral, lembrava-me o quanto era ampla, limpa e confortável a minha cama, o quanto era amplo, limpo e confortável o banheiro em nosso quarto, com um verdadeiro jorro de água quente a sair da ducha. Limpar-se, mudar de roupa todos os dias, barbear-se, escovar os dentes, cortar as unhas, cortar os cabelos e dispor de um pente para pentear-se. Dispor, enfim, de papel higiênico! Desfrutar de uma mesa com toalha para tomar um verdadeiro e revigorante café da manhã com a família. Eram detalhes que jamais pensei que um dia valorizaria tanto, ali, deitado ao chão, sentindo muito medo, em um ginásio numa ilha onde o pior era a incerteza quanto a se dela sairíamos vivos.

Fernando Álvarez

Era insuportável a espera noturna até escutarmos nos alto-falantes o nome das pessoas que deviam apresentar-se ao portão. Sabíamos que eram chamadas para serem torturadas e, como nosso “grupo Chillán” estava situado perto do portão, podíamos ver nossos companheiros aflitos, alguns com lágrimas nos olhos, cruzarem a porta sem saber se voltariam ao ginásio. Uma vez passado esse momento, era possível dormir, porque os presos iam entrando um a um no ginásio, ainda que alguns chegassem em condições inumanas.

Uma noite, chamaram pelos alto-falantes: “FERNANDO ÁLVAREZ!!” Levantei-me imediatamente e esperei pelo ex-intendente da província de Concepción:

– Pedro – disse-me ele – enfim me chamam!! Desde o 11 de setembro, já há quase dois meses, estou esperando me chamarem; não importa a tortura, amigo, o importante é que posso explicar a minha situação e a retidão limpa da minha trajetória. E já se ia ele, atravessando o portão.

Essa noite foi de verdadeira vigília à espera de Fernando. Todos os companheiros chamados pelos alto-falantes regressaram, mas Fernando não chegava... Ao amanhecer, a sirene tocou como em todos os dias e, todavia, Fernando não estava no ginásio. Não havia a quem perguntar; todos temiam pelo seu destino. Trocâramos um forte abraço de despedida antes de ele atravessar o portão.

Foi um dia péssimo e quando entrou o carro com o café e os pães da manhã, ninguém fez fila. Um silêncio mortal de luto tomava conta do ginásio. Ninguém queria alimentar-se, porque ninguém queria falar. Foi um gesto espontâneo dos novecentos presos, em sinal de protesto pelo destino de Fernando.

Passamos toda a manhã esperando e esperando... Na hora do almoço não houve filas, e sem nos termos posto de acordo, ninguém quis almoçar. Ao contrário, ouvia-se no ginásio um murmúrio muito baixo, semelhante ao de uma colmeia cheia de abelhas. Podia-se perceber o nervosismo dos marinheiros, pois eles duplicaram a guarda postada nos janelões. Não era uma greve de fome. Na verdade não era um protesto, simplesmente um ato de solidariedade voluntária para com nosso companheiro intendente. O dia passou sem notícias e naquela noite não houve “chamados ao portão”. Os evangélicos oravam, os católicos rezavam, os não cristãos só refletiam...

No dia seguinte, sem nos darmos conta, entrou um grumete e lançou um jornal de Concepción, saindo rapidamente. Pudemos ler: “O ex-intendente da província de Concepción, Fernando Álvarez, morre de infarto na ilha Quiriquina”.

Soube-se depois, no ginásio, que os restos mortais de Fernando foram lacrados num caixão e entregues aos familiares. Claro, como se tratava da primeira autoridade da província de Concepción, o periódico publicara sua morte, uma mentira. E os restos mortais dos detidos que, noite a noite, eram chamados para interrogatório e não regressavam? Eram pessoas comuns. Simplesmente, ninguém tomava conhecimento do seu destino final.

Foram dias duros. Os presos, a título de homenagem ao ex-intendente, devolveram a comida intocada durante dois dias, permanecendo em silêncio. Impotência, raiva, incerteza... O comentário de meus companheiros mais próximos era de que, como autoridade máxima ali presente, eu tinha de estar preparado para qualquer acontecimento futuro. Nas noites seguintes, não pude dormir esperando ouvir meu nome no chamado dos que deveriam cruzar o portão.

Depois de dois dias de luto por nosso companheiro Fernando Álvarez, começamos a voltar pouco a pouco à rotina diária. Os colaboradores mais próximos do ex-intendente foram os mais afetados. Um companheiro que regressara naquela mesma noite disse que Fernando tinha sido separado do grupo desde que saiu do portão do ginásio, e que não o viram mais em toda a noite:

– Eles nos enfiaram numa sala desocupada e, um a um, nos torturaram com choques elétricos. É possível – comentou conosco o companheiro – que por seu estado precário de saúde e má alimentação, ele não tenha resistido aos choques.

O terrível da situação é que a vida continuava, tínhamos que manter a calma, o sangue-frio, cumprir a rotina diária e pensar positivamente em nossos familiares. A visita de familiares aos presos políticos era totalmente proibida na ilha, pois para chegar em Talcahuano era necessário ter um salvo-conduto emitido e assinado pelo oficial de guarda da Base Naval.

Segunda missa

No fim de semana seguinte à morte de Fernando Álvarez, num domingo ao final do mês de outubro, o capelão da ilha conversou com o grupo especial para preparar o ambiente e celebrar uma missa. Não houve qualquer problema: os ânimos não eram de criar dificuldades e era muito grande o número de presos católicos que necessitavam de alimento espiritual.

Assim, e com a colaboração do comandante, conseguiu-se uma grande mesa, velas, uma imagem do Cristo Crucificado, que sempre muito me impressionava, uma imagem da Virgem Maria e vários ramos de flores para adornar o altar. Também fiquei muito impressionado ao ver a fila de presos esperando para se confessarem.

O capelão realizou um ato muito participativo, indicando pessoas para lerem a Bíblia, o próprio sacerdote lendo o Evangelho. O sermão concentrou-se exclusivamente no conteúdo da leitura do texto bíblico, de modo que o grupo de Chillán, que estava muito preocupado, pôde ficar mais tranquilo. A cerimônia de receber o Corpo de Cristo foi muito impressionante, pois foram muitos os católicos que fizeram fila para receber a hóstia.

Eu me perguntava o que sentiria um católico ao receber na boca, como símbolo, o corpo de Jesus Cristo. Por que todos, depois de comungar, regressavam aos seus assentos com os olhos baixos e logo sentavam-se? E pensar que eu recebera pela primeira vez a comunhão quando tinha sete anos de idade, trinta anos antes, e nunca mais voltara à Igreja. Assumi uma atitude de muito respeito e tranquilidade e, verdadeiramente, a missa serviu muitíssimo para acalmar os espíritos.

Depois da missa, o capelão informou que estava disposto a receber “mensagens abertas” para enviar por correio de Talcahuano aos diferentes endereços familiares. Assim, papel e lápis foram repartidos entre os presos para satisfazer esse desejo e foram muitos os que escreveram a mensagem sugerida, breve, mas precisa:

Querida Fresia, estou em Talcahuano, na ilha Quiriquina, na Base Naval; estou muito bem. Muitos beijos a Lorena, Andrés e familiares. Te amo muito, Pedro.

Segundo parênteses

Quando voltei, Fresia comentou comigo que a mensagem chegou em casa em Santiago e com ela a esperança. Agradei, quando soube, em silêncio, à boa vontade do capelão, de levar alívio à minha família que naqueles dias sofria de incerteza.

Recebida a mensagem, Fresia preparou-se para ir a Concepción estar mais perto do esposo. Chegou à casa de Mila e Omar, seus primos, que não sabiam que eu me encontrava preso na ilha Quiriquina. Foi um grande encontro. O filho deles, também chamado Omar, trabalhava na Base Naval de Talcahuano e, muito importante, tinha acesso à ilha.

Na primeira oportunidade, Fresia viajou junto com Omar à Base Naval de Talcahuano para pedir permissão de visitar seu marido, na ilha. Dessa vez, o comandante reconheceu que eu era prisioneiro ali, mas LOGICAMENTE negou permissão para visitar a ilha. O filho de Omar, no entanto, havia preparado a viagem à ilha e me levou um saco de dormir, que me abrigaria e amorteceria o duro chão (o conservei até o final da minha detenção).

Certo dia, inusitadamente, chamaram-me de manhã ao portão e me levaram a um escritório. Omar, de quem não me recordava fisicamente, se identificou e disse que trabalhava na base, que Fresia estava em Concepción, na casa dos pais dele, e que toda a família estava muito bem, tanto em Santiago quanto no norte do país. Que eu ficasse tranquilo, porque ajudariam Fresia a permanecer em Concepción enquanto fosse necessário.

É de imaginar-se que, ao despedir-me de Omar e agradecer a tremenda deferência que tiveram para comigo, tenha passado uma tarde feliz. Sentia-me privilegiado, e as notícias ajudaram muito a reativar meu ânimo e a pensar positivamente que, afinal, tudo haveria de acabar bem, apesar das condições adversas.

Caminho da Fé

O novo testamento

Num fim de semana, já no mês de novembro, autorizaram aos evangélicos realizar uma reunião religiosa exclusivamente para seu grupo. O pastor, militante do Partido Socialista, aproximou-se de mim e pediu gentilmente:

– Companheiro Pedro, poderia participar de nossa reunião lendo algum parágrafo da Bíblia?

Minha reação foi imediata:

– Companheiro, muito obrigado, mas a verdade é que não conheço a Bíblia.

A resposta do pastor também foi categórica:

– Nossos irmãos necessitam do senhor, na condição de preso de máxima autoridade e como representante do companheiro Salvador Allende. Fique parado diante de todos nós e simplesmente abra o Livro e leia algum texto.

Ao final, chegamos a um acordo sobre a minha participação. Por volta das cinco da tarde, reuniram-se cerca de quinhentos evangélicos, a maioria camponeses e quase todos com a Bíblia nas mãos, único livro autorizado a entrar no ginásio. Tive que ter muita coragem, pois o momento era difícil. Subi a uma espécie de púlpito onde estava o pastor, conduzindo a reunião. Os participantes haviam começado a cantar hinos religiosos a plenos pulmões. Subitamente, o pastor se dirigiu aos presentes:

– Queridos irmãos, tenho o prazer de apresentar a vocês o irmão Pedro! Ele é representante do presidente Salvador Allende, ministro da Agricultura e está conosco para nos acompanhar na leitura da Bíblia.

Quase fiquei mudo! O pastor me passou um livro bem pequeno. Na capa, lia-se **NOVO TESTAMENTO**. Estimulou-me:

– Por favor, abra o livro e leia diretamente o seu conteúdo, não importa em que página, mas leia, por favor, leia algum texto.

Observei como a assembleia estava olhando para mim:

– Meu nome é Pedro. Fui convidado pelo pastor a ler a Bíblia e agradeço esse gesto de solidariedade.

Diante de todos, peguei e abri, emocionado, a Bíblia: A PRISÃO DE PEDRO E SUA LIBERTAÇÃO MIRACULOSA.*

Produziu-se então um pesado silêncio espiritual. Fiquei tremendamente impressionado; alguns dos presos gritaram: "ALELUIA! ALELUIA!" E outros: "AMÉM! AMÉM!" Comecei minha leitura:

- 1 – Nessa mesma ocasião o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja.
- 2 – Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João.
- 3 – E, vendo que isso agradava aos judeus, mandou prender também Pedro. Eram os dias dos pães sem fermento.
- 4 – Tendo-o, pois, feito deter, lançou-o na prisão, entregando-o à guarda de quatro piquetes, de quatro soldados cada um, tencionando apresentá-lo ao povo depois da Páscoa.
- 5 – Mas, enquanto Pedro era mantido na prisão, a Igreja fazia ardentemente oração a Deus, em favor dele.
- 6 – Quando se aproximava o momento de Herodes apresentá-lo, naquela mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados, preso a duas correntes, enquanto sentinelas diante da porta vigiavam a prisão.
- 7 – De repente, sobreveio o Anjo do Senhor e uma luz brilhou no cubículo: "Levanta-te depressa!". E caíram-lhe as correntes das mãos.
- 8 – Disse-lhe ainda: "Cinge-te e calça as sandálias". E ele o fez. Disse-lhe mais: "Envolve-te no manto e segue-me".
- 9 – Pedro saiu e foi seguindo-o, mas não sabia se era verdade o que estava acontecendo por meio do Anjo: parecia-lhe antes uma visão.
- 10 – Passaram, assim, pelo primeiro posto da guarda, depois pelo segundo, e chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade, o qual se abriu por si mesmo diante deles. Saindo, enveredaram por uma rua, quando subitamente o Anjo apartou-se dele.
- 11 – Então Pedro, voltando a si, disse: "Agora sei que o Senhor realmente enviou o seu Anjo, livrando-me das mãos de Herodes e de toda a expectativa do povo judeu".
- 12 – Dando-se conta da situação, dirigiu-se à casa de Maria, mãe de João, o que tem o cognome Marcos. Ali se encontravam muitos, reunidos em oração.
- 13 – Batendo ele ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, para ver quem era.
- 14 – Tendo reconhecido a voz de Pedro, ficou tão alegre que não lhe abriu. Ao invés, correndo para dentro, anunciou que Pedro estava ali, diante do portão.

* Para a versão ao português de passagens bíblicas, a presente tradução usará como referência a nova edição revista e ampliada da **Bíblia de Jerusalém**, Editora Paulus, 2002, em razão de suas características douras amplamente reconhecidas. (N. do T.)

- 15 – Então, disseram-lhe: “Estás louca!” Ela, porém, assegurava que era verdade. “Então é seu anjo!”, concluíram.
- 16 – Pedro, porém, continuava a bater. Afinal abriram e, vendo-o, ficaram estupefatos.
- 17 – Ele, fazendo sinal com a mão para que não falassem, narrou-lhes como o Senhor o livrara da prisão. E acrescentou: “Anunciai isso a Tiago e aos irmãos”. Depois saiu, e foi para outro lugar.
- 18 – Fazendo-se dia, houve não pequeno alvoroço entre os soldados, sobre o que teria acontecido com Pedro.
- 19 – Tendo mandado chamá-lo e não encontrando, Herodes instaurou um inquérito sobre os guardas e ordenou que fossem executados. Depois, descendo da Judeia para Cesareia, ali passou algum tempo.

Ao término da leitura, as pessoas estavam muito emocionadas. A cada frase que lia – e as ia numerando uma a uma, gritavam cada vez mais alto: “ALELUIA! ALELUIA!... AMÉM! AMÉM!”.

Tratei de calar-me, pois alguns participantes estavam soluçando. Fora meu primeiro encontro com o Novo Testamento, algo que nunca imaginara possível e que estava começando a mudar minha vida e meu modo de pensar... Eu não conseguia parar de perguntar: “Por que essa coincidência tão grande?”.

Não o podia compreender e tampouco tinha uma explicação. Pois muito distinto teria sido se o pastor tivesse me entregado o livro aberto e me dito, “Pedro leia esta passagem”... Fosse assim, haveria uma explicação. Mas não foi. Só me recordo de ter pego o livro, de abri-lo e ler...

Muitos companheiros, ausentes ao culto, ao ouvir os gritos das pessoas e ver-me no púlpito aproximaram-se para saber o que estava se passando com o ex-ministro da Agricultura. Afinal, sempre fora identificado como não cristão ou não católico, e surpreenderam-se ao ver-me lendo uma passagem da Bíblia.

Desci com a ajuda do pastor, que agradeceu meu gesto e, também muito emocionado, me disse:

– Pedro... essa é uma mensagem de Deus. É bom que saiba, estimado companheiro, que não estamos sós; Jesus Cristo está conosco e cuida de nós dia e noite.

Questionei:

– E o que se passou com nosso companheiro Fernando Álvarez?

De imediato, replicou:

– Só Deus sabe. Só Deus sabe...

Naquela noite, preocupado em ouvir os nomes dos companheiros chamados à tortura, deitado no chão, não conseguia afastar da mente as imagens dos companheiros soluçando e gritando enquanto lia o Novo Testamento. Não podia imaginar que Pedro, um dos apóstolos mais importantes, aquele que “tem as chaves do céu”, tivesse um dia sido preso, e que, na mesma prisão, pouco antes, Herodes tenha mandado “matar à espada Tiago, irmão de João”. Perguntava quem era Tiago. Que crime haveria cometido para merecer morte tão terrível? Impressionava-me também que Herodes, certamente muito “aborrecido”, fizesse processar e executar os guardas que estavam cuidando de Pedro na prisão. Enfim, jamais tinha pensado que a Bíblia pudesse narrar fatos de tamanha violência.

Estava muito assustado porque meus companheiros tinham me alertado que a qualquer momento eu poderia ser chamado pelo alto-falante. Temiam por minha vida, pois já haviam matado o ex-intendente e os dirigentes da CUT.

Mesmo em meio àquela angústia não achei justo, dada minha condição de não crente, começar a pedir a Deus que me protegesse exatamente no momento em que corria risco real de morrer. Se começasse a crer, pediria. Mas “crer” sob “condições”, apenas para que não me chamassem pelos alto-falantes não considerarei uma conduta honesta, seria interesseiro e injusto. Ora, quando estava no “auge” da minha carreira profissional, ao ser nomeado ministro da Agricultura, nem sequer acompanhava minha esposa e meus filhos à missa dominical. Fresia, em compensação, devido à profunda fé cristã, assistia à missa, e, certamente, agradecera a Deus por minha importante nomeação. Mas eu não compartilhava de sua tremenda fé. Não acreditava em Deus e, mesmo assim, nossa vida era absolutamente normal. Todavia, naquele momento, estava muito desorientado: não conhecia a Bíblia, não acreditava em Deus, não participava de cerimônias religiosas... estava vivendo um verdadeiro “inferno”. Não tinha a quem recorrer e, pior, não sabia se sairia vivo da ilha Quiriquina.

Manuel

Num outro dia, procurei o companheiro pastor, militante do Partido Socialista. Sequer sabia seu nome, pois todos o identificavam como “pastor” e era muito procurado por seus companheiros de religião.

Quando enfim nos encontramos, ele me saudou com um abraço muito fraterno – o que me emocionou – e me disse que naquela noite, após o culto, também ele havia pensado muito, orado por mim e dado graças a Deus pelo que havia acontecido. Disse-me que os irmãos estavam muito impressionados com a “experiência” nova vivida naquela tarde de domingo.

Começamos a conversar sentados no chão. Ninguém nos interrompeu, pois a maioria das pessoas caminhava entre as filas formadas pelos grupos. Comecei chamando-o de Manuel, que era seu nome, chamando-me ele de *don* Pedro, e assim começou a primeira de nossas várias conversas:

– Por que é evangélico?

– Sou evangélico porque sou socialista e sou socialista porque sou evangélico.

Ele me esclareceu que o conteúdo da Bíblia era especialmente social e que o livro é composto pelo Antigo Testamento – história do povo judeu – e pelo Novo Testamento, a história de Jesus Cristo. Tirou do bolso o pequeno livro e o pôs nas minhas mãos:

– Este é o Novo Testamento. Divide-se em capítulos e versículos, o senhor leu ontem o Evangelho chamado *Atos dos apóstolos*, capítulo 12, do versículo 1 ao 19, que relata a entrada e a saída de Pedro da prisão.

Manuel me contou que, quando, no culto, abri o livro e li o título *A prisão de Pedro e sua libertação miraculosa*, assim como muitos irmãos, ele ficara muito admirado, pois não havia pensado que uma mensagem tão clara seria enviada por Deus a todos os irmãos no ginásio. Todos a tomaram verdadeiramente como mensagem enviada por Deus para aqueles momentos tão difíceis que estávamos vivendo.

Entregou-me o Novo Testamento em que eu havia lido, como se fosse um “presente de Deus”. Devo confessar que reli muitas vezes a mesma passagem, pois não sabia que o apóstolo Tiago tinha sido morto, torturado e decapitado por ordem de Herodes... E que ao ver que “isto agradava aos judeus, [Herodes] mandou prender também Pedro”. Eu ficava exclamando: “Incrível! Surpreendente!”.

Manuel prometeu que nos reuniríamos todas as manhãs para começar a “conhecer” o Novo Testamento. E assim, aquele camponês, pastor evangélico e socialista, com apenas o quarto ano primário, ensinou pela primeira vez o conteúdo do Novo Testamento a um universitário e ex-ministro da Agricultura... Incrível!

No dia seguinte, caminhando entre as fileiras de grupos, Manuel me explicou que a Bíblia tinha um caráter social:

– Como é possível verificar esta afirmação?

Ele lançou mão do *Evangelho segundo São Marcos*, capítulo 11, versículos 23 a 27:

- 23 – Então Jesus, olhando em torno, disse a seus discípulos: “Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino dos Céus!”.
- 24 – Os discípulos ficaram admirados com essas palavras. Jesus, porém, continuou a dizer: “Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus!”.
- 25 – É mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!”.
- 26 – Eles ficaram muito espantados e diziam uns aos outros: “Então, quem pode ser salvo?”.
- 27 – Jesus, fitando-os, disse: “Aos homens é impossível, mas não a Deus, pois a Deus tudo é possível!”.

– Surpreendente! – exclamei.

E desse modo, Manuel me surpreendia todas as manhãs com suas respostas. Outro dia, e voltando ao espírito social da Bíblia que muito me interessou, Manuel sugeriu que lêssemos muito lentamente a *Epístola de São Tiago*, que era um verdadeiro líder das comunidades cristãs. Essa epístola fora dirigida aos cristãos de origem judaica, e Manuel insistiu em ler com especial atenção o capítulo 5, versículos 1 a 6:

- 1 – Pois bem, agora vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que estão para vos sobrevir.
- 2 – Vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão carcomidas pelas traças.
- 3 – Vosso ouro e vossa prata estão enferrujados e a ferrugem testemunhará contra vós e devorará vossas carnes. Entesourastes como que um fogo nos tempos do fim!
- 4 – Lembrai-vos que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos.
- 5 – Vivestes faustosamente na terra e vos regalastes; saciastes-vos no dia da matança.
- 6 – Condenastes o justo e o pusestes à morte: ele não vos resiste.

(Desde essas primeiras “aulas” sobre o significado da Bíblia, sempre trago comigo o Novo Testamento.)

Em outra oportunidade, o pastor me aconselhou a ler a Bíblia todos os dias, simplesmente abrindo o livro e procurando compreender o que Deus queria dizer com Suas mensagens. Disse-me que Jesus Cristo ensinava por meio de parábolas, usando a realidade camponesa como exemplo, como na parábola do “grão de mostarda”*.

Em muitas manhãs, procurei Manuel insistindo em ter resposta a três ou quatro “dúvidas”, enquanto o pastor tinha que atender a muitos irmãos que faziam filas para consultá-lo, pois, além de pastor, era, sem dúvida, um líder no ginásio.

Finalmente, me sugeriu que tirasse minhas dúvidas, como as sobre a Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo em um só Deus – ou a virgindade de Maria e também as provas da ressurreição de Jesus Cristo, investigando pessoalmente, lendo o Novo Testamento.

As últimas conversas com Manuel foram conselhos sadios, como por exemplo:

- Não se esqueça, irmão Pedro, de que a Bíblia tem RESPOSTA para todas as nossas inquietações, inclusive para nossos problemas cotidianos.

Ato de contrição

Foi muito interessante perceber que tudo isso me fizera pensar que fora Jesus Cristo quem pusera em meu caminho o capelão da cadeia de Chillán e o capelão da ilha, para enviar as mensagens de vida à Fresia e ela poder tomar conhecimento do que os militares lhe negavam: o paradeiro do marido.

Reconheço Manuel, um camponês, dirigente sindical, dirigente político e pai de família, como o homem que Jesus Cristo pôs em meu caminho, na condição de preso político na ilha Quiriquina, para me apresentar a Bíblia, graças a sua iniciativa de me convidar a participar daquela reunião evangélica e, depois, começar a me ajudar a conhecer o Novo Testamento.

Reconheço igualmente que, durante minha permanência na ilha, apesar de ter superado tantos momentos tão difíceis, o mais importante que me aconteceu foi conhecer a Bíblia.

Morte súbita

Certo dia, por volta das dez da manhã, enquanto muitos presos caminhavam entre as fileiras dos grupos, escutou-se um estampido: um tiro de fuzil disparado a partir de um dos janelões onde ficavam os marinheiros de guarda.

**“O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore, a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos”. Mateus 13:31-32 semelhante em Marcos 4:30-32 e Lucas 13:18-19 - Nota da Editora*

Desgraçadamente, a “bala perdida” encontrou as costas de um companheiro que caiu ao chão. Produziu-se imediatamente uma situação quase incontrolável com todos gritando “Basta! Basta!”. Corri ao local do acidente e vi o companheiro Carlos, muito pálido, gemendo de dor. Os médicos presos o pegaram com muito cuidado e levaram-no até o portão. Gritávamos: “Por favor, abram o portão!”. O portão foi aberto e quatro marinheiros entraram e o levaram.

Existia na ilha um hospital da Base Naval, mas nunca soubemos o destino do companheiro. Carlos nunca voltou ao ginásio e tampouco tivemos notícias sobre sua sorte. É muito possível que o marinheiro de guarda, pelo cansaço de tantas horas de pé com o fuzil carregado nas mãos, tenha cochilado e deixado escapar o tiro. Em todo caso, sempre foram essas as “regras do jogo”: não informar!

O ambiente estava muito tenso, ninguém mais se sentia tranquilo, todos os prisioneiros ficavam olhando o tempo todo para os guardas nos janelões, com seus fuzis apontados. Os marinheiros também se mostravam muito nervosos, mudando de posição reiteradamente. Ninguém se sentia seguro, pois a guarda ficava a postos o dia inteiro e a noite inteira, os marinheiros sempre de pé com seus fuzis, certamente prontos para disparar.

Novamente, solicitamos uma reunião com o comandante da ilha. Como sempre, nos recebeu no portão cercado de soldados armados:

– Foi um acidente que não vai se repetir. O preso atingido está fora de perigo.

Atevemo-nos a solicitar o fechamento dos janelões, em nome da segurança dos presos, e a abertura do portão existente num dos flancos do ginásio. Também insistimos para o perigo da guarda noturna, muito sacrificada. Julgávamos ser possível ventilar o ginásio com a abertura, durante o dia, do portão lateral. Mais uma vez, para nossa surpresa, a proposta foi aceita e os janelões foram fechados, suprimindo-se imediatamente a guarda e abrindo-se, em poucos dias, o portão do lado poente do ginásio.

Do lado de fora do portão, construiu-se um cercado coberto com arame farpado muito grosso, de modo que cada grupo podia sair para tomar ar e sol. Era como uma jaula com seres humanos de muito mau aspecto, caminhando e respirando a brisa do mar.

Defronte a essa “jaula humana”, podíamos ver a Escola da Base Naval e seus alunos, durante o recreio, observando o espetáculo dos enjaulados. A jaula, porém, nos permitia chegar ao sol e tomar a fresca do mar e, juntamente com a construção das latrinas, o banho salgado duas vezes por semana e a organização dos grupos, criara pouco a pouco um ambiente melhor no ginásio.

E não foi só. Em um outro dia qualquer, foi feito um chamado que reuniu um grupo de dez camponeses e o ex-ministro da Agricultura para cuidar de uma plantação de batatas que abastecia os habitantes da ilha. A partir daí, todos os dias no meio da manhã, o “grupo de agricultores” saíamos com enxadas e pás para trabalhar um hectare de batatas, limpá-lo das ervas daninhas e fazer a amontoa – chegar a terra ao pé da planta. Era um trabalho muito agradável, uma tarefa simples, mas que nos fazia voltar a produzir e possibilitava, ainda, tomar ar puro. Enfim, o cultivo ficou em perfeitas condições e nossa tarefa foi concluída.

As noites, porém, continuaram sinistras, pois o “tratamento” de torturas noturnas não fora suspenso.

De Volta a Chillán

Silêncio e escuridão

Em meados do mês de novembro, os alto-falantes chamaram certa manhã:
– Atenção! Atenção! O grupo de detidos de Chillán deve se apresentar ao portão.

Rapidamente, estávamos, os dezesseis, juntos ao portão. Olhávamo-nos muito espantados, mas estávamos habituados a não receber informação. Manuel se aproximou muito preocupado e me deu um profundo e prolongado abraço:

– Irmão Pedro, que Deus te abençoe.

Outros companheiros conseguiram vir se despedir, também muito emocionados. Desde então, nunca mais voltei a ver meu bom irmão Manuel.

Em fila e caminhando, vigiados pelos marinheiros da guarda, chegamos ao cais da ilha e subimos a bordo da barça que nos esperava. Mais uma vez rumo ao desconhecido, começamos a navegar. Foram quase quatro horas até Talcahuano, sem nenhuma novidade, apenas a incerteza e o desconcerto tradicionais. A verdade é que estávamos certos de que estávamos indo para Chillán, mas ninguém se atrevia a emitir qualquer opinião sobre nosso destino. Ao desembarcarmos e formar fila, vimos um furgão com o emblema da Gendarmaria de Ñuble na porta. Nos entreolhamos:

– Companheiros, vieram de Chillán para nos buscar.

Um a um, fomos entrando no furgão; não havia espaço suficiente para todos, mas os guardas simplesmente gritavam:

– Subam, subam! Lá dentro vocês se arranjam!

Estávamos muito apertados e decidimos que os companheiros mais magros ficariam no chão. Assim, fecharam a porta e começamos a rodar rumo ao norte, dessa vez com as janelas cobertas por uma espessa grade de arame. Devido à posição incômoda, ninguém sequer podia olhar a estrada.

À metade do caminho, Roberto, um companheiro de terceira idade, passou mal do estômago e começou a vomitar em cima de todos. Chamamos enfaticamente a atenção com golpes no interior do furgão, até que o veículo parou. Os guardas nos fizeram descer e limpar o furgão apressadamente para continuar a viagem.

Já entrava a noite quando chegamos ao campo de futebol da Cadeia Pública de Chillán. Esperava-nos o capitão de guarda que nos enviara à ilha Quiriquina. Os guardas da Gendarmaria nos entregaram aos

militares e se retiraram à entrada do recinto carcerário. Em seguida, os militares nos levaram ao pátio das oficinas de artesanato. Um a um, nos conduziram ao prédio de dois andares denominado “cela dos incomunicáveis”, onde presos comuns permaneciam por um período máximo de cinco dias, por delitos cometidos na prisão.

O prédio tinha exatamente oito celas no primeiro e oito no segundo andar. Assim, à medida que meus companheiros iam sendo levados, um a um, eu ia ficando só. Ao final, me fizeram esperar ainda um instante e me levaram a um recanto para me castigar outra vez. Trataram-me muito mal, com muitos socos, pontapés e golpes com a culatra dos seus fuzis nas costas e por todo o corpo:

– Você voltou, seu merda!... Estava pensando que ia escapar?!

Golpes, insultos e mais golpes. Ao final, em condições deploráveis, me levaram para o prédio dos incomunicáveis, fizeram-me subir ao segundo andar por uma escada em caracol e me empurraram para dentro de uma cela, fechando com força a porta de ferro.

Estava muito escuro e pude perceber que haviam vedado a janela da cela com tábuas para impedir a entrada da luz solar. Na escuridão, não pude localizar privada ou cama. A cela era muito pequena, aproximadamente cinco metros quadrados.

(Tempos depois, soube que, alguns dias antes da chegada do “grupo da Quiriquina”, os militares tinham mandado os presos comuns lacrarem a janela daquela cela especialmente para me receber. Os prisioneiros políticos, observando do campo de futebol o desenrolar da operação, ficaram impressionados com a medida absurda de tortura psicológica especialmente preparada para o ex-ministro da Agricultura. Vivi cerca de trinta dias em total escuridão, e mais dez, com as janelas abertas ao sol: quarenta dias de isolamento infernal...)

Naquela primeira noite, praticamente não pude dormir: deitado no chão, pensava em qual seria o motivo de uma “recepção” tão brutal. Tinha certeza de que não havia mentido, de que não existia o “Plano Zeta” e muito menos camponeses armados. Assim, estava seguro de que, durante aqueles dois meses e meio, não poderiam ter encontrado nenhuma prova que nos contradissesse.

No dia seguinte, uma vez acordado, ouvi passos na escada em caracol e nos corredores estreitos. Subitamente, abriu-se uma janelinha na parte inferior da porta de ferro e, sem nenhum aviso, empurraram para dentro uma caneca de café preto; ao meio-dia, uma tigela de feijão e, à tarde, outra caneca de café. Essa foi minha dieta durante os quarenta dias de isolamento carcerário. A cela não dispunha de instalações sanitárias, apenas um buraco num canto onde satisfazia minhas necessidades fisiológicas, mais uma vez, com certeza, sem papel higiênico.

O primeiro dia de encarceramento transcorreu lentamente... O escuro era permanente, apesar dos dias luminosos dos meses de novembro e dezembro de 1973. Certa noite, grandes ratos começaram a subir pelo buraco que fazia vezes de “banheiro”. Quando conseguia fechar os olhos, ficavam “mordiscando” meus cabelos compridos. Era impossível dormir. Durante o dia, em compensação, apesar de a cela continuar às escuras, eles não subiam pelo buraco e, finalmente, era possível dormir.

Logo que amanhecia, escutavam-se os sinos de uma igreja, que, como um relógio, repicavam a hora. Era como ouvir uma mensagem de vida.

Terceiro parênteses

Em Talcahuano, enquanto isto, Omar filho soube de nossa transferência para Chillán e avisou a Fresia, que recebeu a notícia com imensa surpresa. A população carcerária em Chillán sussurrava, e todos acabavam sabendo sobre as condições físicas em que se encontrava o ex-ministro da Agricultura: isolado numa pequena cela às escuras, sem equipamentos sanitários, “preparada especialmente” pelos militares como elemento de tortura psicológica.

Fresia conversou com um primo sacerdote, Hermán Acuña, a quem eu conhecia muito bem, pois andávamos juntos quando éramos alunos, respectivamente, ele do Seminário e eu do Internato Nacional Barros Arana. Ao saber de minha situação de preso político na cadeia de Chillán, o padre Nano escreveu uma carta a ser entregue ao sacerdote da capela localizada na praça de artesanato do mercado de Chillán, recomendando ajudar a prima naquele momento difícil.

Fresia foi com minha irmã Juana para Chillán. Encontraram-se com o sacerdote, que arranhou-lhes moradia com todas as comodidades e sem nenhum custo. Foi quando descobriram que a capela era um centro de reunião de mulheres de presos políticos, que rezavam por seus familiares, o que as deixou bastante surpresas. Fresia e Juana já não estavam sozinhas, mas na companhia de muitas mulheres que sofriam com o encarceramento de seus entes queridos.

Pouco depois de ter chegado à capela, souberam, pelas outras mulheres, que eu estava “incomunicável, dia e noite às escuras”. Imagino sua preocupação... E pensar que se sabiam tão perto e tão longe de mim... Era impossível visitar-me: encontrava-me num calabouço escuro, sozinho, mal alimentado e em condições higiênicas desumanas.

Enquanto isso, apesar dessa desumana situação, dei início a uma nova rotina, especialmente para me movimentar. Comecei por “medir o comprimento da cela”: exatamente dois passos e meio. Isto é, algo em torno de dois metros e meio. Assim, se percorresse dez vezes essa distância, estaria caminhando 25 metros. Agora, se fizesse cem vezes essas voltas, estaria percorrendo dois quilômetros e meio, e, se o fizesse duas vezes por dia, estaria fazendo um exercício de cinco quilômetros diários. Comecei a realizar essa rotina duas vezes ao dia: às oito horas da manhã e às oito da noite, segundo me indicavam os sinos da igreja.

Por seu turno, Fresia se reunia com todas as mulheres na praça diante do estabelecimento carcerário, à espera de notícias do interior da prisão.

Tortura coletiva

Numa manhã, não sei exatamente qual, depois dos sinos das oito horas, escutei uma intensa movimentação nos corredores e na escada em caracol. Ao abrirem minha cela, puseram-me um capuz preto e me levaram, junto com outros presos incomunicáveis, para o campo de futebol, onde nos fizeram subir num furgão da Gendarmaria. Percorremos as ruas de Chillán até chegar às portas do Regimento, que fomos capazes de reconhecer pelas tradicionais vozes de comando dos militares. Amarraram-nos as

mãos atrás das costas e nos ordenaram sentar no chão. Deu para perceber que os companheiros com mais de oitenta anos não se encontravam no grupo. Em seguida, nos ordenaram subir, um a um, num caminhão militar e saímos, todos de pé e com o capuz preto, dando voltas no interior do Regimento. Ao chegar em determinado local, nos mandaram descer e começaram uma série de “exercícios” para maltratar nossos corpos.

Fizeram-nos andar com as mãos atadas, orientando-nos ao encontro de uma árvore, contra a qual colidíamos, claro, caindo ao chão, onde éramos golpeados e insultados até receber ordens para continuar a caminhar, rumo a um novo choque. Fizeram-nos trotar em fila indiana até cairmos, uns por cima dos outros, num buraco profundo escavado especialmente para isso. A queda significava choques violentos de nossos corpos uns contra outros. Há de ter sido um verdadeiro espetáculo, observar todos os companheiros ao fundo do buraco, completamente imundos, terrivelmente assustados... E ainda tínhamos de ouvir as risadas e insultos dos militares. Ficamos no buraco até o fim da tarde, quando nos fizeram sair, com a ajuda dos soldados, para subir no caminhão e retornar à porta do Regimento.

Transferiram-nos para o furgão e voltamos à Cadeia Pública. Durante a viagem, alguns companheiros lançaram pesados insultos contra os militares, pois todo o grupo havia sido torturado e estávamos abalados e doloridos. Atravi-me a insinuar que os torturadores não tinham culpa, pois apenas cumpriam ordens superiores. Fizera meu serviço militar em Antofagasta e “aprendera” que um soldado apenas cumpre ordens, não as qualifica.

Diante de nossa impotência, me atrevi, ainda, a dizer que, segundo a Bíblia, devíamos “perdoar, porque eles não sabem o que fazem”. Imediatamente, meus companheiros reclamaram que “a escuridão prolongada estava dando frutos”, pois um ateu, como muitas vezes havia demonstrado ser, não podia dar justificativas religiosas para a tortura, “estava ficando louco”.

Chegamos ao campo de futebol, nos retiraram os capuzes e nos levaram de volta às nossas celas. Era impressionante nosso aspecto: sujos de terra, cabelos ressecados, alguns prostrados e, é claro, todos muito fedorentos e esfomeados. De volta às celas, por incrível que possa parecer, nos sentimos seguros, pois nas celas éramos vigiados pelos gendarmes e não pelos militares. As tribulações passaram para um segundo plano.

Entre os companheiros do grupo, o ex-intendente em exercício em 11 de setembro nos preocupava muito, pois era um homem muito jovem e praticamente passava os dias chorando e se perguntando, “até quando?”... Esse companheiro não falava, só se queixava e chorava, e o encarceramento o estava afetando psicologicamente.

Pensava em meu irmão Manuel, especialmente quanto a “dar a outra face” e na tortura sofrida por alguns apóstolos por acreditarem em Jesus Cristo. Como vivera minhas primeiras experiências do cristianismo como prisioneiro na ilha Quiriquina, meu espírito se fortalecia e me ajudava a suportar o castigo. Tratava-se de algo que estava acontecendo comigo e em que eu não desejava pensar...

De volta às celas, a única coisa que desejávamos era um pouco de água para beber e lavarmos o rosto. Nesse dia, a tigela de feijão e caneca de café vieram em dobro, o que serviu para mitigar a sede. Sem me dar conta, deixei uma das tigelas de feijão perto da porta, derramando sem querer seu conteúdo. À

noite, os ratos ficaram ocupados devorando o feijão e pude dormir. Dessa noite em diante, dividia meu parco alimento com os roedores e desfrutava a tranquilidade da noite para dormir.

(Fresia comentou depois, que contaram-lhe imediatamente quando os presos de Quiriquina tinham sido "levados para a tortura". Imagino seu susto e de Juana, que passaram o dia todo com as demais companheiras à porta da cadeia, esperando notícias. Mas elas viram o furgão da Gendarmaria e tiveram notícias. Segundo os guardas, estávamos chegando sem novidades.)

Pombo correio

Uma madrugada, quase ao amanhecer, ouço um assobio com a canção tradicional da Unidade Popular, "Venceremos"*. Em resposta, assobio a mesma canção. Logo um guarda chega à janelinha na porta e, por fora, abre-a:

– Sr. Hidalgo, estou de guarda e trago notícias de sua esposa, ela enviou este bilhete.

***Venceremos**

De Victor Jara

*Desde el hondo crisol de la patria
se levanta el clamor popular,
ya se anuncia la nueva alborada,
todo Chile comienza a cantar.*

*Recordando al soldado valiente
cuyo ejemplo lo hiciera inmortal,
enfrentemos primero a la muerte,
traicionar a la patria jamás.*

*Venceremos, venceremos,
mil cadenas habrá que romper,
venceremos, venceremos,
la miseria (al fascismo) sabremos vencer.*

*Campesinos, soldados, mineros,
la mujer de la patria también,
estudiantes, empleados y obreros,
cumpliremos con nuestro deber.*

*Sembraremos las tierras de gloria,
socialista será el porvenir,
todos juntos haremos la historia,
a cumplir, a cumplir, a cumplir*
(nota da editora)

Pego-o e aproximo da luz que entrava pelo corredor, reconhecendo a letra de Fresia: *"Pedro, graças a Deus estamos muito bem. Te amamos muito. Fresia"*.

O guarda me pediu, para sua segurança, que eu comesse o papel, o que fiz imediatamente. Foi uma ideia simplesmente genial: enquanto os militares tinham "preparado" a cela para me submeter totalmente à tortura da escuridão e do isolamento, eu recebia, por meio dessa brava criatura, nada menos que notícias diretas de minha esposa! Fiquei realmente feliz. Soube que Fresia não estava sozinha e certamente havia gente preocupada com a minha sorte.

Essa operação "comunicação" voltou a se repetir toda a vez que aquele guarda estava na segurança. Recebia mensagens muito breves, mas muito otimistas de Fresia, "comendo-as" imediatamente. Aproveitava, inclusive, para conversar um pouco com o guarda, perguntar em que dia da semana estávamos, em que data... Foi ele quem me contou que a igreja próxima à cadeia fazia tocar os sinos a cada hora em homenagem e solidariedade aos presos incomunicáveis.

Uma noite, ele me informou que havia um rumor na Gendarmaria de que o intendente estava preparando uma "visita" aos presos incomunicáveis, para observar as condições em que se encontravam. A notícia me agradou muito, inclusive porque vinha pensando todos os dias quais seriam meus "problemas prioritários": luz, água, papel higiênico?

Minha rotina não mudara: caminhava todos os dias e às vezes o dobro do planejado, quer dizer, dez quilômetros, o que me deixava cansado e me permitia dormir sem problemas. Tanto que, certa madrugada, o guarda se viu obrigado a bater na porta para me despertar, e disse que ia levar a notícia de que eu estava dormindo bem, à minha esposa. Preocupado, o guarda me perguntou por que passava o dia inteiro "contando passos", que estavam comentando que podia estar "mal da cabeça". Expliquei-lhe, pedindo o favor de que contasse a Fresia, que eram exercícios, e que os fazia voluntária e conscientemente.

No início da segunda semana de incomunicabilidade, começaram de novo "preparativos" para nos tirar de nossas celas, exceto os dois companheiros maiores de oitenta anos. Antes de ouvir os sinos das oito da manhã, os militares entraram, me puseram o capuz preto e logo todo o grupo estava no furgão, certamente com destino ao Regimento. Chegamos à porta do estabelecimento militar e ficamos um par de horas no carro. Subitamente, abriram a porta do furgão e nos levaram, num caminhão militar aberto, rumo a um setor do Regimento nas cordilheiras, pelo que nos indicava o caminho rústico em que estávamos transitando e o aroma de floresta do local onde paramos.

Com as mãos amarradas e no chão, produziu-se um prolongado silêncio. Logo, começaram os gritos dos companheiros que estavam sendo torturados. Ao meio-dia, paralisaram a operação e ficamos aparentemente sós, sempre amarrados e deitados no chão. Era certamente meio-dia, pois ouvimos chegar um veículo e logo sair rapidamente. Perguntei-me como um oficial do Exército podia chegar em sua casa e almoçar com sua família depois de ter passado a manhã torturando seres humanos. Como podia ir à missa dominical depois de ter passado a semana torturando presos políticos? Bobagem minha. No fim das contas, ele estava "fazendo o seu trabalho"...

Pouco a pouco, começamos a perguntar se podíamos tomar água. A resposta foi positiva e recebemos no cantil, um a um, o precioso líquido, dando as respectivas "graças" por esse favor...

– E agora, que fiquem todos em silêncio! – foi a ordem dos militares.

Transcorridas aproximadamente mais duas horas, o veículo do meio-dia voltou e a operação recomeçou. No meio da tarde, chegou o “meu turno”. Levaram-me a um aposento onde me fizeram subir a um balcão, me tiraram a roupa e uma voz exclamou:

– Estamos prontos... estamos prontos! Muito bem, seu merda, você tem que se comportar direitinho!

E então, me puseram uma espécie de “tira” de arame nos tornozelos e nos braços e repentinamente aplicaram eletricidade... Foi uma sensação de que jamais esqueerei. O corpo inteiro tremia e produzia-se dor infernal. Meus gritos foram dilacerantes, como o dos meus companheiros, pela dor, pelo medo e o terror de “não poder aguentar” esse tipo de tortura. Várias vezes repetiram a mesma operação nos braços e nos tornozelos. E eu gritava:

– Chega! Chega! Por que tanta violência?!

Fizeram uma pausa e trocaram a tira de arame, colocando-a na altura da cintura. A mesma sensação terrível, a mesma dor e os gritos ainda mais altos! Repetiram a operação várias vezes. Finalmente, puseram a tira à altura da pélvis e eu dizia a mim mesmo: “Tenho que aguentar, tenho que aguentar!... Eu tenho uma família”... A última descarga deve ter sido a pior, desmaiei...

Despertei, não sei quanto tempo depois. Estava vestido e sentado no balcão, com dores musculares em todo o corpo.

– É isso aí, seu covarde, estamos prontos, vamos andando!

Uma vez de volta ao furgão da Gendarmaria, aproveitamos para conversar e comprovamos que todos havíamos sido igualmente torturados, nus, com choques elétricos. Felizmente, a não ser pelas dores, estávamos todos bem. Chegamos ao campo de futebol já desocupado, ouvindo as badaladas das oito da noite, e dali fomos para o confinamento de nossas respectivas celas.

(Nesse dia, Fresia e o restante das mulheres do grupo da ilha Quiriquina souberam que tinham nos tirado das celas, como sempre sem rumo conhecido. Contudo, todas já sabiam que nos levavam ao Regimento para nos submeter a torturas. Permaneceram o dia inteiro diante do portão da cadeia, até verem o furgão entrar no campo de futebol. O medo e o susto a que eram submetidas nossas esposas e parentes era outro tipo de tortura psicológica, “a outra face da moeda”. Não havia a quem pudessem fazer perguntas, pois os guardas da Gendarmaria sempre diziam que estávamos nas mãos dos militares e esses jamais se prestavam a dar informações.)

Na semana seguinte pudemos descansar, pois os militares não retornaram e nós ficamos, como sempre, sob ordens da Gendarmaria. Vários dias se passaram sem ouvir o assobio de “Venceremos”, até que uma noite nos comunicamos e o gendarme disse que estivera de licença e que não me preocupasse porque a senhora Fresia estava muito bem. Essas notícias me fortaleciam muito.

Continuava com meus exercícios diários, que pareciam ter, de certa maneira, me protegido da última sessão de tortura.

Do Fogo à Luz

Disciplina e fé

Sempre adormecia pensando em Fresia e em meus filhos, na minha sogra, meus cunhados, minhas irmãs e, sobretudo, meus pais, Juan e Clara, com certeza preocupados com a minha sorte. Às vezes, fazia um verdadeiro balanço do ocorrido nos últimos meses, desde a minha saída de casa em Santiago, em 10 de setembro de 1973. Repassava cada duríssima experiência, muitas intoleráveis, e sobretudo a frustração de nunca ninguém ter me interrogado a não ser sobre o famoso “Plano Zeta” e as armas na província de Ñuble.

Nunca pensara que uma pessoa pudesse manter-se por tantos meses com uma alimentação tão escassa e má e, sobretudo, sem mudar uma só vez de roupa, sem poder usar papel higiênico e sem poder lavar-se normalmente. Claro, havia uma coisa muito mais importante do que todas essas “comodidades” da vida normal: manter-se vivo frente à atitude violenta dos militares, dos marinheiros, do pessoal da *Investigaciones* e dos carabineiros. Porém, não podia deixar de reconhecer a experiência positiva de ter travado conhecimento, pela primeira vez, com a Bíblia por meio da breve, mas rica, amizade com o pastor Manuel, que sempre regressava ao meu pensamento.

Parecia-me muito fácil manter uma atitude cristã com uma rotina diária de vida sem grandes problemas econômicos, políticos ou familiares, e com todas as “comodidades” próprias a uma vida normal. Nas circunstâncias em que vivíamos em Chillán – presos, torturados, em péssimas condições sanitárias, privados de liberdade, incomunicáveis e às escuras noite e dia – era muito difícil mantê-la e “perdoar”, “oferecer a outra face” e “amar aos teus inimigos porque não sabem o que fazem”. Difícil... difícilimo!

Não obstante, essa parecia ser a essência do cristianismo, o que ensinara Jesus Cristo há mais de dois mil anos. Manuel fazia-me então muita falta para “esclarecer” minhas inquietudes.

A Cruz branca

Já haviam soado as badaladas das oito horas quando ocorreu um fato insólito que viria a mudar totalmente a minha vida espiritual. Estava tranquilo, deitado de costas e, de repente, “apareceu” no teto da cela, acima da minha cabeça, uma cruz branca perfeita. Fiquei assustado ao ver a insólita figura. Esfreguei os olhos e me virei para dormir de bruços. Mas não resisti: olhei de súbito para o teto e lá

estava a cruz como a olhar-me, sempre fixa, sempre branca e de proporções exatas. Adormeci muito preocupado... "O que estaria se passando? Estariam os tratamentos de tortura fazendo efeito? Por que, depois de mais de duas semanas, aparece uma figura semelhante justo no teto, diante do lugar em que durmo todas as noites?"

No dia seguinte, acordei-me com as badaladas das oito da manhã. Olhei, examinei e comprovei: a cruz havia desaparecido. Teria sido um sonho? Somente imaginação? Passei o dia tranquilo, mas com a cruz "enfada" na cabeça. Consegui comentar com meu vizinho de cela, o ex-intendente em exercício, que se mostrou muito preocupado:

– Tenha cuidado, Pedro, você está vendo coisas ilusórias, e isso é muito perigoso.

Pensei que era melhor manter essa "ilusão" em segredo, pois poderia correr o rumor de que estava "ficando louco".

Na segunda noite, soaram os sinos das oito, me deitei no chão a esperar... Que angústia! Subitamente... apareceu novamente a cruz! Branca, impecável, exatamente na mesma posição da primeira noite... "Que coisa!! Que impressionante!! O que poderia ser?... Por que na mesma hora?" Eram muitas as perguntas sem resposta. Dessa vez, apenas fiquei a contemplá-la e peguei lentamente no sono. Acordei várias vezes durante a noite, e lá estava a cruz, sempre acima da minha cabeça. Ao amanhecer, porém, como na véspera, desaparecera. Pensei, e considerei realmente despropositado. "Eu não o merecia: seria uma mensagem de Jesus Cristo? Como saber?"

À noite, pela terceira vez, quis saber se o fato insólito se repetiria. Passei o dia todo pensando em Jesus Cristo, mas não podia compartilhar com ninguém o que estava acontecendo. Perguntei novamente ao meu vizinho:

– Escute, por acaso não há uma cruz branca "impregnada" no teto da sua cela?

A resposta, já sabia:

– Pedro, cuidado, pois estás vendo coisas ilusórias, não existe nenhuma cruz.

Não obstante, esperava ansioso, dessa vez de pé, porque queria estar mais perto da cruz. Era a terceira noite e de pronto, como sempre, ela voltou a aparecer, muito branca e com dimensões perfeitas... Não suportei!! De forma muito natural e espontânea me ajoelhei pela primeira vez desde que tinha sete anos e expressei com nova e profunda fé:

"Sim, Jesus Cristo... já sei... És Tu... És tu quem está iluminando meu espírito e minha cela com o Sinal da Cruz!"

Então, completamente emocionado, me persigno:

Pelo Sinal da Santa Cruz.

Livrai-nos, Senhor nosso Deus, dos nossos inimigos.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém.

Foi uma noite diferente de todas as noites que vivera desde 11 de setembro de 1973: não sentia tantos fedores, os ratos continuavam com sua rotina de comer os feijões, pareceu que já não estava tão escuro. A cruz iluminava minha alma e minha cela. Sentia uma emoção incrível, porque naqueles minutos exatos estava recém começando a crer! Estava recém começando a ser cristão! Estava começando a caminhar do fogo à luz.

Estava começando a perdoar todos àqueles que me torturaram! Estava começando a oferecer a outra face a todos aqueles que castigaram o meu corpo! E começava a crer que os militares que me torturaram realmente não sabiam o que faziam.

(Mais tarde, numa leitura do Novo Testamento, uma passagem que me remeteu àquela noite – o Evangelho segundo São João, capítulo 12, versículos 44 a 46:

44 – Jesus chamou; quem crê em mim não é em mim que crê, mas em quem me enviou,

45 – e quem me vê, vê aquele que me enviou.

45 – Eu, a luz, vim ao mundo para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.)

Reconhecia que, até aquele momento, estivera vivendo nas trevas, esgotado espiritualmente. Porém, naquele instante, quando conseguira me ajoelhar e rezar com sincero sentimento, estava totalmente emocionado com o que acontecia na minha cela e, olhando sempre para a cruz, comecei a orar:

*“Pai nosso que estais no céu
Santificado seja o vosso nome
Venha a nós o vosso reino
Seja feita a vossa vontade
Assim na terra como no céu
O pão nosso de cada dia nos dai hoje
E perdoai as nossas ofensas
Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido
Não nos deixei cair em tentação
E livrai-nos do mal
Amém”*

Fiquei tranquilo, deitado no chão: havia recuperado a minha FÉ. A partir daquela noite, comecei a crer com toda a minha alma que Jesus Cristo é Deus, que nasceu da Virgem Maria por obra e graça do Espírito Santo e morreu torturado e crucificado, mas ao terceiro dia ressuscitou e agora está no céu junto com seu Pai.

A Manuel

Como desejava ter o irmão Manuel ao meu lado e dizer-lhe: “Por fim, creio em Deus!”. Você tinha toda a razão quando me explicava, na ilha Quiriquina, que Jesus Cristo era filho de Deus. Você tinha toda a razão, Manuel, quando me contava, em nossos passeios matutinos entre as fileiras de presos, que a

Virgem Maria concebera graças ao Espírito Santo e com a compreensão divina de seu esposo José. Lembro-me que isso você me explicou porque, para que fosse uma Sagrada Família, havia de haver esposa, esposo e Filho.

Tenho certeza, querido amigo Manuel, que a trindade fundamental do cristianismo – Pai, Filho e Espírito Santo serem três pessoas distintas em um só Deus – pouco a pouco irá penetrando no meu coração. Queria poder te dizer, Manuel, que jamais deixarei de ler a Bíblia, especialmente o Novo Testamento; que jamais condicionarei minha fé ao fato de que deixem de me torturar, castigar ou insultar. Se amanhã os militares vierem me buscar novamente para me castigar, isso não vai diminuir em nada a fé que sinto nesse momento em Jesus Cristo. Ao contrário, minha fé terá que se fortalecer dia a dia com a prece, com o Sinal da Cruz, com o Pai Nosso... e com a bela oração que diz: 'Ave, Maria, cheia de graça...'

Creio, amigo Manuel, que a fé deve centrar-se no nosso comportamento para com os demais e não no comportamento dos demais para conosco. Estarei equivocado? Não o sei. Apenas penso que o cristão torturado deve ter uma atitude diferente para com o "cristão" torturador. Penso que o torturado deve receber o castigo com resignação e com o propósito são de perdoar. O torturador deve prestar contas a Jesus Cristo, e esse é um problema dele e não do torturado. Estarei certo?

Reconheço que toda a minha vida estive errado, pois não é possível explicar o nascimento de Jesus Cristo "cientificamente". É um ato de fé. Fé que me adveio como um presente à noite, em minha própria cela, pela aparição da bela cruz. Creio que ela libertou meu espírito "aprisionado" tentado encontrar explicações científicas sobre o nascimento de Jesus. Estava muito equivocado...

A partir de então, em minha cela, juntamente com os exercícios diários, junto com alimentar "meus ratos", com o pensar em minha família, passava o dia refletindo sobre o nascimento de Cristo, sobre a morte de São Tiago, decapitado por Herodes na prisão. Pareceu-me que São Tiago tinha uma enorme fé, pois morrera torturado por amor a Jesus Cristo. Passava quase o dia inteiro pensando em Pedro, que foi libertado por Deus quando estava acorrentado, vigiado por dezesseis guardas armados.

Às vezes, pensando e pensando, o dia se fazia curto. E, logo após as badaladas das oito da noite, aparecia a cruz, que já era a "minha cruz". Sem qualquer acanhamento me ajoelhava e agradecia a Jesus Cristo a sua bondade de estar em minha cela, "me acompanhando". Implorava, sem exigir, que Jesus fortalecesse Fresia, que a acompanhasse em sua dor, ainda que fosse uma mulher católica de toda a vida, o que devia preenchê-la de fé em Jesus Cristo. E de dentro de minha cela, também implorava humildemente por meus filhos e por toda a família.

Tinha, enfim, a alma calma. Não estava mais assustado, já não tinha medo, e digo-o sinceramente. Era uma sensação muito agradável, que não sentira quando me prenderam vários meses antes em Puertezuelo. Tampouco sentira essa força na ilha Quiriquina e nem quando chegara àquela minha cela escura. Foi só a partir da aparição da cruz que começara a sentir aquela grande tranquilidade espiritual.

Essa nova e inovadora relação com Jesus Cristo mudou definitivamente a minha vida. Na cela, acordava cedo e, antes das badaladas das oito da manhã, quando a cruz já desaparecera, entrava em comunicação com Jesus. Primeiro, o sinal da cruz, em seguida o Pai Nosso e depois simplesmente conversava com Cristo.

(Até hoje, gosto de rezar lentamente e de pensar muito no que estou dizendo. Na ilha Quiriquina, certa vez Manuel me ensinou o conteúdo do Pai Nosso, que Jesus Cristo havia ensinado aos seus discípulos quando lhe perguntaram de que maneira podiam orar. Foi então, pela primeira vez, que Jesus orou em homenagem a seu Pai. Quer dizer, estávamos falando de uma oração que tinha mais de dois mil anos de antiguidade. A oração da Virgem não foi dita textualmente por Jesus Cristo, mas representa o momento mais sublime da Virgem Maria, quando o anjo Gabriel aparece dizendo-lhe que "estava cheia de graça". Todos os fatos são explicados pelos apóstolos no Novo Testamento, o que acontece é que não sei exatamente os capítulos e os versículos respectivos.)

A cruz desmistificada

Foi muito difícil explicar a meu vizinho de cela como, de um momento para outro, depois de trinta anos e em apenas três dias, havia recuperado a fé em Jesus Cristo. A verdade, porém, é que meu espírito vinha se preparando, desde que conheci muito de perto, na ilha Quiriquina, o Novo Testamento. Mas faltava "algo" que produzisse uma virada radical no meu pensamento, e fora nos momentos mais difíceis da minha vida, preso, incomunicável, torturado, mal alimentado, sem nenhum tipo de comodidade da vida normal que encontrara esse "algo" para crer em Jesus Cristo.

Naquele momento, não queria investigar como e por que, numa noite muito especial, aparecera, de súbito, uma cruz e "iluminara" o teto da minha cela. Em outras condições, teria imediatamente investido em encontrar uma explicação "técnica" sobre esse "fenômeno luminoso", mas agora não queria fazê-lo, pois o mais importante era que todas as noites a cruz aparecia no teto.

Uma noite, no entanto, levantei-me e, com muito cuidado, pus a mão em cima da cruz e, evidentemente, ela ficou sobre minha palma. Tirava a mão e ela regressava ao teto da cela e vice-versa. Estive um bom tempo realizando esse bonito "experimento" e gostei muito de dispor da cruz em minha mão. Numa outra noite, uma vez com a cruz sobre a minha palma, a fui levando em direção à janela vedada da cela e, subitamente, me dei conta de que, de um determinado ponto, saía um raio de luz muito fino, que, no teto, se "transformava" em cruz.

Ao vedar a janela com madeira e pregos, os presos comuns que me prepararam a cela especial, deixaram uma madeira rachar e, na rachadura, formara-se uma minúscula cruz, que ali estivera desde a minha chegada.

Quanto à luz que por ela se infiltrava, soube pelo guarda da Gendarmaria com quem conversava à noite no corredor que, após nossa chegada ao prédio dos incomunicáveis, os militares haviam mandado instalar dois postes de iluminação elétrica, a título de prevenção e cuidado com as celas durante o período noturno. Quando acendiam as luminárias nos postes e a luz penetrava pela "rachadura" das tábuas da janela, formava-se no teto da cela a figura da cruz. A mesma luz se desvanecia ao amanhecer, ao ser desligada nos postes, por volta das oito da manhã.

(Ao conversar mais tarde com alguns presos católicos e explicar-lhe essas "casualidades", me diziam muito frequentemente que para Deus não há casualidade. Ele escolhe como chegar ao coração de cada um e

depende de nós recebê-lo ou rechaçá-lo. Eu deveria sentir-me privilegiado por ter recebido uma mensagem de Jesus Cristo para fortalecer minha fé, adormecida por mais de trinta anos.)

Passavam-se os dias e, desde o momento fatídico da tortura elétrica, vivia uma tensa calma. A rotina era simples: acordar, comunicar-me com Cristo, receber a caneca de café preto, caminhar cinco quilômetros, receber a tigela de feijão, separar a comida dos roedores, voltar a caminhar cinco quilômetros, usar o buraco como banheiro, esperar a segunda caneca de café e esperar acender a cruz, meditar muito e dormir.

Tomei como norma comunicar-me com Jesus Cristo sempre com o cuidado de não pedir nada relacionado com o “encarceramento”. Só pedia para fortalecer minha fé e para cuidar da minha família em Santiago, em María Elena e em Valdivia.

A Cruz Vermelha

Meu “amigo” guarda noturno me mantinha informado sobre os acontecimentos fora da cela e da cadeia. Havia o rumor de que a Cruz Vermelha Internacional visitaria a Cadeia Pública de Chillán por ordem direta do presidente da República, o capitão general Augusto Pinochet. Efetivamente, não se passaram dois dias e, durante a tarde, anunciaram pelos alto-falantes que os presos comuns deveriam se recolher às suas celas e que os presos políticos deveriam entrar em forma para receber um grupo de cinco estrangeiros, membros da Cruz Vermelha Internacional.

O capitão de guarda “sugerira” previamente que as respostas deveriam ser “positivas”. O diálogo dos presos com os representantes da Cruz Vermelha foi um tanto absurdo: “Tudo estava normal”, “bom tratamento”, “boa comida” e “ninguém sabia de torturas”. Com o capitão presente não era possível responder de outra forma.

Um dos detidos que falava inglês tomou coragem e contou a um dos visitantes que no prédio à frente deles, havia dezesseis presos políticos incomunicáveis, e que o ex-ministro da Agricultura lá estava há trinta dias às escuras. Seria muito importante visitá-los.

O grupo da Cruz Vermelha pressionou o capitão para visitar o prédio dos incomunicáveis. Foi um momento difícil, mas o chefe da missão insistiu que tinham ordem do presidente da República e exigiram visitar aquelas pessoas. O capitão cedeu.

Ouvimos ruídos altos no primeiro andar e soubemos imediatamente pelos guardas em turno que era a Comissão da Cruz Vermelha Internacional. Depois de cerca de uma hora, ouvi ruídos na escada em caracol que dava aceso ao segundo andar e apareceram abrindo as portas das diferentes celas. Foi impressionante observar o grupo de estrangeiros:

– Por favor, senhor Hidalgo, saia ao corredor.

O reflexo do sol incomodou-me e procurei permanecer à sombra. Os representantes da Cruz Vermelha ficaram assombrados com a minha situação e com meu aspecto absolutamente aviltado: eram vários

meses sem mudar de roupa e sem papel higiênico, entre outras coisas. Com os olhos um pouco lacrimajantes apertei a mão de cada um.

Perguntaram meu nome completo e os cargos que ocupara no governo Allende. Tomei fôlego e expliquei que tinha sido diretor da Corporação de Reforma Agrária, presidente do Instituto do Desenvolvimento Agropecuário e ministro da Agricultura. Perguntaram-me desde quando estava detido e desde quando me encontrava naquela cela. Respondi lentamente, olhando para o capitão, que não deixou de ficar me observando:

– Fui preso no dia 13 de setembro, estive um tempo na ilha Quiriquina e não me lembro há quantos dias estou incomunicável.

Enquanto eu falava, cada um deles entrou para observar a cela. Finalmente, perguntaram quais eram meus problemas e respondi, também lentamente:

– Em primeiro lugar a escuridão, porque a janela está vedada, em seguida, falta acesso a um banheiro com papel higiênico e água para limpar meu corpo e, sobretudo, falta poder receber a visita de Fresia, minha esposa, e de Juana, minha irmã.

Sobre torturas e castigos, preferi não falar, pois o capitão me observava com atenção. A comissão conversou com o capitão e regressei à minha cela, enquanto a Comissão visitava os outros presos. Logo em seguida, fecharam-se as portas e voltamos ao silêncio.

Ajoelhei-me e agradei a Jesus Cristo por ter feito chegar à minha cela pessoas tão importantes. Estava certo de que “algo” haveria de acontecer. Desde o início da minha fé em Deus, não me sentira mais só.

Disse a Cristo que não tivera coragem de explicar à Comissão que apesar de minha desumana situação, tinha tido a experiência mais maravilhosa da minha vida: recuperar a fé em Deus. Reconheci que não tivera coragem de confessar essa tremenda verdade, pois estava muito nervoso e com medo, especialmente por causa da presença do capitão de guarda.

No dia seguinte a essa inesperada visita, retiraram as tábuas da janela da cela, deixando entrar a luz do sol. O grupo de militares encarregado da tarefa dizia com certo regozijo:

– Pronto, acabou a escuridão!! Acabou a escuridão!!

Era final de dia e isso permitiu que meus olhos pudessem se acostumar pouco a pouco com a luz natural. Para minha enorme surpresa, levaram-nos, nada mais nada menos, para um banheiro com ducha e papel higiênico! Também fecharam o buraco “sanitário” e limparam cada uma das celas. Ao final, nos forneceram um estrado de tela metálica e um cobertor branco.

Uma vez só em minha cela, comecei a rezar o Pai Nosso e a agradecer a Jesus Cristo, pois, do fundo da minha alma desejava essas mudanças de caráter sanitário, como a supressão e a vedação do buraco onde estivera realizando as minhas necessidades fisiológicas e que me dessem a possibilidade de me assear e alimentar melhor, além de que abrissem a janela.

Assim, graças aos bons ofícios da Comissão da Cruz Vermelha Internacional, a situação mudou muito. Já podia sair uma vez por dia para ir ao banheiro assear-me, usando escova e pasta de dentes, pente

– coisas tão simples! E, mais, passei a receber uma marmita com comida fresca. Todas essas coisas vinham de fora da cadeia, certamente da capela onde Fresia estava alojada.

Pude observar o poste de luz elétrica à altura da janela, aceso do começo da noite até o amanhecer. Era impressionante como a cela ficava iluminada com a figura da janela e suas grades: parecia-me incrível estar desfrutando dessas mudanças tão grandes. Mas, pouco a pouco, fui me acostumando à nova rotina.

Incríveis as contradições da vida: tivera que suportar as piores condições materiais e higiênicas para finalmente conhecer Jesus Cristo, e agora que estava começando a desfrutar dessas comodidades novamente, sentia falta da cruz. Reconheço que à noite não conseguia relaxar para dormir no estrado com o cobertor cheirando a limpo, a verdade é que a cela estava demasiado iluminada. A cela permaneceu limpa, sem fedores e a imagem da cruz, apesar de ter desaparecido, ficara gravada para sempre em minha alma. Eu continuava impressionado com ela.

Gratidão

Estava ouvindo os sinos do meio-dia quando chegou “meu guarda noturno”, agora trabalhando de dia, com uma marmita de comida fresca, uma colher, cerejas e nêspersas de sobremesa e, mais importante que tudo, um guardanapo com mensagem de Fresia, que havia sido informada da minha nova situação: *“Pedro, conversei com o intendente e logo poderemos ficar alguns minutos juntos.”*

Essa nova alternativa de contato passou a se repetir praticamente todos os dias. Fresia aproveitava o guardanapo para escrever. A mensagem junto com a comida... O guarda me dera de presente um lápis, não maior que um centímetro, para responder à Fresia em outro guardanapo. Iniciara-se uma comunicação verdadeira com minha esposa.

Refletia sobre todas essas conquistas, inclusive as informações quase diárias que tinha sobre a minha família, e me perguntava “como não agradecer a Jesus Cristo por escutar minhas preces, como não agradecer a Jesus Cristo por tanta bondade?”.

“No dia a dia normal, não creio que haja um cristão que agradeça todos os dias por ter papel higiênico, água para beber e assear seu corpo, comida fresca e quente, ou que agradeça a Deus porque pode observar pela janela de dia o sol e à noite as estrelas.

Acho que qualquer que seja a realidade das pessoas, há dois momentos chave na vida em que nós temos que nos comunicar com Deus: à noite, para agradecer pelos acontecimentos do dia, porque sempre, dia a dia, acontecem coisas importantes. E pela manhã, inclusive a caminho do trabalho, para orar e pedir por nossas inquietudes.”

“No mundo do não cristão, porém, as coisas só acontecem por ‘casualidade’ ou por nossos esforços, e de maneira nenhuma por vontade de Deus. No dia em que assumi o cargo de ministro da Agricultura, Fresia e minha irmã Juana, certamente como boas cristãs, agradeceram à noite a Deus pela alta honra.

Para mim, em contrapartida, como homem não cristão, tratava-se simplesmente do reconhecimento do meu desempenho profissional.”

“Como eu estivera equivocado! Claro, minha vida estava cheia de êxitos, uma linda família, ex-funcionário internacional, necessidades básicas absolutamente asseguradas... Para que agradecer a Deus? Como estivera equivocado!!”

Contradições

O intendente

Uma manhã, cheguei à Cadeia o intendente, a quem pensava solicitar uma entrevista com minha esposa e agradecer as últimas medidas para tornar minha reclusão mais suportável. Com certeza, o coronel Christian Guedelhoefer, chefe do estado de emergência, deveria ter tido alguma influência nas decisões do Exército – mesmo que por pressão da Cruz Vermelha – que melhoraram substancialmente a minha vida.

Sua visita começou pelo primeiro andar, onde estive em todas as celas sempre acompanhado por uma guarda de militares bem armados e do capitão do Exército da Cadeia Pública.

Cheguei finalmente à minha cela. Estava vestido com uma capa muito grossa, seu gorro de campanha e botas altas muito bem lustradas. Eu estava em frente a ele e para meu enorme assombro, a primeira coisa que me disse, textualmente, foi:

– Então, o famoso ministro da Agricultura!! Já para o chão, seu merda!! O chão!!

Ato contínuo, um dos soldados apontou-me o fuzil. Tomei novamente um terrível susto, mas também de forma extraordinária, comecei a pedir, em silêncio, clemência a Jesus Cristo. E alto para ser ouvido:

– Sim, senhor! Sim, senhor!

Deitei-me no chão. Ele pôs a bota sobre o meu rosto:

– Como está?

Respondi que ele estava machucando o meu rosto...

– Dane-se, seu cagão de merda!! Vocês políticos estragaram tudo no Chile, e você andou aqui na província expropriando terras dos agricultores.

Apertou com força a bota lustrada sobre o meu rosto. Em seguida, começou a golpear meu corpo com os pés. Tentei de me defender, sem deixar de pedir clemência a Cristo.

Era a primeira vez que recorria a Deus em pleno processo de tortura. E o coronel continuou:

– Olhe aqui, seu covarde! Diga-me, vamos, até onde a merda te chegou? Até onde?!

Respondi com muita firmeza:

– Até a boca, meu coronel, até a boca!!

Não conseguia entender o comportamento do intendente, um alto oficial das Forças Armadas, diante de um “inimigo” reduzido e indefeso. Depois da minha resposta, ele me deu mais alguns golpes nas costas com suas botas. Estava muito excitado e repetia enquanto me batia:

– Vocês cagaram tudo no Chile!!

Finalmente, antes de retirar-se, me ordenou:

– Levante-se, seu covarde, de pé! De pé!!

E virando-se para a guarda:

– Amoleçam este cagão!!

Um dos guardas começou a me golpear em todo o corpo com a culatra do fuzil. Quando se retiraram, fecharam a porta da minha cela e deixaram-me estendido no chão.

Pela primeira vez, a impotência que sentia fizera lágrimas brotarem em meus olhos. Já não aguentava mais tanta injustiça, tanta dor... No entanto, me lembrei que o mais importante era que certamente Jesus Cristo estava ao meu lado e que o coronel teria que prestar contas perante Deus. Nessa noite, foi difícil conciliar o sono. Estava muito dolorido. Contudo, devido aos exercícios diários, meu corpo suportou o castigo.

Acordei no dia seguinte muito cedo, mas tive que permanecer “deitado” por um bom par de dias, até o corpo se recuperar da tortura. E nesses dias repetira para mim mesmo: “Por que sempre penso positivamente que os militares vão nos tratar como seres humanos?” Mais uma vez me equivocara, dessa vez sobre a conduta do intendente, a quem creditara a melhoria de minhas condições de vida. Fora possível ver em seus olhos o ódio contra o governo que eu representava.

Perfume de mulher

Meu amigo, o guarda da Gendarmaria, me trazia a marmita com comida fresca e as mensagens otimistas de Fresia: o intendente, por mais contraditório que me pudesse parecer, tinha autorizado uma visita de dez minutos.

E, numa tarde, enfim, me avisaram que a Sra. Fresia estava na sala de visitas da prisão. Antes da visita, eu aproveitara para tomar uma ducha e limpar a roupa. Fui caminhando emocionado rumo ao encontro esperado desde 10 de setembro de 1973!

Ao chegar, me surpreendera a presença de um soldado armado a um par de metros de Fresia. Um abraço forte e prolongado, um terno beijo... Tudo em companhia do soldado.

Qual fora a minha primeira impressão? Indubitavelmente o seu perfume seletivo tão agradável, cheiro de mulher solidária. A sua figura íntegra, apesar do longo caminho percorrido para chegar àquele lugar. Contivemos as lágrimas e só atinei lhe perguntar:

– E como vão as crianças?

– Os filhos estão muito bem – respondeu com um largo sorriso. Lorena e Andrés estão terminando o ano letivo em boas condições.

Essa última notícia, agradei a Deus de maneira muito especial, pois era uma das minhas grandes preocupações. Enfim, foram breves minutos...

– E você, meu amor, como está?

– Bem! Muito bem graças a Deus – respondi.

Não era oportuno falar de problemas econômicos e menos ainda de tortura, questões de que Fresia estava perfeitamente a par. Era importante aproveitar o tempo para dar mensagens otimistas, para nos olharmos, sorrirmos, era importante aproveitar os minutos para estarmos juntos depois de vários meses de incerteza, insegurança e dúvidas sobre o nosso destino.

– Está na hora! – disse o soldado, fazendo-nos voltar à realidade – Acabou o tempo!!

Outro abraço forte, outro terno e doce beijo, mas dessa vez de um “até logo”, outra vez cheirar seu rosto e sentir o alento de mulher emocionada, um último sorriso, e nos separamos.

(Os detalhes de que Fresia se recorda são de uma pessoa muito magra de roupa desbotada, olhos muito tristes, cabelos muito compridos, barba branca e, ao tomar minhas mãos, observar as unhas grandes, muito grandes. Mas nós estávamos juntos outra vez. Fora um encontro muito breve, mas muito emocionante, cheio de ternura; bastou estarmos juntos uns poucos minutos para deixarmos para trás as dificuldades vividas naqueles últimos meses.)

Esse encontro fortalecera meu espírito e minha tremenda fé em Jesus Cristo. Em minhas preces diárias, não havia pedido para encontrar-me com Fresia, fora realmente um presente de Deus e tive palavras especiais de agradecimento a Jesus Cristo, e uma noite muito calma.

Voltei a observar, pela janela da cela, o céu estrelado de Chillán e a sentir uma espécie de paz espiritual. Minha consciência estava tranquila, me sentia seguro sobre o meu comportamento como funcionário do governo; não me lembrava de qualquer ato administrativo, levado a cabo nos três anos de governo, que tivesse estado sob uma sombra de suspeita de corrupção ou imoralidade. Essa era a minha força, a partir de então respaldada pela fé que readquirira de que Deus existia e estava ao meu lado. Sentia-me preparado para suportar qualquer juízo de caráter administrativo ou penal; estava preparado para responder a qualquer promotor militar por meus atos administrativos e políticos durante os três anos de governo.

O artesanão

Pois bem, um dia meu amigo guarda da Gendarmaria me disse, através da janela da cela, ter encontrado em sua casa um pedaço de madeira tenra, do tamanho da palma da mão, e que queria me dar de presente, junto com um pedaço de vidro, para eu me “entretêr” elaborando alguma coisa. Gostei da ideia e agradei muito o fato de o guarda estar preocupado comigo, pensando, inclusive em sua própria casa, em maneiras para me ajudar.

Ao ver o pedaço de madeira, pensei imediatamente em fazer uma cruz, pois tinha o “modelo” em minha cabeça. Comecei a desgastar parte da madeira com o vidro, configurando uma cruz pelos quatro lados. Foi impressionante a concentração e o cuidado que tive ao elaborar a forma quase perfeita, apesar de carecer de régua ou medida. Uma cruz semelhante àquela que surgira no teto da minha cela. Tão envolvido estava que havia dias em que me esquecia de caminhar meus cinco quilômetros para fortalecer o corpo.

O guarda da Gendarmaria ficou surpreso ao observar o trabalho realizado, dadas as condições de que eu dispunha:

– *Don Pedro*, como conseguiu fazer uma cruz tão bonita? Parabéns!

Dias depois, conversando com meu vizinho, o ex-intendente, homem muito católico, pedi instruções para confeccionar um rosário com os caroços das cerejas e nêspersas que guardava na cela. O vizinho respondeu que eu não zombasse da religião, mas diante da minha insistência e de contar que havia feito uma cruz, me explicou em detalhes a formação de um rosário:

– São dez bolinhas pequenas e uma maior, repetidas cinco vezes. Quer dizer, são cinquenta bolinhas pequenas. A cada dez delas uma bolinha maior.

Consegui um pequeno pedaço de arame, que retirei do catre metálico, e comecei a perfurar lentamente, até atravessar, os cinquenta e cinco caroços de cerejas e nêspersas, guardados das sobremesas que Fresia me enviava diariamente. Trabalhava desde o nascer da luz do dia até o anoitecer e me sentia plenamente realizado.

Quando meu vizinho soube que realmente estava confeccionando um rosário, transmitiu a notícia aos demais detidos e, pronto: fora confirmada a teoria de que eu “estava mal da cabeça”.

A cruz de madeira, eu também a perfurei, e da borda do cobertor retirei um fio firme que serviria para unir os dez caroços mediante uma trança. Passei o fio pela perfuração da cruz e de cada caroço. Pouco a pouco e com muita paciência, começou a tomar forma o rosário.

(Contar essa nova experiência é muito singelo, mas fazer o trabalho foi muito difícil e exigiu muito tempo e paciência, o que constituiu um desafio e uma meta de trabalho dentro da cela.)

Ao fim da semana, terminado o rosário, o admirei à luz da janela e considerei a “obra religiosa” impressionante, sobretudo em função das duras condições em que fora confeccionada.

Durante o trabalho de elaborar e perfurar a cruz, perfurar os caroços, introduzir o fio e fazer a trança, o dia se passava muito rápido e eu praticamente concentrava o meu pensamento no martírio sofrido por Jesus Cristo durante a crucificação. Também pensei muito nas tarefas desenvolvidas pelos apóstolos, que, segundo o Novo Testamento, abandonaram espontaneamente as suas famílias, as suas casas e certamente as comodidades da época, para seguir o filho de um carpinteiro que se proclamava Filho de Deus e o demonstrava com seus ensinamentos e com os milagres realizados para a gente humilde.

“Que formidável ter vivido naqueles anos!! Caminhar juntos de povoado em povoado, de comunidade em comunidade, dormindo às vezes expostos a intempéries, às vezes sem comer, ouvindo e observando o Mestre e ter sido testemunha quando Pilatos o prendeu, torturou, cravou uma coroa de espinhos em sua cabeça, o fez carregar a própria cruz e o crucificou. Que experiência terrível!! Mas ainda carecia ‘demonstrar’ que era Filho de Deus, e ao terceiro dia Ele ressuscitou, mostrou-se aos seus apóstolos e subiu para o lado de seu Pai...”

Estava orgulhoso de ter confeccionado com minhas próprias mãos, na cela da Cadeia Pública de Chillán, com elementos tão singelos quanto um pedaço de madeira, caroços de cerejas e nêspersas, um caco de vidro, um pequenino arame e o fio do cobertor, nada mais nada menos que um rosário, pensando e repensando na figura de Jesus.

Um dia, mostrei-o ao meu amigo, o guarda da Gendarmaria, que exclamou:

– *Don Pedro*, é incrível o que estou vendo, nunca imaginei que pudesse fazer um rosário em sua cela. Incrível! Mas, cuidado, pois se o capitão do Exército descobrir, certamente o tira. Por favor, o senhor pode confiar em mim. Dê-me o rosário e o levo à senhora sua esposa na capela; eles ficarão muito surpresos.

Pensei que era mesmo o melhor a fazer, pois não me passava pela cabeça perder o rosário. Entreguei-o ao guarda.

(Ele cumprira sua palavra, levava-o à capela e entregara-o a Fresia, ao pároco e às mulheres dos detidos, contando que, na semana anterior, tinha levado de casa a don Pedro um pedaço de madeira e um pequeno caco de vidro, para ele poder se entreter. “E olhem o lindo rosário que ele fez, não sei como conseguiu”. Os que viram o rosário, contou-me Fresia depois, mal podiam acreditar... “Sim, é verdade, Pedro não é cristão, nunca entrou numa igreja!”, explicara-lhes Fresia. O rosário, no momento em que escrevo este testemunho, já tem mais de trinta anos e foi exibido em exposições organizadas por exilados políticos na Venezuela e no Brasil, como mostra dos trabalhos realizados por presos políticos da Ditadura Militar.)

Essa atividade fortaleceu minha fé, pois nunca havia realizado um trabalho manual em minha vida. Nunca havia imaginado que, com a inspiração de Deus e a ajuda de meu amigo guarda da Gendarmaria, pudesse confeccionar um rosário e deixá-lo, a salvo, nas mãos de Fresia. Sequer sabia como o rosário era organizado, mas achava que representava a Via Crucis de Jesus Cristo.

(Como me parece pequeno, hoje, o então intendente da província de Ñuble e chefe da zona de estado de sítio, coronel Guedelhoefer, que visitara em sua cela um preso político, um ser humano encarcerado sem ter sido condenado. Um alto oficial do nosso glorioso Exército, protegido por guardas fortemente armados, atormentando um ser humano indefeso porque ele havia “expropriado terras dos agricultores”. Volto a repetir que ele terá contas a prestar a Jesus Cristo no futuro, e que não há missa nem comunhão que justifique uma ação anticristã.)





Isidoro

Antes dos sinos das oito horas, guardas militares chegaram à minha cela, desta vez sem necessidade de me vendarem a vista com o clássico capuz:

– Vamos andando, tem uma patrulha esperando lá embaixo – disse um soldado.

Fizeram-me subir no veículo e, surpreso, vejo apenas um companheiro, que eu não conhecia, e que esperava pacientemente. Quando fecharam a porta e o veículo começou a andar, me apresentei:

– Eu sou Pedro Hidalgo, o ex-ministro da Agricultura.

– Sou Isidoro, da militância socialista. À noite, me entreguei voluntariamente. Já não aguentava mais.

Contou-me que todas as noites, em diferentes horas, as patrulhas militares iam a sua casa, onde vivia com a esposa e filhas, sempre pressionando por informação relacionada ao “Plano Zeta” e armas de fogo na província de Ñuble.

– Simplesmente, companheiro, já não aguentava mais e me entreguei voluntariamente para que deixassem em paz minha esposa e minhas filhas.

Contei-lhe que, em setembro, quando havia sido preso, me faziam as mesmas perguntas.

– Bem. E agora – perguntou ele – o que vai acontecer conosco?

Notamos que o veículo saíra da cidade por um caminho de terra e, depois de mais ou menos uma hora, chegara a seu destino. Fizeram-nos descer e nos apertamos as mãos num gesto de solidariedade. Chegáramos a um conjunto de casas patronais de uma terra. Deixaram-nos estendidos no chão. Logo em seguida, levaram-me a uma sala sem móveis. Os soldados me vendaram os olhos e me amarraram as mãos atrás das costas. Pelo linguajar que estavam usando, parecia tratar-se de um grupo misto de civis e militares. Iniciou-se mais um diálogo de surdos:

– Quem comanda o Plano Zeta na província? Em que lugares opera o Plano Zeta na província? Quem são os líderes da Unidade Popular na província?

Minhas respostas eram negativas. Estava cansado de responder que não tinha conhecimento desses assuntos. Porém, os ânimos começam a “esquentar” e começaram a dar-me empurrões me jogando de um lado para outro. Começaram os insultos e pontapés no traseiro, com gozações e risadas estridentes. Logo veio o castigo generalizado em todo o corpo, mais intenso depois que tropecei e caí no chão. Só os golpes na cabeça me preocupavam.

– Este é o ‘campeão’ das expropriações!! – gritavam vozes histéricas que pareciam civis, enquanto os soldados continuavam a golpear-me, claro.

– Você sabe que esta terra onde estamos foi expropriada pelo ex-ministro da Agricultura? Expropria agora, seu cagão!! Expropria agora, seu veado! – gritavam.

Recebi um forte soco no rosto e comecei a sangrar pelo nariz. Isso acalmou os ânimos e me deixaram sozinho, estendido no chão. Depois, me pegaram e levaram novamente para o lugar onde estava Isidoro. Tiraram a venda dos meus olhos e me soltaram as mãos. Isidoro me perguntou:

- Que houve, companheiro, você está sangrando!
- Nada sério. Já passei por momentos piores. Devem ser os donos ou pessoas próximas dos donos desta terra, que tinha sido expropriada. Trata-se simplesmente de vingança pessoal, mas nada sério. É simplesmente um “festim” que militares e civis estão dando porque a Reforma Agrária foi implantada; estão castigando o ex-ministro e certamente vão te castigar também, companheiro.

Pouco depois, os guardas vieram buscar Isidoro, vendaram seus olhos, o amarraram e levaram, com certeza para a mesma sala da casa patronal. Uma hora se passou e o companheiro Isidoro regressou muito mal, com dores em todo o corpo e também sangrando copiosamente. Tiraram-lhe a venda e o desamarraram. Contou-me, então, que não o interrogaram, só o espancaram.

E assim regressamos à cadeia, tendo que esperar até por volta das oito da noite para entrar, pois estávamos muito mal e, naquelas condições, não era necessário nos “mostrar” a todos os presos.

Nessa noite, só em minha cela, tive um “ataque de choro”, pela impotência e por não saber até quando duraria aquele calvário; não era justo que aquilo não tivesse fim.

“Deus meu! Até quando tanto castigo? Até quando?”

Meus vizinhos de cela gritaram para que chorasse mesmo, que era bom, “chore tudo o que puder, para tirar a raiva”... Assim, acabei dormindo, todo dolorido. Como sempre, foram necessários alguns dias para me recuperar e poder voltar à minha rotina diária.

Presente de Natal

Já em meados do mês de dezembro, os guardas da Gendarmaria chegaram aos corredores do prédio dos incomunicáveis de maneira muito festiva, abriram todas as celas, gritando a plenos pulmões:

– Desçam, desçam... todo mundo para baixo! Acabou a incomunicabilidade! Todo mundo para baixo!

Havíamos cumprido quarenta dias de encerramento infernal, trinta dos quais estive completamente às escuras, numa cela imunda, mas com a luz que projetava a cruz no teto da minha cela e com a recuperação da fé em Jesus Cristo.

Descemos as escadas em caracol e nos reunimos, os dezesseis presos políticos chegados da ilha Quiriquina e nos abraçamos com lágrimas nos olhos de homens fortes. Dali, fomos em direção ao pátio, onde nos esperavam centenas de presos comuns e de presos políticos.

Ficava para trás outra experiência amarga e dura, especialmente suportar a escuridão e a tortura dos choques elétricos, mas também ficava para toda vida em minha retina a noite em que ficara de joelhos olhando a cruz com nosso Senhor Jesus Cristo.

(Nesses momentos, sou presa de pensamentos contraditórios, de muito desgosto pelos vexames sofridos nas mãos dos militares, mas também de agradecimento pela atitude solidária do guarda da Gendarmaria, que demonstrou, através de muitos gestos amáveis, que o ser humano, sob o uniforme que utiliza, pode

ser um verdadeiro homem, respeitador dos direitos humanos, homem que estende a mão àquele que se encontra do outro lado das grades.)

Ao entrarmos no pátio e no campo de futebol da penitenciária, formaram-se filas de companheiros para nos abraçar e brindar com sua solidariedade: "Muito bem, Pedro! Você mostrou aos militares que tem força e coragem!".

Logo me encontrei com Ricardo e Santiago, meus amigos do simulacro de fuzilamento, e, também com lágrimas nos olhos, Santiago me disse:

– Pedro, foi Jesus Cristo que ouviu nossas preces!

Foi um dia cheio de emoções, recebendo abraços de católicos, de evangélicos e de não cristãos. Ao meio-dia, recebi minha marmita de comida fresca e meus companheiros improvisaram uma pequena mesa com um banco para almoçar "quase normalmente". Nunca mais ter que comer no chão e, muito menos, ter que dividir o feijão com os ratos da cela para poder dormir tranquilo.

Ao observar durante a tarde o pátio coberto das oficinas de artesanato, fiquei muito impressionado ao ver antigos colaboradores meus desenvolvendo diferentes ofícios, ensinados e ajudados pelos presos comuns, para apoiar economicamente seus familiares. A Gendarmaria dispunha de uma sala de exposições e venda dos produtos artesanais feitos pelos presos políticos. O dinheiro arrecadado era entregue diretamente aos familiares do detido.

Reconheci um advogado especialista em direito de águas transformado em sapateiro; um colega da Corporação para Reforma Agrária, engenheiro agrônomo, em especialista em jogos de madeira. Enfim, alfaiates, carpinteiros, trabalhadores do couro, manufaturadores de móveis, um grande número de presos políticos trabalhava para ajudar a sustentar suas famílias.

A contagem dos presos políticos naquela noite somou dezesseis pessoas a mais. Em seguida, fomos repartidos entre as diferentes celas. Nessa primeira noite, me levaram para uma cela com camas de ferro, onde quase não se podia andar. Felizmente, dispunha de banheiro, com papel higiênico dos próprios presos.

Quase não pude dormir. Sentia-me muito estranho na nova situação, todos amontoados, uns sobre os outros. Sentia falta da "privacidade" de poder olhar o céu estrelado de Chillán pela janela; também das mensagens de Fresia. Enfim, é incrível que, na parte final do encarceramento naquela cela, eu a tenha sentido como muito "amigável", pois, como já repeti tantas vezes, fora nela que conhecera nosso Senhor Jesus Cristo.

Começava uma nova rotina, mas com a convicção de que todas as conquistas obtidas na ilha Quiriquina, na cela dos incomunicáveis e, agora, a saída ao pátio da Gendarmaria tinham sido um verdadeiro presente de Deus. Estava convencido de que não existiam "acazos", que tudo está predestinado pela vontade de Jesus Cristo.

Estava passeando pelo campo de futebol, quando, repentinamente, se aproximou um jovem de cerca de vinte anos, contando-me que havia tomado alguns copos com uns amigos e que saíram pelas ruas

de Collipulli insultando patrulhas militares. Foram presos e enviados à cadeia de Chillán. O curioso é que o rapaz um pouco irresponsável chamava-se Pedro Hidalgo e, contou-me, às vezes era confundido comigo, com o ex-ministro.

Minha nova rotina se limitava a assistir à contagem dos prisioneiros, receber a caneca de café e, em seguida, durante toda a manhã, conversar com meus companheiros sobre a experiência na ilha Quiriquina e na cela dos incommunicáveis. Cortei os cabelos com um professor que estava entre os presos comuns, cortei também as unhas.

Foi muito estranho para alguns presos observar que, antes de tomar o café, o ex-ministro se concentrava na leitura de algumas passagens do Novo Testamento, no volume que Manuel tinha lhe dado de presente na ilha. Sim, conseguira guardá-lo em meu bolso. Era muito difícil explicar essa nova conduta, especialmente aos não cristãos e não crentes, que constituíamos um grupo muito especial antes da "viagem" à ilha. Em compensação, com os católicos e evangélicos podia haver uma comunicação maior, e me lembro que a frase mais repetida em ambos os grupos era: "Pedro, o que lhe aconteceu na ilha Quiriquina e na cela de isolamento foi um presente de Deus".

Já se começava notar uma certa "atmosfera de Natal", das comemorações pelo nascimento de Jesus. Corria a notícia de que, uma semana antes da Noite de Natal, permitiriam a visita dos familiares, inclusive dos filhos, aos presos políticos.

Encontrei um ex-funcionário do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário que tinha feito vários caminhões de madeira muito bonitos. Aproximei-me e perguntei:

- Como posso obter um desses caminhões para dar de presente de Natal ao meu filho Andrés?
- Esses caminhões já estão vendidos por encomenda, mas não se preocupe, companheiro ministro, hoje mesmo vou começar a fazer um caminhão especial para o seu filho, pois o senhor merece! E não se preocupe em pagar, porque será o meu presente de Natal para o senhor e o seu filho.

E repetiu:

- Porque o senhor merece!

Comentou que, antes da minha chegada da ilha Quiriquina, na tarde anterior...

- A gente pôde ver daqui que os militares estavam vedando com tábuas a janela da cela que seria sua. Devo dizer que todos os presos acharam a medida desumana. Depois soubemos que, no mesmo dia em que chegou, o senhor foi torturado e encerrado às escuras na cela. Devo dizer que tanto os presos políticos quanto os comuns ficamos altamente chocados com a dura medida tomada pelos militares contra um ex-ministro de Estado. Naquela noite, muitos presos não conseguiram dormir, pensando no mal que estavam sofrendo juntamente com o restante dos companheiros.

E continuou:

- Preocupava-nos especialmente a sorte dos companheiros maiores de oitenta anos. Foi uma tortura para vocês, mas também para nós. Soubemos quando o senhor, depois de um tempo, foi visto pelos guardas da Gendarmaria rezando de joelhos em sua cela. Imaginamos que era a única defesa que o senhor podia ter naquelas condições.

– Como sabiam de todos esses detalhes?

Alguns guardas da Gendarmaria passavam informações simples que não os comprometessem. Foi assim que souberam que, no dia em que me levaram para a sala de tortura com choques elétricos, eu havia resistido.

– Soubemos, além disso, que havia se convertido à religião católica, mas isto ninguém pôde explicar.

Perguntou-me então como acontecera minha conversão. Foi a primeira pessoa a quem contei sobre a aparição da cruz branca no teto da cela, que lá esteve todos aqueles dias, projetada pela luz do poste, até que abriram a janela. Expliquei-lhe, enquanto ele construía o caminhão para meu filho, que a cruz branca salvara meu espírito, e que o ódio que sentia pelos militares pouco a pouco fora se tornando lástima, muita pena e perdão pelo que estavam fazendo. Também perdoara os oficiais que davam as ordens a seus subordinados para me torturarem, incluindo, portanto, os comandantes do Exército e da Gendarmaria, bem como, certamente, o intendente e chefe da zona de emergência.

Estabeleci uma boa comunicação com o “fabricante de caminhões”, como o chamavam, e de cujo nome não me recordo. Nas nossas conversas diárias, pude saber que ele estava muito bem inteirado de tudo o que nos ocorrera enquanto estivéramos incomunicáveis.

Disse-me que esteve tranquilo porque a Gendarmaria não havia torturado ninguém na penitenciária, prática que era “privilégio” dos militares. Contou-me que alguns gendarmes diziam que eram profissionais encarregados de vigiar e de cuidar dos detidos, e de modo algum de castigá-los ou torturá-los.

Um grupo de evangélicos também se aproximou de mim, para expressar sua solidariedade. Sabiam que eu havia saído da ilha como um não cristão e que, segundo alguns guardas, havia dias em que orava de joelhos em minha cela. Souberam, também, que eu havia confeccionado uma cruz e um rosário.

Era um grupo de cerca de dez dirigentes do Partido Comunista e do Partido Socialista, a maioria camponeses, que se reuniam todos os dias à tarde para cantar e ler a Bíblia. O que mais interessava a eles era saber como eu tinha chegado a “conhecer” Jesus Cristo naquelas condições tão miseráveis.

Um dia, o grupo me convidou a sua reunião religiosa, o que aceitei com gosto. Então, para surpresa de todos, pedi que procurassem no Novo Testamento, no livro dos *Atos dos Apóstolos*, o capítulo 12. Em seguida, li publicamente, pela segunda vez em minha vida, o texto completo de *A prisão de Pedro e sua libertação miraculosa*. Como tinha chegado a descobrir e conhecer aquele texto? Contei-lhes brevemente a minha experiência na assembleia dos evangélicos na ilha Quiriquina, quando simplesmente abri o livro ao acaso e “descobri” aquele texto. Meus companheiros emudeceram diante dessa grata experiência vivida na ilha. Contei a eles, também, sobre a “aparição” da cruz branca na minha cela escura de isolamento, que era iluminada pelo poste do lado de fora.

Os evangélicos me disseram que era um “privilegiado” por ter estado tão perto de Deus. O momento de oração e de cantos em homenagem a Jesus Cristo no pátio da penitenciária foi muito emocionante e nos trouxe lágrimas aos olhos.

(Devo confessar que não me lembro de quantas vezes em minha vida tive que ler e contar os detalhes da experiência de ter conhecido Deus quando preso político. E em lugares tão diversos como a Venezuela, a Colômbia, o Brasil e outros países em que trabalhei como especialista em Bacias Hidrográficas e Meio Ambiente. No Brasil, me coube transmitir minha experiência numa igreja luterana repleta de crentes e num programa de televisão para o estado do Paraná. Em Santa Catarina, junto com Fresia, demos nosso testemunho sobre O ROSARIO PEREGRINO em várias comunidades cristãs.)

Definitivamente, o caminhão que meu companheiro me deu de presente era uma verdadeira maravilha artesanal, a qual guardei zelosamente à espera da visita natalina da minha família.

Tive oportunidade de ir à enfermaria da penitenciária e de ser examinado pelo médico da instituição. Ele me deu boas notícias: as feridas provocadas pelos militares nas axilas, na cabeça e entre as pernas já estavam relativamente bem cicatrizadas.

O médico se preocupou quando me pediu para despir-me e não pude aceitar. Pela primeira vez, comecei a chorar de maneira inconsolável. Não conseguia controlar meu estado psicológico e demorei bastante tempo para acalmar meu espírito e meu pranto. Uma vez calmo, ele me recomendou, a médio prazo, assistência psicológica profissional, mas de forma imediata, tratar de realizar alguma tarefa ou ofício artesanal, como terapia intensiva. Me confidenciou que a maioria dos presos políticos, com sérios traumas psicológicos, estava desenvolvendo trabalhos artesanais como forma de terapia e, ao mesmo tempo, para ajudar suas famílias.

Meus filhos

Por fim, anunciaram que os presos comuns deveriam retornar às suas celas, pois naquela tarde haveria a visita dos familiares dos presos políticos. Era quarta-feira. A Gendarmaria permitiu previamente a entrada de roupas limpas para todos os detidos, o que mudou totalmente nossa aparência, particularmente a dos que tinham estado na ilha Quiriquina.

Que momento sensível, há uma semana de celebrarmos o Natal!

Era uma tarde muito quente. Centenas de pessoas visitavam os seus entes queridos na penitenciária de Chillán, a maioria sob o sol em toda a área do campo de futebol, mas concederam-me o privilégio de ficar num setor à sombra, no pátio das oficinas de artesanato, que havia sido limpo durante a manhã. Permitiu-se, inclusive, música ambiental com temas natalinos pelos alto-falantes.

Estava ansioso e, quando pude distinguir Fresia, muito bonita, Lorena, de sete anos, e Andrés, de seis, muito bonitos também, acompanhados pela mãe de Fresia, a vovó Elena, fiquei profundamente emocionado. Demo-nos um abraço coletivo, com sorrisos muito nervosos da parte das crianças, lágrimas nos olhos da mãe, do pai e da avó.

Fui obrigado a me retirar a um canto, pois não suportei a angústia de vê-los ali e o pranto voltou aos meus olhos. Porém, tomei água e me acalmei, retornando ao grupo para ouvir meus filhos, minha sogra e minha mulher.

Foi-me muito difícil manter a conversação. Ficava olhando para meus filhos e me dizendo internamente: “Graças a Deus!”. Era incrível que a família estivesse novamente reunida! Não desejava abraçar Lorena e Andrés, queria olhá-los. De repente, lembrei-me que tinha o presente e entreguei a ambos o bonito caminhão. Isso “relaxou” o ambiente. Eles começaram a brincar com o carrinho, o que me deixou muito feliz. Fresia me disse que meu aspecto havia mudado muito desde a primeira vez em que me visitara. Estava, agora, com os cabelos curtos, limpo e de roupas limpas, mas ainda muito magro.

Foi uma tarde inesquecível, não me cansava de rir e brincar com meus filhos. Minha sogra, uma senhora de idade e cabelos brancos, olhava para mim como se para perguntar muitas coisas, mas por prudência não o fazia. Ela, a querida vovó, me conheceu ateu e não religioso, mas se impressionou muito quando lhe expliquei que tinha me tornado um fiel crente em Deus. Ela olhava para mim e certamente mal podia acreditar, mas com certeza conhecia o rosário que eu havia feito na cela dos incomunicáveis. Finalmente, chegou o momento da despedida. Foi uma tarde muito feliz ao lado da minha família.

Logo chegou o dia 24 de dezembro, e os próprios militares fizeram correr um rumor de que um plano estaria sendo preparando a partir do exterior da prisão para resgatar alguns presos políticos denominados “peixes grandes”, entre dirigentes, médicos e altos funcionários e, portanto, o ex-ministro.

Devido a isso passamos uma “Noite de Natal” sumamente agitada e muito tensa, entre as correrias e fortes golpes dos militares contra as grades das celas, tiros de fuzil e insultos. Praticamente ninguém pôde dormir. Ouvimos os sinos da meia-noite, em meio a uma tremenda desordem, anunciando o nascimento do Menino Jesus. Cada qual deitado em sua cama com o pensamento certamente nos familiares, passamos a noite orando em silêncio.

Nunca em minha vida tinha pensado em passar uma Noite de Natal deitado num catre de ferro, longe da minha família, entre gritos e insultos histéricos dos militares. Mas também é certo que nunca havia esperado passar um Natal na crença profunda em Jesus Cristo. O melhor presente que recebi fora a visita de meus filhos, Fresia e dona Elena. Estava realmente feliz por causa desse encontro familiar divino.

Cruz entalhada

Durante a última semana do ano, certa manhã eu estava passeando pela prisão e sentei-me para descansar num velho tronco no meio do pátio de artesanato. Perguntei a um vizinho, preso comum, há quanto tempo aquele tronco estaria naquele lugar. Ele me disse que estava preso há dezoito anos e que, quando chegou, o tronco já estava lá, sempre fazendo vezes de assento para os presos descansarem... Perguntei se sabia a quem poderia solicitar o tronco, para entalhar a madeira. “A ninguém”, me respondeu acrescentando que “o tronco era de todos os presos”. Pedi emprestado um serrote aos presos comuns e comecei a dividir o tronco em três partes iguais. Vários detidos, ao observar que trabalhava com muita dificuldade, aproximaram-se e pediram para ajudar, pois tinham mais prática no uso da ferramenta.

Assim, não demorou muito para o tronco estar dividido. Perguntaram o que eu faria com aqueles pedaços de madeira. Eu havia pensado várias noites em confeccionar uma cruz com a imagem de Jesus crucificado, entalhada nos quatro lados: a frente, os perfis e atrás. Além disso, pensava em confeccionar dois cofres, para Fresia e Juana, que juntas, tanto se empenharam, batalhando com os militares, até me encontrar. Mas não dispunha das ferramentas necessárias.

Imediatamente, os presos chegaram com martelo, formão, esquadros, e dei início às tarefas. Comecei a talhar a cruz, segundo o modelo imaginado na cela de isolamento. Isso implicava rebaixar a madeira, pouco a pouco, até “aparecer” ou formar-se a cruz. Essa operação, realizei nos quatro lados do tronco. Posteriormente, desenhei a figura de Jesus Cristo crucificado, somente através de linhas retas, começando novamente a tarefa de rebaixar a madeira.

Com poucos dias de trabalho, Santiago se aproximou para ver o que eu estava fazendo:

– Pedro, sei trabalhar a madeira e gostaria de te ajudar a entalhar a verdadeira figura de Jesus crucificado.

E assim, juntaram-se muitos presos para observar como Santiago começou a elaborar um Cristo, com seu corpo mutilado, sua coroa de espinhos sobre a cabeça, seus pés e suas mãos perfurados por cravos e, por fim, seu rosto triste e sua barba completando a figura perfeita.

O trabalho de Santiago correspondia ao Cristo de frente, pois o Cristo nos lados da cruz e na parte anterior estava desenhado somente em traços retos. Em todo caso, era sinceramente impressionante observar a “pequena obra-prima” realizada no pátio artesanal da Cadeia Pública de Chillán.

Certo dia, ao observar tantas pessoas ao redor de Santiago, o capitão do Exército se aproximou e me surpreendeu com a cruz nas mãos. Pediu-me e se pôs a observá-la, exclamando:

– O trabalho é muito bom. Eu o comprarei como presente para minha esposa. Assim, entregue-o amanhã na sala de venda, reservado para mim!

Fiquei a sós com Santiago, pensando em como salvar a nossa cruz, entalhada exclusivamente para Fresia. Não era possível que uma imagem que possuía todo um conteúdo de fé cristã fosse parar nas mãos do oficial, nosso torturador. Pensando e pensando, lembrei-me do guarda da Gendarmaria, a quem localizamos rapidamente. Expliquei-lhe a situação e pedi-lhe tirasse a cruz da Cadeia Pública ainda naquela noite e a levasse para Fresia, na capela, como uma surpresa. O guarda aceitou fazê-lo e, apesar de todo perigo envolvido, levou a cruz dentro de uma bolsa e a entregou a Fresia.

No dia seguinte, o capitão do Exército chegou “reclamando o Cristo”. Imediatamente, todos nós começamos a procurar, mas sem conseguir encontrá-lo em parte alguma. O capitão deu ordem a alguns soldados para procurarem em todos os recantos, mas o Cristo não apareceu e foi dado simplesmente como “perdido”. O capitão me ameaçou por eu não ter garantido a entrega da cruz. E cumpriu sua ameaça depois do Ano Novo quando voltei a ser chamado pelos alto-falantes para mais uma sessão de torturas. O importante, porém, era que a cruz chegara às mãos de Fresia e, posteriormente, saiu do Chile, sã e salva.



Cristo entalhado por Santiago Bell e Pedro Hidalgo na Cadeia Pública de Chillán. 1974.

Ano Novo

O último dia de 1973 chegara sob a ameaça dos militares: era sabido que desenvolvia-se um plano para resgatar os principais detidos da Unidade Popular. No dia 31 de dezembro, portanto, adiantou-se a hora da reclusão dos presos políticos para as três horas da tarde. O calor na cela era insuportável e, mais uma vez, estávamos todos deitados em nossos beliches de ferro, esperando nove horas pela chegada do Ano Novo.

À meia-noite, os sinos da igreja anunciaram a chegada de 1974, um convite a refletir, recordar e rezar por uma vida melhor no ano que nascia. Porém, começava a operação prometida pelos militares. Muitos golpes nas grades das celas, muitos insultos, gritos e, sobretudo, algo que nos atemorizava, muitos disparos nos corredores. Foi novamente uma noite muito tensa e ninguém reagiu à meia-noite para celebrar a passagem de ano. Todos os detidos deitados em suas camas, em silêncio e com certeza pensando em seus familiares. Durante essa noite, não me cansei de orar e de “conversar” com Jesus Cristo, agradecendo o término daquele ano infernal, cheio de violência, mas, graças a Deus, eu continuava vivo e com muita vontade de seguir vivendo.

Durante a primeira semana de 1974, confeccionei, sempre com a ajuda de Santiago, um cofre entalhado para minha irmã Juana e outro, com a mesma entalhadura, para minha Fresia. Eles foram entregues sem problemas pelo gendarme. Reconheço que essa nova atividade serviu muito como terapia para acalmar meu espírito

Em meados do mês de janeiro, chamaram novamente pelos alto-falantes um grupo de aproximadamente vinte prisioneiros políticos, com ordens para entrarmos no furgão da Gendarmaria para sair da penitenciária, dessa vez sem os capuzes, rumo ao Regimento. Uma vez que o veículo chegou às portas do Regimento, nos trasladaram para um caminhão do Exército, dessa vez com as mãos amarradas e com o capuz negro, para nos levar a um setor do Regimento na cordilheira, o que percebíamos pelo tipo de estrada e pelo cheiro das espécies nativas.

À chegada, nos separaram e levaram cada um a uma espécie de trincheira individual, onde ficamos deitados de bruços enquanto, durante quase toda a manhã, os militares se dedicavam a dar tiros bem perto das bordas. As balas roçavam a terra da parte superior das trincheiras. E eles gritavam como desesperados:

– Cuidado, seus cães, tratem de não levantar as cabeças, porque serão arrancadas!!

Era muito perigoso, pois qualquer companheiro podia, por desespero, levantar a cabeça para que “tudo terminasse de uma vez”. Lembro-me de que, em minha trincheira, a única coisa que fazia era repetir reiteradamente: “Deus meu, o que está acontecendo?”.

Os militares só pararam ao meio-dia, fora uma verdadeira tortura. Parecia que não terminaria nunca. Novamente a boca seca, muito seca, mais de medo do que de sede. Então, mais tranquilo, pude rezar com muito fervor.

(É incrível que a única defesa que tinha era a oração, e rezava em voz alta, para que os militares e meus companheiros me escutassem.)

À tarde, começaram a chamar-nos um a um. Chegando minha vez, dois militares me tiraram da trincheira, onde estivera orando, pedindo a Deus por intermédio de seu filho, Jesus Cristo, que me desse força: “É preciso ter força, muita força!”.

(Posso dizer com toda a minha alma que verdadeiramente não sei o que teria acontecido se eu não tivesse fé em Jesus Cristo, se não tivesse a defesa da oração. Ele era o único que estava ao nosso lado, era a nossa única defesa. A oração era como uma armadura e eu confiava nela.)

Entramos numa sala onde me deitaram no chão. Imediatamente, começaram os golpes em todo corpo. As mãos amarradas me impediam de proteger a cabeça. O ruído no ouvido direito era insuportável. Os gritos, golpes e insultos eram muito intensos e fortes, especialmente quando começaram a perguntar:

– Onde está a cruz?!!

Respondi de forma categórica:

– Foi roubada durante a noite!

– Mentira!

– Não é, não, senhores, a cruz foi roubada!

Tinha que ser muito forte e categórico, tinha que ter força, pois, caso contrário, a situação seria muito delicada. Contudo, seguiram os insultos e os golpes até ficarem “cansados” do “esforço” de ter de torturar uma pessoa indefesa.

Uma vez terminado “o trabalho” com todos os companheiros, regressamos ao Regimento, onde nos retiraram as amarras das mãos e os capuzes, para voltarmos diretamente às nossas celas. Foi muito difícil dormir aquela noite, todo muito dolorido.

(Hoje, praticamente não escuto com o ouvido direito; o tímpano rompera-se, o ruído permanente era muito intenso.)

O mês de janeiro terminou sem grandes novidades, exceto o dia 27, em que geralmente festejava o meu aniversário, e que nesse ano, logicamente, passou apenas como uma data simbólica. Ao completar 38 anos, agradei a Deus por sua bondade de me manter com vida.

Comentava-se que o julgamento dos presos políticos estava avançando. Sobre que bases ditariam a sentença num julgamento sem direito a defesa? Sim, porque até aquele momento só houvera uma "política": a de torturar os detidos, insultá-los e castigá-los, sem qualquer interrogatório sério que pudesse apoiar as eventuais acusações políticas e administrativas.

Estávamos muito interessados em conseguir uma sentença, pois a partir desse momento estaríamos sob custódia da Gendarmaria, o que seria uma "certa segurança" de que as saídas para sessões de tortura seriam suspensas e saberíamos o tempo que permaneceríamos na cadeia na qualidade de presos políticos. Porém, a característica dos militares era não dar nenhuma informação a nenhum familiar e menos ainda aos detidos. Enquanto isso, todos os dias, enchiam o furgão e levavam os presos políticos para o Regimento para torturá-los.

Calvário

Por fim, chegou o mês de fevereiro! Exatamente no dia 14, data que nunca pude esquecer, estava passeando tranquilamente pelo campo de futebol da penitenciária por volta das dez horas quando chamaram pelos alto-falantes: "Pedro Hidalgo! Apresente-se ao primeiro portão... Pedro Hidalgo! Apresente-se ao primeiro portão".

Era um chamado estranho, o furgão já havia saído para o Regimento com alguns detidos, não era, pois, um chamado para a tortura. Além disso, era um chamado individual, para apresentação num local também estranho, o primeiro portão.

A maioria dos meus companheiros se aproximou com comentários de que poderia ser o começo dos julgamentos e, portanto, a definição das respectivas sentenças, pois nunca havia sido feito um chamado com aquelas características e, com certeza, a maior sentença ditada pela Promotoria Militar deveria corresponder a minha pessoa, por minha condição de ex-ministro.

Enfim, com os nervos à flor da pele, em estado compatível com minha situação, me aproximei do primeiro portão:

- Um momento! Temos que lhe amarrar as mãos atrás das costas!
- Pode me dizer para onde estão me levando?
- Silêncio!

Passei a um segundo portão, onde era esperado por uma patrulha composta por um oficial e seis soldados fortemente armados. Em seguida, cruzamos o terceiro portão e, para meu assombro, estávamos no caminho de entrada da Cadeia Pública. O oficial ordenou à patrulha:

- Dois soldados à frente, dois aos lados e dois atrás do preso!

Pude observar muitas mulheres na praça, de vigília defronte à cadeia. Todas correram para ver o que estava acontecendo. O ex-ministro amarrado e escoltado por uma patrulha de seis soldados comandados por um oficial...

–Vamos, vamos andando até a Intendência!

Realmente, não soube o que pensar. Por que estavam me levando a pé pelas ruas com as mãos amarradas, escoltado por militares, rumo à Intendência? Seria realmente o início do primeiro julgamento, com a esperada sentença? Evidentemente, muita gente se juntou, caminhando com os soldados. Conseguia escutar o meu nome entre as pessoas, muito espantadas com o que estaria acontecendo comigo, naquela estranha situação, inédita em Chillán, mesmo depois do Golpe Militar. À medida que avançávamos, mais gente se juntava ao cortejo:

– Olhem, é o ex-ministro da Agricultura! Para onde o estão levando amarrado assim?

– Ânimo, companheiro! Força!

Aquela altura, depois de caminhar várias quadras, as pessoas que me acompanhavam naquele estranho itinerário pareciam ter formado um verdadeiro corredor, rumo à Intendência. Chegamos à praça pública de Chillán e pude ver a catedral. Num dos lados, uma imensa cruz...“Por favor, meu Deus, ajude-me!”, sussurrei.

O “cortejo” subiu as escadarias e entramos pela ampla porta aberta do edifício principal da Intendência. As pessoas ficaram do lado de fora à espera de alguma novidade. Eu estava preparado para qualquer tipo de interrogatório, fosse de caráter político, administrativo ou financeiro. Recordei-me novamente dos importantes cargos que havia ocupado de diretor de planejamento da Corporação de Reforma Agrária, de presidente do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e de ministro da Agricultura. À entrada, me desamarraram, libertando minhas mãos.

Numa pequena sala, entramos os soldados, o oficial e eu e ficamos esperando aproximadamente meia hora em absoluto silêncio. Achei melhor me abster de fazer perguntas. Abriu-se uma porta e um outro oficial nos mandou entrar num salão atapetado. À frente, por trás de uma grande mesa, encontravam-se sentados quatro oficiais de alta patente, esperando a nossa chegada. Um dos oficiais do Exército, sentado ao centro da grande mesa, declarou:

– Está aberta a sessão!

Pude reconhecer dois oficiais dos Carabineiros e um outro oficial do Exército. Em seguida, o mesmo oficial inicia o interrogatório:

– Qual é o seu nome?

– Pedro Hidalgo Ramirez.

– Qual é a sua idade?

– Trinta e oito anos.

– Que cargos ocupou durante o governo de Salvador Allende?

– Diretor de planejamento da Corporação de Reforma Agrária, presidente do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e ministro da Agricultura.

– Quando foi preso?

– No dia 13 de setembro de 1973.

– Com quem estava fugindo?

- Com meus companheiros Santiago Bell e Ricardo Petinelli.
- Para onde se dirigiam?
- Para Santiago, à casa dos nossos familiares.
- Como foi tratado durante esses meses de reclusão preventiva?
- Muito bem, senhor, trataram-me muito bem.
- E Salvador Allende, por que esse covarde os abandonou, suicidou, deixando-os à própria sorte? Por que esse covarde, maricas, preferiu suicidar-se a enfrentar a justiça?
- Senhor, não posso responder a essas perguntas, apenas me preocupava com a agricultura do país.

Imediatamente, os altos oficiais suspenderam o interrogatório e conversaram entre si, certamente comentando as minhas respostas. Naquele momento, ainda que pareça incrível, aproveitei o pequeno recesso e, em voz muito baixa, comecei a pedir a Deus que me ajudasse. Esperava, além daquilo, uma condenação, não maior do que de dez anos e um dia, mas estava disposto a receber a condenação que Deus me enviasse.

Também me perguntei em voz baixa: “Que atitude tomar para com meus inimigos?”. Naquele momento, recordei ter lido em meus passeios no campo de futebol da cadeia, o capítulo 6, versículos 27 a 29 do Evangelho escrito por São Lucas, e que a leitura muito me impressionara, pois para cada pergunta, o Novo Testamento tinha uma resposta:

- 27 – Eu, porém, vos digo, a vós que me escutais: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam,
- 28 – bendizeis os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam.
- 29 – A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatar o manto, não recuses a túnica.

(Como é difícil ser consequente com o cristianismo! Pois não devo apenas perdoar, mas também “amar os meus inimigos”. Como perdoar e amar quem mandou me torturar com choques elétricos? Porém, se creio em Jesus Cristo, claro que devo perdoá-los e amá-los, ainda que realmente seja um processo difícil, que deva estar respaldado numa fé profunda. Quem sou eu para não perdoar meus inimigos, se Jesus Cristo perdoou os que o estavam crucificando por não saberem o que estavam fazendo?)

Insólita liberdade

- Pronto, senhor Hidalgo! – exclamou o alto oficial que estava me interrogando. Devo lhe comunicar que por ordem de meu general Augusto Pinochet, a partir deste momento, o senhor está em liberdade condicional. Deverá apresentar-se esta tarde às três horas e colocar-se à disposição do chefe da zona em estado de sítio, o coronel Christian Guedelhoefer. O coronel lhe dará instruções para apresentar-se ao coronel Juan Francisco Henriques, ajudante do meu general Pinochet no prédio do governo em Santiago. Antes, porém, o senhor deverá assinar quatro folhas em branco... Finalmente, senhor Hidalgo, devemos reconhecer que, durante a sua detenção provisória, o senhor teve um

comportamento exemplar, ao contrário do covarde presidente Allende, que preferiu suicidar-se a enfrentar a justiça.

Assinei imediatamente as quatro folhas em branco nas quais, na parte inferior, figurava apenas e tão-somente o meu nome completo.

– Pode retirar-se!

“Insólito!... Insólito!... Insólito!...”, tive vontade de gritar.

Voltei à pequena salinha, amarraram-me novamente as mãos e saímos do prédio da Intendência. O rumor se alastrou como fogo: “O ex-ministro foi posto em liberdade... O que está acontecendo?... Por quê?... Por ordem de Pinochet... Como é possível?... Quem interveio?”.

Estava perplexo... Não! Não era insólito! O que se passara era que Deus abria as três portas da cadeia de Chillán para eu sair em liberdade. Era impressionante pensar que apenas poucos minutos antes esperara por uma condenação de pelo menos dez anos de prisão e, agora, estava andando rumo à minha liberdade condicional.

Se os altos oficiais tivessem diminuído minha possível condenação a cinco anos de prisão, ainda assim estaria agradecendo a Deus e à Virgem Maria a graça concedida, mas jamais ninguém pensara em liberdade condicional!

Naquele momento em que estava andando pelas ruas de Chillán para a Cadeia Pública, com os guardas e resguardado pelo oficial do Exército, voltei a gritar por dentro: “Insólito!... Insólito!... Insólito!...”.

Minha mente era então um torvelinho de ideias e pensamentos: “Pedro! Tu és um homem de pouca fé! Claro que reconheço que sou cristão há apenas três meses. Não posso ter muita fé, pois em vez de gritar ‘insólito’ ou estar ‘perplexo’, deveria estar gritando do fundo do meu coração: ‘Graças, Cristo meu, por ouvir minhas preces!’”.

Já quase não continha as lágrimas. Estava muito emocionado. E tudo isto se passava enquanto caminhava entre as muitas pessoas que me acompanhavam e exclamavam:

– Força ministro! Ânimo Pedro!

Ao pararmos um momento, uma senhora idosa se aproximou e disse:

– Graças a Deus está em liberdade! O senhor tem que crer em Deus!

Ao chegarmos à porta da cadeia, as mulheres aplaudiram. Eu era a primeira autoridade do governo da Unidade Popular que estava próximo de reconquistar a sua liberdade depois de sete longos meses sofrendo vexames, torturas, espancamentos, choques elétricos, castigos, encarceramento, inclusive quarenta dias incomunicável e em condições insalubres.

Ao entrarmos na prisão, soltaram minhas mãos e o oficial do Exército me acompanhou à cela:

– Pegue seus objetos pessoais.

No pátio da cadeia formara-se uma longa fila de companheiros que queriam se despedir com um forte abraço. Um a um, com a permissão do oficial do Exército, me despedi de meus companheiros, incluindo um prolongado e forte abraço em Ricardo e outro em Santiago.

– É Jesus Cristo quem está te libertando – disse Santiago muito emocionado.

E assim cheguei ao primeiro portão de ferro, que foi aberto pelos militares. Entreguei meu saco de dormir a algum companheiro necessitado. Passei ao segundo portão de ferro, que também foi aberto pelos militares. Nesse espaço, o pessoal da Gendarmaria me fichou, com as clássicas fotografias de frente e de perfil e as impressões digitais. Todo esse procedimento dentro de um contexto repleto de emoções, de recordações e de agradecimento ao pessoal da Gendarmaria. Aproximou-se o guarda a quem tantos favores devia e simplesmente nos estreitamos com um forte abraço. Os gendarmes abriram o terceiro portão de ferro e me deixaram.

“LIBERDADE!! LIBERDADE!! LIBERDADE!!”, gritava minha alma.

A poucos metros, fora do terceiro portão de ferro, encontrei-me com Fresia e Juana.

Naquele 14 de fevereiro, ambas se encontravam na fila para entregar a marmita de comida fresca. Um grupo de mulheres se aproximara delas e exclamara: “Senhora, o seu marido foi solto, senhora, o seu irmão foi solto, venham esperá-lo no portão de ferro!”.

Quando fiquei a sós com Fresia e Juana, nos abraçamos e de imediato nossos olhos se encheram de lágrimas. Começamos a caminhar, os três chorando, para o centro da cidade. Nós apenas caminhávamos e chorávamos, sem nenhuma vergonha! Era impossível conter-se! As pessoas se alegravam ao nos ver. Nós continuamos a caminhar até chegarmos à capela na praça de artesanato do mercado, onde Fresia e Juanita estavam alojadas.

Chegamos à capela sem sermos esperados. O pároco e as mulheres presentes mal conseguiam acreditar: “Don Pedro, em liberdade!”. E só se escutava: “Graças a Deus!... Graças a Deus!... Graças a Deus!”.

O intendente

Depois de um banho reparador, um almoço fresco e quente, e um breve descanso, por volta das três da tarde nos dirigimos à Intendência de Ñuble para visitar o chefe da zona em estado de sítio, o coronel Guedelhofer.

(Fresia me contara que havia conhecido em Valdivia o então cadete Christian Guedelhofer, da Escola Militar, no Círculo de amigos da França, do qual era membro ativo. Disse-me que eles tiveram um bom relacionamento como colegas da organização.)

Estávamos entrando no prédio à procura do gabinete do intendente quando nos encontramos frente a frente com o tenente Ramirez, o meu primeiro torturador. O oficial do Exército ficou pálido de susto e amarelo de assombro ao ver, com seus próprios olhos, em liberdade e muito bem composto ninguém

menos que a sua primeira vítima dos simulacros de fuzilamento. Encarei-o fixamente. O oficial baixou a cabeça e se retirou, virando-se muito consternado.

(Quando conheci Jesus Cristo em minha cela, já havia perdoado o tenente Ramirez, que levava a cabo um ato de tortura tão brutal. Naquele momento, porém, ao vê-lo retroceder com a cabeça baixa, meu desejo foi que, pelo menos naquela noite, ele se revelasse a sua família e tivesse uma noite ruim, cheia de remorsos. Volto a reconhecer que não é fácil ser um bom cristão, especialmente quando a vida nos depara com situações difíceis: como perdoar os que nos torturaram? Perdoar os que deram as ordens para nos torturarem? Lembro-me bem que, refletindo nos meus passeios diários no campo de futebol da penitenciária, encontrei-me com o Evangelho escrito por São Mateus, capítulo 5, versículos 43 a 45:

43 – Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.

44 – Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;

45 – desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos.

E São Mateus acrescenta algo, no capítulo 6, versículo 14, que me chamou profundamente a atenção: 14 - Pois, se perdoares aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celestial vos perdoará.

Assim, era vontade de Jesus Cristo que eu perdoasse meus torturadores, e não um ato pessoal de caráter humanitário. Portanto, um bom cristão tem que ser consequente com o conteúdo dos Evangelhos, escritos por homens santos no Novo Testamento e na Bíblia em geral. Nesse sentido, parece-me que não é fácil chegar a ser um bom cristão.)

Já no gabinete do intendente com Fresia e Juanita, a primeira coisa que observei foi a clássica fotografia do presidente da República, no caso, do general Augusto Pinochet, às costas do intendente. Pois bem, foi um encontro "amistoso" com Fresia, a quem o intendente já conhecia desde Valdivia. Ao nos ver, ele se aproximou e me estendeu a mão. Com certeza, se recordava do dia em que entrara em minha cela incomunicável somente para ofender-me e torturar-me. Conversamos muito pouco, o coronel tinha uma volumosa pasta em sua escrivaninha, que deveria conter os pormenores do meu longo processo de detenção. Tomou-a nas mãos e, dirigindo-se a Fresia, disse:

– Fresia, você tem um esposo que se comportou como um verdadeiro homem.

Em seguida, entregou-nos um salvo-conduto:

Intendência de Ñuble

Chillán, 13 de fevereiro de 1974

Referência

CORONEL DO EXÉRCITO

JUAN FRANCISCO HENRÍQUEZ

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Comunico ao Sr. que, conforme o informado por ofício de 13 de fevereiro de 1974 do Fiscal Militar Letrado de Ñuble, foi determinada a liberdade do cidadão PEDRO HIDALGO RAMIREZ por ter ficado comprovado que não existem acusações concretas contra ele na província.

Como esse Ministério havia solicitado antecedentes deste cidadão, apresentam-se estes ao Sr. para os fins que estime procedentes.

Notifica-se que o mencionado cidadão fixou sua residência e local de trabalho nessa capital.

Saudações cordiais ao Senhor.

F. Christian Guedelhofer García
CORONEL
CHEFE DA ZONA EM ESTADO DE SÍTIO

O intendente, uma vez feita a entrega do documento, me disse que confiava plenamente na minha pessoa e que, na segunda-feira da semana seguinte, deveria me apresentar ao coronel Henríquez, no 14º andar do Edifício UNCTAD, da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento, em Santiago.

Minha primeira reação foi pensar que aquele ato administrativo não tinha nenhuma característica de "juízo penal", "juízo civil" ou "juízo administrativo"; era simplesmente uma resposta ao pedido de antecedentes solicitado ao intendente pelo coronel Henríquez do Ministério do Interior em Santiago. O único juízo sobre o cidadão Pedro Hidalgo, e que justificaria a sua liberdade, era: "não existem acusações concretas contra ele na província".

(Fresia comentou comigo tempos depois que, junto com minha irmã Juana, havia visitado o coronel Henríquez em seu gabinete, para receber a resposta a uma carta que lhe fora entregue pedindo por minha libertação. Sua resposta fora das mais categóricas: "O detido deve ser julgado pela província de Ñuble, local de sua detenção". Depois disso, não houvera mais contatos nem diligências no sentido de solicitar minha liberdade. Em todo caso, continuamos, por anos, sem uma explicação clara dos reais motivos dos militares para me pôr em liberdade vigiada, expressão empregada pelo oficial de alta patente que me interrogara na intendência.)

Nesse mesmo dia, esperamos meu cunhado Arturo que veio de Santiago especialmente para nos buscar. Na viagem de regresso, cada vez que via uma patrulha militar na estrada, meu corpo se tensionava e minha mente "voava" aos momentos de tortura perpetrados pelos militares durante a minha detenção. Foi um começo bastante difícil e preocupante, porque nessa época era muito comum a presença de patrulhas militares não somente nas estradas, mas em qualquer lugar.

Chegamos a Santiago, a nossa casa, onde já se encontravam meus filhos Lorena e Andrés, minha sogra – a vovó Elena –, meu outro cunhado, Armando, sua esposa Bety e seus filhos. Foi um encontro indescritível. Podia desfrutar meus filhos e meus familiares sem limite de tempo. Não pensei em nenhum momento que, nos próximos dias, aspectos psicológicos afetariam significativamente a minha saúde.

Minha primeira atitude foi visitar a igreja situada bem perto da minha casa. Como cheguei ao meio-dia, as portas estavam fechadas, o que frustrou meu desejo de estar mais perto de Jesus. Parecia-me incrível poder caminhar pelas ruas do meu antigo bairro. Era uma sensação muito estranha, pois, à medida que caminhava minha mente viajava para a Cadeia Pública de Chillán, onde permaneciam mais de quatrocentos presos políticos. Era muito difícil conseguir dormir ao lado de minha esposa,

com lençóis limpos, um aroma agradável e todo o conforto próprio de um quarto de dormir, inclusive uma televisão e luz elétrica.

Não me cansava de observar as comodidades próprias do banheiro, como papel higiênico, chuveiro com água quente, toalhas limpas. Ao utilizar o banheiro, minha mente regressava imediatamente à ilha Quiriquina e à cela incomunicável na cadeia de Chillán, sem nenhum tipo de serviço sanitário. Surpreendeu-me muito que, em várias ocasiões, ao entrar no banheiro, a “emoção” fosse tanta que lágrimas escorriam dos meus olhos e não era capaz de controlá-las...

Quando o telefone ou a campainha tocavam, sentia um choque elétrico e corria para o segundo andar da casa, para “me esconder”, pois experimentava a sensação intensa de que estavam me procurando para prender-me.

Segundo o que fora acordado com o intendente de Ñuble, chegara a hora de me apresentar ao coronel Henríquez, no prédio do governo situado na Alameda O’Higgins (o Edifício UNCTAD, hoje Diego Portales). Era uma situação delicada. Tratava-se da sede do governo da Ditadura Militar, que encontrava-se sempre repleta de militares. Fui com Fresia e Juanita e preces em minha mente: “Por favor, meu Deus, proteja-me novamente!”.

Entramos no edifício e, com o salvo-conduto, não tivemos nenhuma dificuldade para chegar ao 14º andar. Apresentado o salvo-conduto, o coronel, homem que me pareceu correto, leu atentamente o documento e disse:

– Senhor Hidalgo, o senhor terá como limite para deslocar-se a província de Santiago.

Poderia ir até o litoral, sem problemas, mas caso saísse do perímetro da província, deveria chamá-lo por telefone e informar meu paradeiro. Foi uma surpresa: um encontro bastante normal, sem perguntas indiscretas ou que demonstrassem alguma dúvida sobre meu futuro comportamento como ex-presos político. Ao sair do edifício, me senti muito mais tranquilo, pois havia cumprido meu compromisso com o intendente de Ñuble.

Angústia

Em casa, perduravam os problemas de adaptação. Simplesmente não suportava telefonemas e menos ainda o toque da campainha. Não conseguia compreender o fato de ter sido posto em liberdade por ordem do general Pinochet, o que me deixava muito angustiado. Como saber o que estava por trás dessa incrível decisão política tomada pela autoridade máxima da ditadura? Por que tivera o privilégio de conquistar minha liberdade de forma estritamente individual?

Nos primeiros dias em liberdade, estive acompanhado pela recordação dos momentos mais difíceis passados tanto na ilha Quiriquina quanto na Cadeia Pública de Chillán. Do mesmo modo, ainda que estivesse acompanhado por minha esposa, noite a noite regressava aos momentos mais difíceis vividos desde o 11 de setembro de 1973. Às vezes, pensava que não poderia continuar vivendo com toda essa

angústia. Era uma situação sob a qual não tinha o menor controle. Chorava sem motivo, sendo obrigado a ter imenso cuidado no relacionamento com meus filhos, para não prejudicar seu desenvolvimento.

Considerando a questão, tomamos a decisão de que deveria deixar a casa da rua Seminario e ir morar com minha irmã Juana, num moderno apartamento atapetado, localizado no coração da Comuna de Providencia em Santiago. Poucos dias depois de ter chegado na nova casa, comecei a escutar “ruídos de ratos” durante a noite, até que me surpreenderam com uma escova na mão “lutando” contra os roedores, que estariam comendo o meu cabelo e não me deixavam dormir. Estava claro que minha situação psicológica era muito grave e estava prejudicando a minha família, especialmente Fresia, Lorena e Andrés. E, apesar da minha nova posição religiosa, da profunda mudança na direção de um encontro com Jesus Cristo, criou-se um consenso familiar de que deveria buscar assistência médico-psicológica.

Não foi fácil a tarefa de encontrar um psicólogo de confiança para iniciar um tratamento especial. Um profissional de origem uruguaia, depois de várias sessões e exercícios respiratórios, recomendou, devido à delicadeza do quadro, um tratamento de eletrochoques numa clínica especializada na Praça Brasil, em Santiago. Foi difícil aceitar esse tipo de tratamento, que evocava a tortura sofrida no Regimento de Chillán. Porém, tratava-se de um tratamento científico e era necessário aceitá-lo. Fui com Fresia até a clínica, que era atendida por freiras, e, para minha alegria, à entrada encontrei-me com a figura do Cristo crucificado.

Para uma pessoa adulta que apenas está dando os primeiros passos na fé, é impressionante a paz que a imagem de Jesus Cristo crucificado é capaz de transmitir, mesmo na sala em que entramos para receber o tratamento, provida de uma maca e uma série de instrumentos. Desnudaram-me, vestiram-me com um roupão, amarraram-me à maca e me senti preparado, com os olhos fixos em Jesus Cristo crucificado, que me dava tranquilidade para receber pacificamente o tratamento.

Começaram por ministrar-me pequenos choques elétricos em redor do crânio, da cintura e dos pés. Foi impressionante a quantidade de espuma branca que saiu de minha boca, até que perdi os sentidos. Acordei ao chegar em casa, onde, pela primeira vez em muitos anos, consegui dormir profundamente e sem “ataques de choro”. O tratamento se repetiu em várias oportunidades com igual intensidade e, graças a Deus, a melhora da minha estabilidade emocional foi muito significativa. Assim, creio e confio plenamente que esse tratamento tenha sido planejado por nosso Senhor Jesus Cristo, preparando-me para enfrentar os acontecimentos vindouros.

No mês de março, tive oportunidade de viajar ao litoral para um fim de semana no balneário de Cartagena, acompanhado por minha mãe, Clara, Fresia, Lorena e Andrés. Como foi diferente esse primeiro reencontro com o mar, a praia e o ar puro em plena liberdade e com meus entes queridos!

É certo, minha mente “regressou”, mas sem trauma de nenhuma espécie, aos momentos difíceis passados na ilha Quiriquina, onde, em função da inexistência de serviços sanitários, tinha que sair do ginásio para limpar na praia os baldes cheios de excremento e urina dos presos. Porém, mesmo que fossem lembranças muito fortes, resisti perfeitamente e, junto com minha mãe, minha esposa e meus filhos, desfrutamos um descanso reparador.

Considerando que minha saúde havia melhorado muitíssimo, em conjunto com minha irmã Juana e meu cunhado Arturo, minha família planejou uma viagem à cidade de Buenos Aires, onde meu cunhado, de nacionalidade argentina, tinha alguns parentes. Assim, precisava tirar meu passaporte. Ao solicitá-lo, porém, me foi negado: estava proibido de sair do país.

Minha saúde psicológica se estabilizou, mas fisicamente não estava bem. Havia perdido a audição do ouvido direito e o ruído infernal não parava, dia e noite. Além disso, as feridas entre os glúteos haviam se transformado em duas pesadas cicatrizes que me incomodavam bastante ao sentar. As feridas nas axilas e na cabeça haviam sarado e não apresentavam problemas.

Em certo dia do mês de abril, chegou inesperadamente à minha casa em Santiago um grande colaborador na Corporação de Reforma Agrária, o amigo de toda a vida, Álvaro Barros, com sua tradicional e espessa barba, sua tremenda fé em Jesus Cristo e seu amor pela Virgem Maria. Foi um encontro muito emotivo, que viria a mudar outra vez o rumo da minha vida. Lembro-me com grande carinho que, no dia em que o presidente Salvador Allende tomou meu juramento como ministro da Agricultura, Álvaro e vários amigos da Corporação me enviaram um poema, que venho guardando há mais de trinta anos:

Santiago, 29 de março de 1973

Pedro Hidalgo.
Pedro amigo.
Ministro do pão e da revolução.
Permita-nos saudá-lo
Com alegria e carinho.
Ânimo, Pedro!
Você domina a questão
Tem audácia, vontade e,
o que é mais importante,
a honestidade do homem íntegro,
e a delicadeza de se colocar
perante aos demais,
como perante a si mesmo.
Pedro,
estamos contigo.

*Jorge Eguiguren
Álvaro Barros
Carlos Iglesias
Francisco Fernández
Carlos Montenegro
Andrés Vergara*

Uma vez dentro de nossa casa, Álvaro me perguntou:
– Pedro, amigo, como e por que você está em liberdade?

Respondi que estava em liberdade graças ao Cristo Jesus, mas expliquei que a ordem de me libertar viera do próprio Augusto Pinochet, dirigida ao intendente da província Ñuble:

- E como se explica essa tremenda mudança?
- Álvaro, a verdade é que ainda não explico. Mas devo dizer que, até o momento, estou proibido de sair do país.
- Quantas pessoas saíram da cadeia em liberdade?

Até aquela data ninguém ainda havia saído em liberdade.

- A verdade, Álvaro, é que não tenho nenhuma explicação, exceto divina, para essa mudança de conduta do general Pinochet, pois há apenas algumas semanas era submetido à tortura pelos militares do Regimento de Chillán.
- Pedro... Vim para avisar que você precisa sair de casa imediatamente, pois tivemos notícias pela imprensa e pela televisão de que você havia fugido da prisão. É necessário e urgente entrar na clandestinidade. Há amigos dispostos a te ajudar nessa hora difícil e procurar alguma possibilidade de asilo político em alguma embaixada amiga.

(Efetivamente, naquela noite os canais de televisão e, no dia seguinte, os jornais e as rádios de Santiago deram a notícia de que o ex-ministro da Agricultura tinha fugido da Cadeia Pública de Chillán, que encontrava-se foragido e que uma ordem de prisão do governo militar fora expedida contra ele.)

Bem, não havia tempo a perder. Álvaro sugeriu que pegasse uma maleta com objetos pessoais e que o melhor seria irmos no carro dele, parado na garagem subterrânea da casa, e que partíssemos juntos sem que ninguém me visse sair da casa.

Despedi-me mais uma vez de minha família. Tomei o assento traseiro do Citroën 2cv e me deitei para não ser visto. Álvaro saiu rumo à sua casa e eu rumo à clandestinidade.

A notícia da minha fuga demonstrava claramente que, mais uma vez, minha vida corria perigo. Assim, reconheci o gesto voluntário, humanitário, corajoso e cristão de Álvaro durante toda a minha vida. Foi Jesus Cristo quem pôs Álvaro Barros em meu caminho!!

Clandestinidade

Começara uma fase estranha, pois na casa de Álvaro tive que permanecer vários dias num quarto, em reclusão, sem poder sair às ruas por razões de segurança. Depois de uns tantos dias, houve uma mudança de casa. Fui morar com uma família que não conhecia, mas que havia emprestado a casa voluntariamente para esconder-me. Nessa nova casa, de Germán Barros, irmão de Álvaro, e sua esposa Nidia Alwin, também tive que permanecer confinado num quarto. Não saía nem mesmo para comer.

Houve momentos em que poucos minutos após deixar uma determinada residência, chegava uma patrulha do Exército para revistá-la à minha procura. Isso deixava claro que, apesar de todas as precauções, funcionava um sistema de denúncias externas. Eu não podia ficar mais que dois dias em cada

casa. Certamente, não sou capaz de identificar as tantas famílias que se arriscaram recebendo-me e escondendo-me numa situação tão difícil e perigosa.

Lembro-me que certa família me recebeu com muito carinho, me convidou a rezar e orar no quarto, pedindo que os militares não conseguissem me prender. Aceitara com gosto e começáramos com a minha oração favorita, o Pai Nosso, e continuamos com Ave Maria... Foi um momento sumamente emocionante, já que de muito reconhecimento e de fé em Jesus Cristo. Ao final, terminadas as orações, me atrevera a perguntar ao dono da casa, que não conhecia: "Por que arriscar a segurança da família protegendo e aceitando, na condição de clandestino, uma pessoa publicamente perseguida pelos militares?". O dono da casa e sua filha mais velha me fizeram ouvir o *Evangelho segundo São Mateus*, capítulo 25, versículos 35 a 40:

35 – Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me deste de beber. Era forasteiro e me acolheste.

36 – Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me.

37 – Então os justos lhe responderão: "Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber?".

38 – Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos, ou nu e te vestimos?

39 – Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver?

40 – Ao que lhes responderá o rei: "Em verdade vos digo: cada vez que o fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes".

Ao terminar a leitura, mal pude acreditar no que tinha ouvido, sobretudo quando o dono da casa acrescentou: "Pedro, para sermos cristãos temos que crer em Jesus Cristo e sermos consequentes com a palavra de Deus. Ao te receber clandestinamente em nossa casa como perseguido político, com todos os riscos que isso significa num regime de ditadura militar, estamos recebendo Jesus Cristo, que também sofreu perseguição e tortura e foi recebido por muita gente em suas casas. Pedro, nós temos que praticar dia a dia o que nos ensina a palavra de Deus".

(Ser Cristão não é somente ir à missa aos domingos; ser cristão é praticar na vida cotidiana a palavra de Deus.)

Foi uma experiência fantástica. Ao despedir-me dessa família, agradei-lhes a perigosa hospitalidade, mas, sobretudo, por terem me ensinado, mais uma vez, que Jesus Cristo, Deus, tem resposta para os momentos difíceis que todos e cada um de nós vivemos na vida.

Supus a existência de uma pequena organização, pois, dois dias depois de chegar em determinada casa, chegava outra pessoa de carro e era levado a sua casa, onde já estava preparado meu novo quarto. Era absolutamente proibido de sair e andar nas ruas.

Pensava: "Como agradecer a essas famílias chilenas que – repito – estavam arriscando sua segurança familiar ao receber um refugiado político cuja 'fuga' e busca, com ordem de prisão expedida, eram anunciadas todos os dias nos meios de comunicação? Considerando a situação, ainda hoje, cada dia que passa compreendo menos a minha libertação. Um dia, hei de saber o que realmente aconteceu,

Até o mês de fevereiro de 1974, os rumores na cadeia de Chillán eram de que os ex-intendentes tinham sido sentenciados pela Promotoria Militar a sete anos e um dia, e o ex-ministro da Agricultura a oito anos e um dia. Porém, depois de ter sido libertado pelos militares, antes de um mês, esses mesmos militares publicam a notícia de que o ex-ministro havia fugido da Cadeia Pública. Não consigo entender essa contradição, especialmente por causa da ordem de libertação enviada pelo general Pinochet ao coronel Christian Guedelhoefer”.

Enquanto isto, Álvaro continuava “trabalhando”, tratando de conseguir minha entrada em alguma embaixada e, assim, garantir minha vida. As principais embaixadas eram cuidadosamente guardadas dia e noite por soldados chilenos fortemente armados, postados especialmente as suas entradas principais e seus portões de ferro com o apoio de cães amestrados. Era quase impossível obter asilo político mediante acesso às chancelarias.



*Pedro, Fresia, Lorena e Andrés.
Cartagena, 1974.*



*Pedro e sua mãe, Clara Hidalgo.
Cartagena, 1974.*

Operação asilo

Vivi essa rotina de cigano por um tempo. Uma tarde, duas pessoas chegaram ao meu refúgio, falando na possibilidade de entrar diretamente pelos portões principais da embaixada da Colômbia. “Como entrar diretamente pelos portões se eles estão guardados por militares armados e cães amestrados? Quem abrirá os portões para eu entrar sem sofrer uma detenção fatal? Quando? A que horas? Não será demasiado arriscado e perigoso? Não será uma loucura?”, questionava-me.

Uma das duas pessoas era um padre de origem holandesa, da Congregação do Sagrado Coração, professor de um colégio em Santiago e amigo de Álvaro Barros e que falava muito bem o espanhol. Ele havia planejado a ação. Sabíamos que as embaixadas do México e da Colômbia, localizadas muito próximas uma da outra, estavam sob forte guarda, dia e noite, de militares armados, organizados em tendas de campanha e com cães amestrados. Também sabíamos que, nos primeiros dias do Golpe, muitos perseguidos políticos tinham entrado em ambas as embaixadas simplesmente pulando os portões. Por isso os militares montaram um verdadeiro acampamento, para evitar a entrada de pessoas que estivessem “fugindo da justiça”. Mas havia um detalhe muito importante: apesar de estar dando abrigo em seu interior a muitos refugiados políticos, a embaixada da Colômbia continuava o seu “trabalho de rotina”, recebendo pessoas, previamente identificadas, para reuniões no gabinete do embaixador ou do encarregado de negócios.

Meus companheiros haviam conseguido que o Dr. Calles, encarregado de negócios, uma vez tendo realizado consultas prévias e obtido o aval do Ministério das Relações Exteriores da Colômbia, recebesse o ex-ministro da Agricultura do Chile como asilado político, assumindo toda a responsabilidade e os riscos de sua entrada na embaixada, especialmente no caso da operação falhar e eu ser detido pelos militares.

Em que consistia a “operação asilo”?

O padre e seu “ajudante”, outro “padre” que não falava espanhol, teriam uma reunião marcada às cinco da tarde com o Dr. Calles. Uma vez confirmada a reunião aos militares de vigia pelos funcionários da embaixada, os “padres” entrariam pelo portão principal, abertos pelos próprios militares.

Para levar a cabo a operação, era imperativo mudar a minha aparência e “transformar-me” num padre. Quer dizer, sem bigodes, muito bem barbeado, com os cabelos muito curtos, a roupa clássica dos pa-

dres europeus... enfim, era preciso mudar radicalmente a minha figura. Além disso, deveria responder em holandês a algumas perguntas que o padre me fazia à chegada aos portões de ferro. Para cumprir essa última condição, ensaiamos por um par de dias um diálogo em “holandês”, no qual, diante dos militares, responderia apenas com monossílabos às perguntas do padre. Os portões de ferro foram estudados: só se abriam mediante uma ordem verbal do oficial de guarda, que se encarregava de confirmar por interfone o nome e a procedência das pessoas a serem recebidas.

O Dr. Calles havia enviado ao padre um documento que autorizava a “importante reunião” com os “dois padres”, plenamente identificados pela embaixada. O padre seria o primeiro a sair do carro e chamar a atenção do oficial de guarda, mostrando o documento com a autorização para a reunião, enquanto explicasse ao oficial de guarda que seu “irmão”, também “padre holandês”, não falava espanhol. Nesse momento, eu deveria descer do carro e iniciariamos nosso dialogo em holandês. Supúnhamos que o oficial de guarda confirmaria a reunião, daria a ordem de abrir os portões de ferro e entrariamos na embaixada. Pois bem, ao final de cada dia o padre me explicava que estava fazendo aquilo em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Uma certa tarde, o padre holandês me perguntou se era católico.

– Bem, não sou estritamente católico, mas há poucos meses sou cristão.

Expliquei ao padre que depois de ter feito a primeira comunhão aos sete anos de idade, tinha me afastado da Igreja e me tornado ateu.

– E por que não acreditava em Deus?, questionou-me.

– Primeiro, porque sempre acreditei que Maria manteve relações com seu esposo José, das quais nasceu seu filho Jesus; depois, porque não acreditava que Jesus Cristo tivesse ressuscitado de entre os mortos ao terceiro dia.

– E como explica que nesse momento difícil de sua vida, você me diga que é cristão?

Contei-lhe toda a minha experiência mística na cadeia de Chillán, quando aparecera a cruz no teto da cela, e que por não ter conseguido explicar o fato, após várias noites, me ajoelhou e, pela primeira vez, “conversara” com Jesus Cristo. Dera graças por estar vivo e passara a crer firmemente na existência de Deus, pois não achara qualquer explicação “científica” para o fenômeno inusitado, exceto seu caráter divino. Contei ainda a ele do meu encontro com o irmão Manuel, dirigente sindical, líder do Partido Socialista e pastor evangélico, por meio de quem começara a conhecer a Bíblia que nunca tinha lido.

O padre holandês convidou-me a ler o Evangelho escrito por São Mateus, capítulo 1, versículos 18 a 25:

18 – A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

19 – José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo.

20 – Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo”.

- 21 – Ela dará à luz um menino e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados.
- 22 – Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta.
- 23 – Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: “Deus está conosco”.
- 24 – José, ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em casa sua mulher.
- 25 – Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho. E ele o chamou com o nome de Jesus.

Quando terminamos de ler, meus olhos estavam úmidos de emoção, pois finalmente, depois de toda a vida, tinha encontrado a “explicação total” que me convenceu que Maria era Virgem e que seu filho fora obra do Espírito Santo, que é Deus. Quanto à ressurreição, atrevi-me a confessar que acreditava desde muito jovem que o corpo de Cristo simplesmente deveria estar ao lado dos restos de Pedro na Basílica de São Pedro, em Roma. Mas perguntei-lhe: “Como saber, através do testemunho, que Jesus realmente ressuscitou de entre os mortos?”. Sem pensar duas vezes, o padre abriu novamente o Novo Testamento e pediu-me para ler em voz alta o *Evangelho de São João*, capítulo 20, versículos 24 a 29:

- 24 – Um dos Doze, Tomé, chamado Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus.
- 25 – Os outros discípulos, então, lhe disseram: “Vimos o Senhor!” Mas ele lhes disse: “Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos, não creerei”.
- 26 – Oito dias depois, achavam-se os discípulos, de novo, dentro de casa, e Tomé com eles. Jesus veio, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!”.
- 27 – Disse depois a Tomé: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!”.
- 28 – Respondeu-lhe Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!”.
- 29 – Jesus lhe disse: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!”.

Novamente, fiquei impressionado.

(Ocorre que cada vez que leio o Novo Testamento me surpreende a sua clareza, a sua sinceridade. É um Livro simplesmente extraordinário, que explica fatos sucedidos há dois mil anos de modo que todo o mundo os entenda. E pensar que só vim a conhecê-lo realmente aos 38. Que lástima!)

Manifestei ao padre que se até Tomé, discípulo de Jesus, que, assim como Pedro, o acompanhou e foi testemunha de seus milagres, não acreditou e não estava convencido da ressurreição do Senhor tendo sido necessária a presença de Jesus Cristo que, diante dele, disse “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” para que Tomé passasse a crer, era compreensível que eu não cresse também. Mas acrescentei, imediatamente: “Agora que o li, creio sinceramente que Cristo ressuscitou de entre os mortos... “Felizes os que não viram e creram!”.

(E me atrevo a pensar também: "Felizes os que leram e creram!". E este é o mal do meu processo. Tenho sempre que encontrar uma "explicação" através da leitura da Bíblia para poder crer. Quer dizer, chego à fé depois de ler os Evangelhos, e reconheço que isto é uma debilidade minha. Deve-se crer, mas sem a necessidade de ler os Evangelhos. Portanto, peço a Jesus Cristo que me envie a sua bênção para fortalecer minha fé em Deus e na Virgem Maria, que foi a Mãe de Jesus. Mas creio firmemente que Cristo morreu na cruz e que ao terceiro dia ressuscitou de entre os mortos).

O padre me disse:

– Pedro, isso é muito bom, muito bom. Significa que não estamos sós, que estamos acompanhados por nosso Senhor Jesus Cristo e, portanto, devemos ter muita fé no que vamos fazer.

Tentativa frustrada

Na noite anterior ao dia da "operação asilo", simplesmente não dormi. Tinha muita clareza da minha situação e de que não suportaria novamente torturas, insultos e castigos. Estava disposto, pela primeira vez, a reagir com a força no caso de uma nova detenção, porque não suportaria tanto sofrimento de novo. Apesar de pedir a Deus muita calma, continuava insistindo em "reagir violentamente" se a "operação asilo" fracassasse, para que tudo terminasse de uma vez por todas.

Chegara o dia! Ao entrarmos no carro, outra pessoa de confiança nos acompanhou. Continuará com o veículo se conseguíssemos entrar. Realizei meus últimos exercícios respiratórios, para acalmar os nervos.

O carro começou a andar rumo à Avenida Américo Vespúcio, a cada momento mais movimentada. Já na reta final, vi um verdadeiro comboio militar de carros blindados, todos rumo à embaixada pela mesma avenida. À distância, vejo o acampamento militar e um contingente bem nutrido de soldados à porta da embaixada.

Comecei a suar e a suar e a tremer de medo. Faltando menos de meia quadra para chegarmos ao portão, gritei para o padre:

– Continue! Continue! Não pare! Não posso suportar! Por favor, continue!

– Pedro, falta muito pouco para tudo terminar! Pedro, confie em Deus!! Tudo está previsto!

Gritei ainda mais alto:

– Não posso suportar!! Por favor, senhor, continue! E se Deus me falhar?!!

O sacerdote se viu obrigado a seguir adiante e passar direto, deixando para trás o portão de ferro da embaixada da Colômbia repleto de militares armados. Eu sentia uma mescla de medo e vergonha, por não poder confiar em Jesus Cristo. Pensei que irremediavelmente a operação iria fracassar.

O carro continuou e regressamos à casa de segurança. Da embaixada, caso tudo tivesse dado certo, deveria telefonar para vários números, comunicando em código que a operação havia sido bem sucedida. Essas chamadas não chegaram a ser realizadas, inclusive o telefonema muito especial para Fresia e para Juana. O padre compreendeu minha situação e me pediu para descansar. Disse que fariamos

nova tentativa dentro de alguns dias. Pedi perdão por não confiar em Deus e reconheci que minha fé era muito fraca.

O que estava acontecendo? Por que tantos carros blindados com tantos militares na mesma avenida?

(Naquele dia, naquela mesma hora, o embaixador do México estava chegando de seu país, por isto haviam organizado toda uma operação de segurança, o que me confundiu e não pude resistir ao ambiente carregado de militares. Assim, a primeira tentativa da "operação asilo" fracassou por causa da minha fraqueza, mas não pela estratégia planejada).

Segunda tentativa

Na casa de segurança, passei um dia tranquilo e relaxado, mas com muita vergonha da minha pouca fé. Nós tínhamos que organizar uma segunda tentativa e, naquela mesma noite, teria que sair da casa onde estava. A situação, portanto, era crítica.

Aproveitei a oportunidade para conversar com o padre e perguntei sobre os Mandamentos da Lei de Deus. Estava especialmente interessado em conhecer os mais importantes, pois cerca de trinta anos antes os tinha aprendido para receber minha primeira comunhão, mas já os tinha esquecido. O padre me convidou a ler no Novo Testamento o capítulo 12, versículos 28 a 33 do Evangelho escrito por São Marcos:

- 28 – Um dos escribas que ouvira a discussão, reconhecendo que respondera muito bem, perguntou-lhe: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?”.
- 29 – Jesus respondeu: “O primeiro mandamento é: *Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor,*
- 30 – *e amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e com toda a tua força.*
- 31 – O segundo é este: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Não existe outro mandamento maior do que este”.
- 32 – O escriba disse-lhe: “Muito bem, Mestre, tens razão de dizer que *Ele é o único e que não existe outro além dele,*
- 33 – *e amá-lo de todo o coração, de toda a inteligência e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo vale mais do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios”.*(*)

(*) grifos do autor ao escrever estas memórias – Nota da Editora

Mais uma vez, impressionou-me a resposta com que a Bíblia me brindava ante a qualquer problema ou dúvida que se apresentasse. Assim, mais uma vez agradei ao padre por ensinar-me a palavra de Deus.

Chegara a hora da segunda tentativa. Antes de sairmos, rezamos. O padre era um homem de muita fé. Também rezei pedindo força, muita confiança e muita serenidade.

Sáimos com a mesma pessoa de confiança encarregada do carro. As ruas estavam mais tranquilas. À distância só via as barracas militares à porta da embaixada. Nos aproximamos lentamente. O sacerdote não parava de me dizer, de forma muito amigável: "Pedro, você tem que confiar muito mais em Cristo; você o conheceu no cárcere; por favor, você deve ficar muito tranquilo, veja que estamos nas mãos do Senhor e da Virgem Maria. Pedro, por favor, muita calma!".

O veículo parou e o padre, com um sangue frio incrível, saiu do carro com o papel erguido, dizendo:

– Senhor oficial, nós temos, eu e meu irmão, uma entrevista com o senhor Calles, encarregado de negócios da Colômbia!

O oficial se aproximou e eu saí do carro.

– Senhor oficial, somos de nacionalidade holandesa, essa é a autorização do encarregado de negócios para participarmos de uma importante reunião, mas meu irmão não fala espanhol.

Enquanto o oficial do Exército começava a ler o documento, iniciamos nosso "diálogo em holandês". O oficial quase não se dera conta da minha presença. Simplesmente, chamou o Dr. Calles pelo interfone. Ele confirmou que estava esperando os dois padres holandeses para uma entrevista. Nós continuávamos em nosso diálogo, no qual eu apenas respondia com palavras breves previamente ensaiadas.

O oficial de guarda se dirigiu ao padre:

– Tudo certo.

Deu a ordem de abrir o portão de ferro, trancado com uma pesada corrente e um cadeado. O soldado abriu a porta e passamos muito lentamente. Ao chegarmos à porta de entrada da casa, ela se abriu e, graças a Deus e à Virgem Maria, entramos na embaixada da Colômbia.

Ao passar com o sacerdote pela porta principal da embaixada, escutei um tremendo grito de todos os companheiros:

– Pedro, você está na Colômbia! Pedro, você está na Colômbia!

E imediatamente nos estreitamos em abraços fortes! Abraços e gritos de alegria! Abraços para o valente padre holandês, que, arriscando a sua, salvara minha vida!

A emoção indescritível: lágrimas de alegria, abraços de homens e mulheres, eu era um asilado político. Lembrei-me, naquele instante, da última estrofe do Hino Nacional: "Ou o asilo contra a opressão!".

O final do nosso Hino nunca tinha tido um significado tão especial para mim.

Um antigo companheiro, deputado, nos abraçou e nos disse que também estava muito emocionado:

– Vocês são dois homens muito corajosos que conseguiram enganar os militares!

Contou-nos que todos ficaram muito preocupados, especialmente porque a primeira tentativa, por razões que eles desconheciam, tinha fracassado. Durante toda a tarde ficamos olhando nervosos pelas diferentes janelas, observando os acontecimentos. Fora uma operação muito arriscada, mas, felizmente, bem-sucedida.

No interior da mansão havia pelo menos uma centena de homens e mulheres, todos a par da autorização dada pelo encarregado de negócios para a entrada do ex-ministro da Agricultura acompanhado por um padre. Alguns se encontravam dentro da embaixada desde 11 de setembro, sem, todavia, conseguir o salvo-conduto do Ministério do Interior para sair do país. Essa informação era passada diariamente pelo Dr. Calles, com quem eram programadas as saídas das pessoas autorizadas de acordo com os horários dos vôos da linha aérea para Bogotá.

Começamos imediatamente a telefonar para as pessoas previamente determinadas e informar o êxito da “operação asilo”. Os telefonemas mais importantes foram para Fresia, Juanita e Álvaro, que deram graças a Deus por eu ter entrado na embaixada sem problemas. Estivéramos com o Dr. Calles e agradecemos de todo o coração os bons ofícios e o apoio do governo da Colômbia para conseguir o benefício do asilo político e, assim, a possibilidade de entrar sem problemas na embaixada.

Por causa dos gritos dos companheiros à nossa entrada na embaixada, notamos uma movimentação maior das tropas militares na porta da mansão. Percebemos que o oficial que havia permitido a entrada dos “dois sacerdotes” não abandonou o local, apesar da troca de guarda. Começou a ficar tarde. Às onze da noite, o padre nos comunicou que tinha chegado a hora de deixar a embaixada. Era obrigado a sair. Despedimo-nos com um grande e emocionado abraço, depois de termos passado pouco mais que uma semana juntos, preparando nossa entrada.

()Hino nacional do Chile
Puro, Chile, es tu cielo azulado,
puras brisas te cruzan también,
y tu campo de flores bordado
es la copia feliz del Edén
Majestuosa es la blanca montaña
que te dio por baluarte el Señor,
y ese mar que tranquilo te baña
te promete futuro esplendor.
Refrão
Dulce Patria, recibe los votos
con que Chile en tus aras juró.
**Que o la tumba serás de los libres,
o el asilo contra la opresión.***

(nota da editora)

Os militares estavam esperando o padre. Uma vez transpostos os portões de ferro, foi detido. Conseguimos ver por uma janela quando foi jogado como um pacote para dentro de um caminhão do Exército. Posteriormente, soubemos pela imprensa que havia sido imediatamente expulso do país, indo de avião para a cidade de Buenos Aires, na Argentina. Soubemos, mais tarde, por um cartão postal enviado de seu país, que ele estava feliz por ter ajudado o ex-ministro da Agricultura do presidente Salvador Allende, um ser humano.

Depois do incidente da entrada dos “dois padres holandeses”, a guarda ao portão da embaixada foi reforçada com mais militares e cães amestrados, e eles passaram a exigir a carteira de identidade de cada visitante, que ficava retida em poder dos militares.

Asilo

Na mesma noite em que cheguei, me explicaram como se organizavam: grupos de dez companheiros repartiam as diferentes tarefas que tinham que ser realizadas diariamente, como a limpeza geral da casa, servir o café da manhã, o almoço e o jantar, lavar as louças e os utensílios de cozinha, limpar os banheiros, atender ao telefone, receber a correspondência e a alimentação e o que mais fosse necessário. Só havia quatro quartos, de modo que a grande maioria dormia no chão atapetado. Isso significava arrumar os móveis a cada noite, de maneira que todos os companheiros pudessem deitar, e, pela manhã, restabelecer a arrumação da sala de estar e da sala de jantar.

Constituíram um pequeno conselho diretivo e decidiram que, devido a meus antecedentes e ao fato de ter estado quase sete meses preso, me caberia um quarto e, sem qualquer justificativa, resolveram me excluir dos grupos de trabalho. Agradei muito pelo gesto de solidariedade, mas, ao final do primeiro mês, solicitei que me deixassem participar de um grupo de trabalho, inclusive, como terapia.

Em meu quarto, durante a noite, pedia perdão a Jesus Cristo e à Virgem Maria por ter demonstrado tanta debilidade, tão pouca confiança e fé. “Por quê?... Por quê?!”

Desde o começo, Jesus Cristo havia dado mostras muito claras de que estava me ajudando. Eu havia sido acompanhado por um homem que vinha da Holanda, um padre, alguém muito próximo a Deus e que estava expondo a própria vida. Não obstante, sempre achei que tudo ia dar errado e que eu ia voltar para a prisão. No momento crucial perdera inteiramente a fé em Jesus e só pensava que ia voltar a ser torturado. O padre, em contrapartida, tinha muita fé.

Achava que não resistiria uma vez mais à prisão e que reagiria violentamente, pondo minha vida em perigo. Rezava, mas sem fé suficiente. Pensava que a “operação asilo” seria um fracasso e sentia muito medo de voltar à prisão, muito medo de voltar a ser torturado. Só pensava em fracasso. Refugiava-me no quarto, lendo o Novo Testamento, procurando uma resposta de Cristo. Certa vez, deparei-me “por casualidade” com o Evangelho escrito por São João, capítulo 18, versículos 17 e 25 a 27:

17 – A criada que guardava a porta diz então a Pedro: “Não és, tu também, um dos discípulos deste homem?” Respondeu ele: “Não sou”.

- 25 – Simão Pedro continuava lá, de pé, aquecendo-se. Disseram-lhe então: “Não és tu também um dos seus discípulos?” Ele negou e respondeu “Não sou”.
- 26 – Um dos servos do Sumo Sacerdote, parente daquele a quem Pedro decepara a orelha, disse: “Não te vi no jardim com ele?”.
- 27 – Pedro negou novamente, e logo o galo cantou.

Eu mal podia acreditar: o próprio apóstolo Pedro, principal discípulo de Cristo, que acompanhara Jesus pessoalmente, que fora testemunha dos seus milagres, o havia negado três vezes. Pedro teve pouca fé, apesar de ter compartilhado o pão e o vinho com o próprio Jesus Cristo. Mais uma vez, a leitura da Bíblia veio acalmar meu espírito, pois a “vergonha” de ter falhado no momento crucial da minha vida não me deixava dormir. De agora em diante, tinha que rezar pedindo mais para fortalecer minha fé do que para partir ao exílio colombiano.

No grupo de asilados, não encontrei nenhum camarada que me convidasse a rezar ou que agradecesse a Deus por estar a salvo, com excelente comida, boa dormida e boas condições sanitárias, apesar de naquele mesmo momento os estádios, ginásios e prisões do país estarem cheios de companheiros torturados. Até chegaram a comentar, quando me viram rezando o Pai Nosso e a Ave Maria, especialmente às refeições, que “a tortura tinha me afetado muito”.

Uma noite à mesa de jantar, me perguntam: “Pedro, quem te libertou da prisão? Como se explica tua liberdade depois de tanta tortura?”. Minha resposta foi direta: “Foi Jesus Cristo quem me libertou da prisão, pois não há nenhuma explicação lógica. E se não acreditam em mim, leiam no Novo Testamento, o *livro dos Atos dos Apóstolos*, capítulo 12”. Mas era um diálogo de surdos, pois eles não podiam me entender... “Pobre Pedro, a tortura o deixou muito mal”, hão de ter pensado.

A nova rotina da embaixada me possibilitava manter minha comunicação com Cristo através da leitura do Novo Testamento, sobretudo pela manhã e à noite, especialmente porque dispunha de um quarto particular. Nas manhãs, era preciso arrumar o imenso conjunto formado pela sala de estar e a sala de jantar, que à noite servia de dormitório e, de dia, era um grande salão onde fazíamos as refeições, preparadas pelo pessoal da embaixada com a ajuda das companheiras asiladas. Ao meio-dia, o almoço. Em seguida, era esperar um furgão que, muito bem vigiado pelos guardas, entrava com os víveres e pão fresco. Todo o gasto em alimentação das cerca de cem pessoas era coberto pela embaixada da Colômbia.

Durante a tarde havia as visitas programadas dos familiares, segundo um calendário previamente estabelecido. Era também de tarde que escutávamos rádio e acompanhávamos os noticiários da televisão. Depois do jantar, era hora de arrumar o dormitório.

Comparado com a minha experiência no ginásio da ilha Quiriquina e na Cadeia Pública de Chillán, éramos privilegiados, sobretudo pela segurança de que ninguém seria chamado para sessões de tortura.

Os companheiros mais antigos, que entraram pela porta ou pularam as grades no dia 11 de setembro de 1973, eram os mais afetados pelo tempo transcorrido na condição de “reclusos”. Durante a tarde, o Dr. Calles sempre vinha com os nomes daqueles a quem o Ministério do Interior chileno autorizara a sair do

país. Eram momentos muito críticos, pois muitas vezes o Dr. Calles vinha de mãos vazias. Recomendava-me sempre paciência. Pedi-lhe autorização especial para receber a visita de meus familiares, o que ele concedeu imediatamente.

Num fim de semana, avisaram-me que minha família me visitaria à tarde. Foi muito agradável e emocionante observar pelas janelas a entrada de Fresia e de meus filhos. Trouxeram-me uma maleta com roupas e um par de bolos feitos pela vovó Elena. Lorena e Andrés queriam saber quando voltaria para casa. Por que eu estava naquela casa tão grande? Eram perguntas simples, mas difíceis de responder. A visita dos meus entes queridos foi muito reparadora; foi muito bom vê-los sem os limites tão estreitos de tempo impostos na prisão. À noite, agradei a Deus pelo verdadeiro presente de ter estado tranquilamente com minha família.

Quarto parênteses

Conhecer as verdadeiras razões pelas quais chegou ao intendente de Ñuble e chefe da zona de estado de sítio, coronel Christian Guedelhofer, diretamente do general Augusto Pinochet, uma ordem tão insólita, determinando a liberdade do ex-ministro da Agricultura, passou a ser quase uma obsessão. Para poder dar uma resposta, ainda que tenha que fugir da ordem cronológica desta narrativa, temos que nos situar na cidade de Talca, localizada na VIIª Região de Maule, aproximadamente a 250 quilômetros ao sul de Santiago. Eu estava de regresso do exílio, morando nessa cidade e trabalhando no Ministério de Obras Públicas, quando um dia, em pleno centro, deparei-me com um dos ex-intendentes da província de Ñuble durante o governo Salvador Allende. Tratava-se do companheiro Luis Quezada, a quem não via desde que me despedira na Cadeia Pública de Chillán.

Estivéramos presos juntos tanto em Chillán quanto na ilha Quiriquina. Nosso encontro, no ano de 1999 na cidade de Talca, numa esquina da praça no centro da cidade foi marcante: nos abraçamos e nos demos conta de que estávamos separados há 25 anos, sem qualquer tipo de contato.

Luis cumprira sua pena – sete anos e um dia – na cadeia de Chillán, saindo posteriormente para o exílio na Noruega, onde se casou e constituiu família.

Segundo ele, eu fora condenado a oito anos e um dia, a maior de todas as condenações, e fora com enorme surpresa que os presos viram-me libertado em 14 de fevereiro de 1974:

– Pedro, você sabe por que foi libertado?

– Olhe, Luis, me fiz esta mesma pergunta durante todos esses anos sem jamais encontrar a resposta.

Luis me disse que, na época mesma em que eu saí, tomou-se conhecimento na cadeia do imenso erro cometido pelo general Augusto Pinochet ao libertar um preso emblemático e condenado pela Promotoria Militar. Já não aguentava mais a ansiedade, e queria que ele me contasse de uma vez, no menor detalhe possível, tudo o que sabia. Esse relato, transcrevo quase literalmente, de acordo com a informação fidedigna que me passou, e obtive na própria Cadeia Pública, diretamente de um dos personagens envolvidos.

O general Pinochet tinha seu gabinete no 14º andar do Edifício da UNCTAD, hoje Diego Portales, onde funcionava o governo central. Pois bem, encontrava-se na equipe do general um jornalista de toda confiança que, certo dia, contou-lhe que o filho da irmã dele, um jovem de aproximadamente vinte anos, estava preso na Cadeia Pública de Chillán por “atitudes menores” que havia assumido perante uma patrulha militar em Collipulli, cidade onde residia sua família. O jornalista explicou ao general que sua irmã estava muito aflita porque o jovem já estava preso há um par de meses. Por isso, ela lhe pediu para solicitar a sua Excelência a bondade de seus bons ofícios para libertar o rapaz.

Tratava-se, explicou o jornalista ao general, de um jovem sem militância política e que, portanto, já havia pago por sua má conduta frente à patrulha militar. Era merecida e justificava-se plenamente sua liberdade.

O general Pinochet, face à solicitação do seu assessor de imprensa, ordenou que o jornalista redigisse um ofício e o enviasse em seu nome ao intendente de Ñuble e chefe da zona de estado de emergência, coronel Christian Guedelhoefer. O jornalista enviou o ofício, assinado pelo general, com a seguinte mensagem:

Por intermédio do presente, ordeno que o senhor liberte o prisioneiro senhor Pedro Hidalgo, familiar de um assessor de imprensa da Presidência da República.

O jornalista avisou à irmã que o problema estava resolvido e que proximamente o filho estaria em liberdade.

Ao receber o ofício do general Pinochet, o intendente resolveu devolvê-lo para que fosse reenviado à Intendência em código, conforme preestabelecido para mensagens de extrema importância. Ao receber essa resposta, o jornalista conversou com o general Pinochet, que felicitou o intendente por sua prudência e enviou novamente o mesmo ofício, dessa vez em código.

Quando chegou novamente o ofício em código, o intendente o decifrou, ratificando que, por ordem do general Augusto Pinochet, o prisioneiro senhor Pedro Hidalgo deveria ser chamado e comunicado, através dos oficiais da Promotoria Militar de Ñuble, que estava livre a partir daquele momento.

Ordens são ordens: o senhor Pedro Hidalgo foi chamado pelos alto-falantes da cadeia, levado imediatamente à Promotoria Militar, que funcionava na Intendência, e mediante a assinatura de quatro folhas em branco, foi notificado que, por ordem do general Augusto Pinochet, fora-lhe concedida a liberdade. O intendente entregou, ainda, ao senhor Pedro Hidalgo um salvo-conduto, no qual informava que, por não haver acusações contra ele na província de Ñuble, ficava determinada a sua liberdade. O intendente, para maior segurança, ordenou que o senhor Hidalgo se apresentasse ao coronel Henríquez, principal assessor do general Pinochet. O senhor Hidalgo se apresentou ao coronel Henríquez no 14º andar do Edifício UNCTAD, que lhe sugeriu que não saísse da província de Santiago sem autorização prévia.

Passou-se cerca de um mês e o jornalista se entrevista novamente com o general Pinochet, informando ter recebido numerosos telefonemas da irmã, pois o filho dela, PEDRO HIDALGO, ainda encontrava-se preso, a despeito dos bons ofícios do general. O general telefonou ao intendente de Ñuble e expressou

sua contrariedade por não obedecer a ordem, inclusive enviada em código, de libertar o senhor Pedro Hidalgo. O coronel Christian Guedelhoefer explicou ao general Pinochet que o EX-MINISTRO DA AGRICULTURA PEDRO HIDALGO fora posto em liberdade havia um mês, que ele se apresentara ao coronel Henríquez, estando, presentemente, proibido de sair da província de Santiago.

Descobriu-se assim o tremendo engano, e foi o próprio general Pinochet quem emitiu a ordem urgente de prisão contra o ex-ministro da Agricultura, Pedro Hidalgo. Foi quando a imprensa, rádio e televisão divulgaram que o ex-ministro havia “fugido” da Cadeia Pública e que uma ordem de prisão fora expedida contra ele.

Lembrei-me do jovem que se aproximara de mim quando saía da cela de isolamento, e me contara que também se chamava Pedro Hidalgo, era de Collipulli, estava preso há cerca de dois meses e que às vezes o confundiam com o ex-ministro da Agricultura.

– Foi por um erro de homonímia que você saiu da cadeia – me garantiu meu amigo Luis.

Agradei sinceramente pelas informações, que por 25 anos buscara, sem jamais ter imaginado que fora um erro que me libertara, depois de ter sido condenado a oito anos e um dia de prisão.

Naquela noite, depois de meu encontro com Luis em Talca, não consegui conciliar o sono, pois não me cansava, e não me canso até o dia de hoje, de agradecer a Jesus Cristo por ter permitido que todos os trâmites para a minha libertação fossem realizados a partir de uma informação errada, poupando-me, assim, de permanecer oito anos e um dia na Cadeia Pública de Chillán.

Voltemos, pois, à embaixada da Colômbia... À rotina da centena de asilados políticos.

Salvo conduto

Já estava entrando no meu terceiro mês de permanência na embaixada e o governo da ditadura militar ainda não me outorgara o salvo-conduto para sair do país.

Com o tempo, apesar de gozarmos de boas condições físicas, materiais e das comodidades próprias de morar numa embaixada, as relações entre os asilados começaram a ficar muito tensas. Cada um tinha seus próprios problemas, tanto econômicos como sociais, e havia muita tensão quando ouvíamos os nomes das pessoas autorizadas a sair do país.

Refugiava-me no quarto para poder falar com Jesus Cristo, a quem pedia humildemente a liberdade definitiva, a possibilidade de viajar para Bogotá. O Dr. Calles realizava um trabalho incansável e eficiente. Não parava de pressionar o Ministério das Relações Exteriores por salvos-condutos para os asilados mais antigos na sede diplomática.

Ao final do mês de junho, as pressões do encarregado de negócios colombiano começam a dar resultado e grupos de seis a oito pessoas começam a sair diariamente rumo a Bogotá. No começo de julho,

ele me avisou que minha autorização para deixar o país estava em tramitação e que devia preparar-me. Precisaria da minha carteira de identidade, recuperada na cadeia de Chillán, e de uma maleta com roupas e objetos pessoais. E me recomendou despedir-me a tempo de meus familiares, já que as visitas estavam sendo autorizadas diariamente.

Na segunda semana de julho, recebi a visita de Fresia, Lorena e Andrés. Foi muito emocionante dizer: "Até logo". Mas, onde? Não sabíamos. Até quando? Não sabíamos. Era sofrido demais despedir-me das pessoas a que mais amava sem saber aonde iríamos nos reencontrar, nem quando voltaríamos a nos ver.

Sim, estivera três anos trabalhando com o governo da Unidade Popular, com um perfil eminentemente técnico, e não considerava justo estar há quase um ano preso e asilado... Não! Não era justo! O problema que tinha todas as noites era a instabilidade e a insegurança diante do futuro. E tinha muito pouco tempo como cristão, como crente em Jesus Cristo. Havia vezes em que não sabia o que implorar, pois a incerteza frente ao futuro familiar era enorme.

Com a benção de Deus, logo chegaria a Bogotá, mas sem dinheiro, o que gerava mais incerteza, insegurança e instabilidade. Todas as noites me perguntava como minha esposa e meus filhos estavam vivendo durante todo esse tempo. Sabia da ajuda dos familiares e das contribuições que amigos anônimos faziam chegar à nossa casa, mas não me sentia sossegado. Não tinha a menor ideia de como enfrentaria a vida ao chegar a um país desconhecido, a uma cidade diferente. De uma hora para outra a insegurança e a incerteza se transformaram em medo, em lágrimas e dores no peito. Pedia a Jesus Cristo para não cair em depressão, como muitos de meus companheiros com problemas semelhantes.

Com tudo isso, não deixava de lembrar que, graças a Deus, tinha uma profissão e certa experiência como engenheiro agrônomo, o que nenhum militar poderia me tirar. Levaria para o estrangeiro um bom currículo profissional e uma experiência de vida muito extensa. Enfim, como me recomendara Álvaro Barros, homem de muita fé em Deus e tremenda fé na Virgem Maria, me repetia: "Pedro, não te angustie, não tenhas medo... Não tenhas dúvidas, não tenhas inseguranças. Deixa tudo nas mãos do nosso Senhor Jesus Cristo e nas mãos da Virgem Maria, mãe de Deus".

Estava acostumado a ser "chefe de família" e prover os recursos para sua subsistência e a educação dos meus filhos. O que se passaria em Bogotá? Onde chegaria? Onde e quando encontraria trabalho? E como Fresia e os meninos sairiam do Chile? Quem financiaria as passagens aéreas?

Completamente seguro na embaixada, onde ninguém me chamaria para ser torturado, todos esses pensamentos me vinham à noite, preocupando-me enormemente.

Depois de me despedir com lágrimas nos olhos de Fresia, Lorena e Andrés, fui visitado na embaixada por minha irmã Juanita e minha mãe, Clara, já idosa. Ela fora uma mulher muito forte, com muita fé em Deus e em seu filho, que havia construído uma carreira e, aos 34 anos de idade, chegado a ser ministro da Agricultura. Meu pai, Juan, e minha irmã, Clara também, viviam na Oficina Salitreira María Elena e só se inteiravam da minha situação através de cartas. Ao se despedir, minha mãe me recomendou a Deus e me deu sua bênção, fazendo com seus dedos o Sinal da Cruz na minha testa... Foi emocionante. Ela tinha que regressar para o norte sem saber se um dia voltaríamos a nos ver.

Que bens materiais deixaria no Chile? Tinha uma casa na Avenida Kennedy, construída ao longo de três anos com três empréstimos de uma associação de poupança e empréstimos. Já havíamos levado os móveis e as cortinas, e nos mudaríamos para a nova casa em 18 de setembro. A verdade é que, quando sucederam-se os acontecimentos de 11 de setembro, ninguém se lembrou mais da casa. Ela passara para terceiro plano. Não interessavam os destinos da residência, o que interessava naqueles dias era se eu estava vivo, era essa a prioridade.



Pedro, Fresia, Lorena e Andrés na embaixada da Colômbia. 1974.



Pedro, a mãe Clara e a irmã Juanita na embaixada da Colômbia. 1974.

Embarque

Por fim chegou a ordem do Ministério do Interior autorizando-me a sair do país na qualidade de asilado político! Muitas expectativas e emoção. Minha primeira reação foi agradecer a Deus esse novo presente e esse novo desafio que estava me entregando.

(Ao Dr. Calles, todo o meu agradecimento por seu esforço para obter o salvo-conduto, que me permitiu sair da embaixada e do país.)

Combinei com Dr. Calles que pegaria o voo que decolava do aeroporto Arturo Merito Benitez às sete horas da manhã. Para tanto, teríamos que sair da embaixada às cinco, para poder realizar os trâmites de emigração.

Naquela noite, não dormi. Rezei muito para que tudo transcorresse bem e pensei que teria que ter muita tranquilidade, pois estava às portas da minha verdadeira liberdade.

No começo da noite, o encarregado de negócios colombiano visitou-me: tinha muita experiência na saída de asilados do Chile, mas também estava bastante preocupado, pois, pela primeira vez, teria que acompanhar ao aeroporto um alto funcionário do governo de Salvador Allende. Não se cansou de advertir que, durante todo o trajeto estaria fisicamente em solo colombiano, no carro diplomático com bandeira colombiana e no interior do avião. Por fim, estava preocupado porque o governo havia liberado, daquela vez, apenas um salvo-conduto, o em nome do ex-ministro.

Às cinco da manhã estava pronto, a maleta com minhas roupas e objetos pessoais à mão. Com a bandeira colombiana, o automóvel da embaixada estava no interior da sede diplomática. Cumprimente o Dr. Calles, coloquei a maleta no porta-malas e nos juntamos no banco traseiro do carro. Os portões de ferro da embaixada foram abertos e saímos rumo ao aeroporto. Lembro-me que comecei a implorar em voz baixa que tudo transcorresse sem dificuldades no aeroporto, se bem que podia-se esperar “qualquer coisa” dos militares.

O motorista ligou o rádio para relaxar um pouco o momento e começamos a ouvir a *cueca** chilena "Adiós Santiago Querido". Foi um símbolo de despedida de meu país. O Dr. Calles dizia para não me preocupar, mas duas patrulhas militares vinham nos seguindo, coisa que nunca havia acontecido.

Ao chegarmos ao aeroporto, peguei-lhe pelo braço e entramos numa sala desocupada, à espera da ordem de embarcar no avião. Antes de sair para o terminal, os militares, a mando de um oficial, solicitaram minha carteira de identidade e a revista da minha mala e, para surpresa geral, começaram a me insultar:

– Seu veado, fugindo do país em vez de enfrentar a justiça!... Você é mesmo um veado!

Tomaram minha carteira de identidade e a rasgaram: "Você não merece ser chileno!". Começaram a dilacerar, com uma faca, a maleta e todas as roupas que Fresia me havia dado para viajar. Revistaram os meus bolsos e rasgaram um par de fotografias de Fresia e de meus filhos:

– Pronto, seu covarde de merda, pode ir, mas sem levar nada do nosso país!

O Dr. Calles me apertava o braço e sussurrava ao meu ouvido: "Calma, *don* Pedro! Por favor, calma! Já está terminando!". Via refletido nos olhos do oficial do Exército o ódio contra mim, representante do governo Salvador Allende, que estava prestes a conseguir a liberdade definitiva. Liberdade conquistada com "sangue, suor e lágrimas!" O diplomata não soltava meu braço e seguia repetindo: "Calma, *don* Pedro, calma!".

Sáimos do local e, no carro da embaixada, chegamos à porta do avião, sempre seguidos pelas duas patrulhas militares. Ao subirmos a escada e entrarmos no avião, o capitão da aeronave saiu de sua cabine e me disse: "Sr. Hidalgo, bem-vindo ao solo colombiano".

Dr. Calles se despediu com um forte abraço e me desejou muitas felicidades na Colômbia.

O comandante disse para eu tomar meu lugar na primeira fila da classe turística. Em seguida, os passageiros começaram a entrar e tudo estava pronto para a decolagem. Continuava orando a Jesus Cristo para que tudo saísse bem. Ao chegar na cabeceira da pista, o avião se deteve e ficamos cerca de uma hora sem avançar. O comandante chamou pelo sistema de som e explicou que ocorreria uma falha técnica e que tínhamos que regressar ao terminal para manutenção da aeronave. Acrescentou que receberíamos instruções do pessoal de terra. Fiquei pálido! Não podia entender a má sorte. O que aconteceria comigo? Onde me abrigaria? E se os militares me prendessem? Estava só e com muito medo. Quando chegamos ao terminal, todos os passageiros desceram e fiquei sozinho no avião. O comandante saiu da cabine e me disse: "Sr. Hidalgo, não se preocupe, estamos localizando o Dr. Calles na embaixada, mas o senhor terá que abandonar o avião junto com a tripulação".

* Com variedades segundo a época e a região, a *cueca* é a uma dança popular do oeste da América do Sul em que os pares dançam separados, segurando um lenço com a mão direita e fazendo círculos e floreios que representam o assédio amoroso da mulher pelo homem. (N. do T.)

Quando entramos no prédio do aeroporto, deixaram-me na mesma sala desocupada, dessa vez, porém, fechada à chave. Pouco depois, um garçom, trazendo um sanduíche e uma xícara de chá, entrou na sala. Quando ia sair, pedi-lhe o favor de telefonar à embaixada da Colômbia e avisar que o avião do Sr. Hidalgo havia retornado por falhas técnicas. O funcionário fechou a porta novamente à chave.

Por volta das dez da manhã, abriram novamente a porta. Levei um susto! Mas era o Dr. Calles que havia voltado para me buscar. O avião tivera mesmo um defeito técnico e o voo fora adiado para o dia seguinte, à mesma hora. Garantiu-me que a situação estava inteiramente sob controle, não haveria problemas para regressarmos à embaixada. Saímos da sala muito próximos um do outro. Ao chegarmos à chancelaria, os militares abriram os portões de ferro e entramos sem dificuldades. Encontrei meus companheiros muito assustados ao me verem novamente, ainda ali como asilado.

Pedi ao Dr. Calles o favor de telefonar à minha esposa e à minha irmã para explicar a situação. Ele não se cansava de me tranquilizar, dizendo que aquele tipo de situação acontecia e que, nesses casos, os passageiros regressavam a um hotel na cidade com os gastos pagos pela companhia aérea. "Foi somente uma má sorte. Calma! O avião partirá amanhã à mesma hora", dizia-me ele.

Foi um dia muito difícil, mesmo com todos os companheiros me apoiando e confirmando que tratava-se apenas de uma falha técnica do avião, que portanto o exílio estava garantido e no dia seguinte eu estaria em Bogotá. É claro que não pude dormir naquela segunda noite, reconhecendo que os militares, apesar de me insultarem e destruírem a minha carteira de identidade, a minha maleta e as fotografias familiares, em nenhum momento me agrediram fisicamente, certamente por temor de algum grande escândalo diplomático.

Solo colombiano

No dia seguinte, novamente às cinco da manhã, saí com o Dr. Calles, diretamente para o terminal onde estava o avião. Subimos as escadas juntos, sempre seguidos pela patrulha militar. Mais uma vez, o comandante me disse que desde aquele momento estava em solo colombiano, sob sua responsabilidade. Acrescentou que à chegada ao aeroporto de Bogotá, me entregaria pessoalmente às autoridades de imigração e ao representante do Ministério das Relações Exteriores.

Os passageiros começaram a entrar e logo a aeronave começou a avançar para a cabeceira da pista. Orei a Deus pedindo que, por favor, permitisse me tranquilizar. O avião começou a correr vertiginosamente e alçou voo rumo a Bogotá. Quando a aeronave estabilizou seu voo e apareceu o aviso de soltar os cintos de segurança, o comandante saiu da cabine, me levantei e ele me abraçou com força, dizendo: "Sr. Hidalgo, bem-vindo à Colômbia!".

Nesse momento, os passageiros, a maioria colombianos, mas alguns chilenos também, já sabiam que o ex-ministro da Agricultura estava com eles partindo ao exílio e puseram-se a aplaudir sem parar, a aplaudir com muita intensidade! Não consegui controlar a emoção e comecei a chorar com toda a minha alma. O capitão me acompanhou pelo corredor. Os passageiros aplaudindo e eu chorando... Um chileno me deteve, abraçou-me e disse: "Sim, companheiro, agora terminou!".

E continuavam os aplausos enquanto eu continuava chorando. Um casal chileno, contudo, abaixou a cabeça quando passei por seus assentos, para não me cumprimentar, certamente por serem pessoas partidárias da Ditadura Militar.

Eu chorava de pesar por ter que deixar meu país sem saber quando poderia regressar; chorava de pesar por ter que deixar duas mulheres valentes que se arriscaram por minha vida até encontrar-me, Fresia e Juana que, por ter saído em busca do irmão preso pela ditadura militar, perdera seu emprego e seus anos de serviço numa importante loja da cidade. Chorava de pesar por deixar meus queridos filhos, Lorena e Andrés, e a minha querida sogra, a vovó Elena, que sempre esteve cuidando da minha família. Chorava de pesar por deixar minha mãe em Santiago – ela tivera uma tremenda crise de alergia naqueles dias, depois de despedir-se de mim com o Sinal da Cruz em minha testa. Chorava de pesar porque deixava minha irmã Clara e meu pai Juan na Oficina Salitreira de María Elena, ele sempre confiante em seu filho, mas também em que os militares “não podiam lhe fazer nenhum mal”.

Enfim, chorava de pesar por deixar para trás meus cunhados, sobrinhos e familiares valdivianos. Chorava de pesar por deixar Álvaro Barros, um homem cheio de amor por Deus e cheio de amor pela Virgem Maria, que se arriscara perigosamente para salvar a minha vida. Chorava de pesar de modo especial pelo dirigente socialista e pastor evangélico, o irmão Manuel, que me ensinou pela primeira vez o Novo Testamento. Perguntava-me qual teria sido o seu destino. Chorava de pesar ao me lembrar dos meus companheiros ainda presos na Cadeia Pública de Chillán e na ilha Quiriquina.

Não obstante, também chorava de alegria, porque então, estavam terminados tantos sofrimentos, espancamentos e torturas dos militares. Chorava de alegria porque na ilha Quiriquina e na cadeia de Chillán começara a conhecer e a amar Jesus Cristo e Maria, a mãe de Deus. Chorava de alegria porque Jesus Cristo tinha transformado a minha alma, pois no início do Golpe Militar, eu estava convencido de que Deus não existia, que Maria jamais poderia ser virgem e que Jesus jamais ressuscitara de entre os mortos... E agora, em pleno voo para o exílio em Bogotá, eu cria firmemente no Pai, no Filho e no Espírito Santo!

Um pouco mais tranquilo, permaneci no meu lugar para descansar: duas noites praticamente sem dormir; a intervenção dos militares demonstrando ódio e tratando pessimamente um ser humano que saía em liberdade; a falha técnica do avião e o recebimento de aplausos entre os passageiros tinham me esgotado. Em meu assento, pude descansar e fechar os olhos, pensando no meu futuro imediato.

O que aconteceria? Para onde iria? Eu não tinha documentos! Não tinha roupas! Não tinha sequer um centavo!

Felizmente, chegamos. A aeromoça me deu instruções para permanecer em meu lugar. Todos os passageiros deixaram o avião, desejando-me felicidades em minha nova vida na Colômbia. Logo em seguida, um funcionário do Departamento de Imigração, entrou no avião e entregou-me um documento com meu nome e minha condição de asilado político. Tratava-se do meu único documento de identidade,

a partir daquele momento. Um representante do Ministério das Relações Exteriores também entrou no avião, dizendo que no dia seguinte, às 11 horas, o chanceler colombiano estaria me esperando em seu gabinete para saudar-me e dar-me as boas-vindas ao país em nome do governo e do presidente da República.

Ao cruzar a porta que dava acesso ao aeroporto, tive uma grata surpresa: grande quantidade de companheiros, gritando de alegria pela minha chegada a Bogotá. Entre eles, senadores, deputados, ministros, prefeitos e altos funcionários do governo da Unidade Popular. Muitos jornalistas da imprensa escrita e especialmente da televisão colombiana aguardavam minha chegada, esperando uma entrevista. Novamente, me senti um ser humano que importava. Incrível, realmente incrível! Mais uma demonstração de Jesus Cristo de que eu não estava só. O que havia acontecido?

Os companheiros me explicaram que, particularmente na capital, muitas matérias tinham sido publicadas sobre a minha entrada espetacular na embaixada da Colômbia como “padre holandês”, enganando os militares que estavam de guarda. Todos os meios de comunicação também divulgaram a primeira tentativa frustrada, por falha técnica do avião, de sair de Santiago.

O mais importante, porém, foi começar a reconhecer amigos e companheiros do Partido Socialista, com quem trabalhara no Ministério da Agricultura. Jamais imaginei que fosse ter uma recepção tão grande. No dia seguinte, novamente foi impressionante ver em todos os jornais da capital colombiana a minha fotografia e os relatos da conferência de imprensa que dera à chegada ao aeroporto.

Naquela primeira noite, fiquei hospedado na casa do grande amigo Carlos Alonso cuja família me recebeu muito amavelmente, pondo à minha disposição um quarto particular com todas as comodidades. No entanto, não pude dormir tranquilo. Acordei várias vezes agitado por pesadelos intensos, recordando as diversas etapas da minha estadia na Cadeia Pública de Chillán e na ilha Quiriquina. No dia seguinte, contei a Carlos que o ruído no ouvido direito, um ferimento de cerca de um ano, estava me incomodando muito, que não havia passado uma noite tranquila desde então. Necessitava urgentemente consultar um médico.

Meu amigo se encarregou de tomar naquele mesmo dia as medidas necessárias e pude me consultar com um médico chileno, sem qualquer custo. Precisava de uma cirurgia para “remendar o tímpano”, a qual foi realizada num hospital público de Bogotá, igualmente sem custo. O médico, contudo, me explicou que a cirurgia não eliminaria totalmente o ruído no ouvido, sinistra recordação dos “simulacros de fuzilamento” levado a cabo pelos militares. O ruído no ouvido direito perdurou durante longos trinta anos. Também foi necessária uma cirurgia menor, para extirpar um abscesso que me impedia de sentar-me normalmente. Recebi, ainda, ajuda psicológica de uma equipe de médicos psiquiatras e de psicólogos do hospital público de Bogotá. Esse processo de recuperação física e psicológica transcorreu ao longo do meu primeiro mês em Bogotá e ajudou muito a elevar a minha autoestima, que estava literalmente “no chão”.



Andrés Hidalgo Acuña. Santiago, 1974.



Lorena Hidalgo Acuña. Santiago, 1974.



Fresia, Lorena e André Hidalgo. Santiago, 1974.

Solidariedade

O ministro das Relações Exteriores do governo colombiano me recebeu com muita cortesia. Deu-me as boas-vindas em nome do presidente da República e no seu próprio. Para minha grata surpresa, ao tomar conhecimento de que os militares chilenos tinham destruído minha cédula de identidade no aeroporto, o senhor ministro me cedeu um Passaporte Colombiano de Cortesia, com o qual poderia, sem qualquer restrição, me deslocar por todo o país e viajar ao estrangeiro. Era surpreendente que apenas 48 horas depois de ter chegado à Colômbia, já tivesse meus papéis de identidade, fato que agradei do fundo de minha alma.

Graças a Deus, as coisas estavam se arranjando de maneira muito mais rápida do que eu havia imaginado. Ao cabo da minha primeira semana em Bogotá, já possuía documento de identidade; havia sido operado do ouvido direito e das feridas entre as pernas, as quais, muito próximas do ânus, não me permitiam sentar normalmente, e estava recebendo um importante tratamento psicológico em uma clínica particular para acalmar o espírito, especialmente durante a noite.

Além disso, nessa primeira semana, todos os dias, numerosos companheiros vinham me visitar trazendo roupas novas para eu poder iniciar minhas atividades. Ao voltar para casa ao fim do dia, ficava profundamente emocionado com tanta generosidade. Também foi inesquecível o dia em que um grupo de companheiros, exilados desde setembro de 1973, me entregou valiosa ajuda financeira, arrecadada entre todas as famílias chilenas. Volto a repetir: foi mesmo e-m-o-c-i-o-n-a-n-t-e.

Antes do segundo mês de exílio, o governo colombiano me ofereceu o cargo de diretor de planejamento da Empresa de Comercialização de Produtos Perecíveis do Ministério da Agricultura da Colômbia. O trabalho me permitiu reconquistar a confiança na minha capacidade profissional. Pude voltar aos agricultores e recebi todo o apoio dos profissionais colombianos.

Antes de completar dois meses em Bogotá, o vice-reitor da Universidade Nacional da Colômbia, Dr. Antonio García, com quem havia trabalhado em Santiago num programa da FAO com o governo chileno, desenvolvido no Instituto de Capacitação e Pesquisa em Reforma Agrária, me ofereceu, em nome do reitor da Universidade, a cadeira de economia agrária na Faculdade de Economia.

Recordo-me que, nas primeiras aulas, a sala se encheu de estudantes que queriam conhecer o pensamento acadêmico do ex-ministro da Agricultura de Salvador Allende. Foi uma verdadeira prova de fogo enfrentar a sala repleta e ter que me sobrepor às minhas dificuldades psicológicas.

Recebi também proposta da Faculdade de Economia da Universidade Central, entidade privada, para lecionar no horário vespertino e noturno a mesma cadeira de economia agrária da Universidade Nacional.

Ao terminar meu terceiro mês como exilado político, graças a Deus, já alugara um apartamento e comprara um carro novo a crédito...

Incrível!

Com essas conquistas, já estava preparado para receber minha família, a qual, contudo, ainda não podia sair do Chile.

Eu trabalhava todos os dias de nove da manhã às 11 da noite, mas esse esforço foi a melhor terapia para recuperar a autoconfiança e, sobretudo, para sedimentar a fé em Jesus Cristo e na Virgem Maria. Aos domingos, assistia regularmente a missa e lia o Novo Testamento que tinha ganhado, antes de sair do Chile, de meu irmão Álvaro Barros, o qual há trinta anos venho conservando em meu poder. No transcorrer da Eucaristia, não podia deixar de me lembrar da missa celebrada pelo bispo de Chillán na Cadeia Pública, em condições tão dramáticas.

Meu estado psicológico melhorava a cada dia. A única coisa que me preocupava era a demora na liberação da saída de meus familiares de Santiago.

Passaram-se os meses e minha nova rotina no exílio colombiano se iniciava muito cedo, para poder dar conta de meu trabalho na Empresa de Comercialização de Produtos Perecíveis do Ministério da Agricultura da Colômbia, dar minhas aulas na Universidade Nacional e na Universidad Central. À noite lembrava-me sempre de meus amigos Santiago Bell e Ricardo Petinelli, ainda na Cadeia Pública de Chillán, que sempre oraram e rezaram por mim. Recordava-me também de meu grande amigo, o irmão Manuel, que me ensinou a dar os primeiros passos no cristianismo e a ler o Novo Testamento.

Pensava em Álvaro Barros, que reagiu a tempo e me resgatou para entrar na clandestinidade, salvando-me da perseguição dos militares. Mais ainda, lembrava-me sempre do padre holandês, cujo nome desgraçadamente não consigo lembrar, que chegara de um país distante para salvar e exilar o ex-ministro.

Nunca me esquecia do sangue frio e da coragem do encarregado de negócios da embaixada da Colômbia, que teve o poder de entregar-me, à porta do avião, ao comandante da aeronave que me traria a Bogotá. Lembro-me sempre dos meus companheiros que ficaram na cadeia, como o ex-intendente Luis Quezada, que cumpriu sete anos e um dia de cativo, e, claro, também lembro-me sempre do meu amigo Fernando Álvarez, intendente de Concepción, que perdeu a vida nas mãos dos marinheiros da ilha Quiriquina.

Reunidos

E mais meses se passaram até que, em dezembro de 1974, antes das festas de Natal e como mais um presente de Deus, saíram a autorização e as passagens (cedidas pelo Comitê Interamericano de Migração Europeia) para que minha esposa e meus filhos pudessem vir para Bogotá.

Fui recebê-los no aeroporto e o nosso abraço foi novamente coletivo, cheio de emoção, cheio de alegria, de lágrimas, de agradecimento a Jesus Cristo e à Virgem Maria por permitirem o reencontro definitivo da família, separada desde 11 de setembro de 1973. Passamos o Natal mais maravilhoso do mundo, Fresia, meus filhos e eu, em nosso apartamento em Bogotá, com todas as comodidades. Foi grande o meu esforço para não lembrar os dias negros do Natal de 1973, preso na Cadeia Pública de Chillán.

Antes de 31 de dezembro, Lorena e Andrés estavam matriculados num colégio particular de Bogotá, evitando-se, assim, que perdessem aquele ano letivo.

Em meados de 1975, por meio de seu embaixador em Bogotá, o governo da Venezuela me ofereceu um importante cargo de professor titular no Centro Interamericano de Desenvolvimento Integral de Águas e Terras, com sede em Mérida, onde permaneci por quinze anos.

Em 1978, fui autorizado pelo diretor do Centro, Dr. Germán Uzcátegui, a fazer meus estudos de pós-graduação na Universidade dos Andes, onde recebi com distinção o grau de mestre (*Magister Scientiae*) em Desenvolvimento Agrário. Minha participação como aluno no mencionado curso foi muito estimulante, e tive que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. No dia da entrega do grau no salão nobre da Universidade dos Andes, fiquei emocionado ao receber das mãos do reitor da universidade, com aplausos prolongados do público presente, meu novo título acadêmico.

Como professor do Centro e com financiamento da Organização dos Estados Americanos, fui convidado a dar palestras e conferências sobre planejamento ambiental no âmbito de bacias hidrográficas em países como Honduras, Peru, Bolívia, Colômbia e Equador. Além disso, fui convidado a participar como expositor principal no Primeiro Congresso Mundial da Água, no México, onde fui ovacionado por ser ex-ministro da Agricultura do presidente Salvador Allende.

Minha consultoria especial num país como o Brasil merece um parágrafo à parte. Lá, recebi toda a solidariedade, amizade e carinho de um homem extraordinário, o engenheiro agrônomo Marcus Vinicius Carrasqueira, a quem devo meu exílio naquele grande país. Atuei como professor, junto com Marcus, na Universidade Católica de Salvador nos cursos de pós-graduação de gerenciamento ambiental. Também fui professor na Universidade de São Paulo (USP), na Universidade Paulista de São Carlos e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foi no Brasil, também, que escrevi a metodologia dos projetos de planejamento ambiental no âmbito de bacias hidrográficas. Além disso, fui consultor em Brasília (Projeto Paracatú), São Paulo (Projeto Ribeirão Lajeado), Espírito Santo e em Santa Catarina (Projeto Iberé). Esse último envolvendo aproximadamente 31 municípios pertencentes ao estado de Santa Catarina. Na cidade de Florianópolis, capital do estado, recebi, juntamente com meus colegas brasileiros que trabalharam em diferentes projetos, o prêmio Fritz Muller de Conservação de Recursos Naturais e do Meio Ambiente.



Pedro, exilado em Mérida, Venezuela. 1986

Meu pai

Em função da impossibilidade de regressar ao Chile – havia ordem direta do general Augusto Pinochet de rechaçar todas as solicitações apresentadas pela embaixada da Venezuela –, Fresia e eu decidimos reunir meu pai, Juan, minha mãe, Clara, minha irmã Juana, meus cunhados Arturo, esposo de Juana, Armando e Bety, irmãos de Fresia e minha sogra, Elena, num hotel de turismo da cidade peruana de Tacna.

Para tanto, meus pais, já idosos, viajariam de ônibus por 14 horas com minha irmã Juana e meu cunhado Arturo, vindos da Oficina Salitreira María Elena. Já minha sogra e os irmãos de Fresia viajariam de ônibus por vinte horas, de Santiago a Tacna. Nós tivemos que viajar de Mérida a Caracas, de lá, à Lima, e dali seguir até Tacna, numa viagem de dois dias. Foi duro, mas esse grande esforço familiar valeu muito a pena.

A reunião me emocionou muito. Particularmente por poder abraçar a todos os meus entes queridos depois de vários anos. Muito especialmente meu pai que, ao segundo dia em Tacna, me pediu uma conversa a sós.

Sáímos juntos até a praça. Meu pai, com mais de oitenta anos de idade, me surpreendeu com uma pergunta direta:

– Filho, gostaria de saber por teus lábios e de maneira muito franca se os militares te trataram muito bem, como sinceramente o creio, ou se te submeteram a castigos e torturas?

Meu pai tinha um alto conceito dos militares, mas eu não podia mentir e negar tudo aquilo que havia acontecido comigo. Sem entrar em maiores detalhes, expliquei-lhe que os militares me castigaram e torturaram sem nenhuma razão, e que a surdez do ouvido direito fora provocada pela tortura. Ele reagiu de forma muito positiva:

– Meu querido filho, isto foi uma grande decepção, pois estava certo de que os militares respeitariam um ministro, e convencido de que as pessoas no norte falavam para desprestigiar os militares e o general Pinochet. Agora, é claro, minha posição vai mudar, pois não posso sequer imaginar em que consistiu o castigo e a tortura e prefiro te ver neste momento, forte e cheio de projetos e êxitos profissionais. – acrescentou que não queria despedir-se naquela noite, que preferia que fôssemos para nossos quartos e, na manhã seguinte, cada família partisse para retornar à sua casa...

Eu não sabia que meu pai estava doente, muito doente, e que seu desejo de fazermos aquele encontro era despedir-se de seu filho e de sua nora e poder estar esse par de dias conosco e conversar bastante. Tinha enorme interesse em minha carreira profissional. Poucos meses depois de ter viajado a Tacna, faleceu na Oficina Salitreira María Elena, em consequência de um câncer no pulmão. É claro que o general Pinochet proibiu pessoalmente a minha entrada no país para sepultar meu pai. Em contrapartida, dediquei-lhe uma missa na Catedral de Mérida, para estar junto do meu velho querido.



*Encontro familiar em Tacna, Peru, 1987.
Minha irmã Juana, meu pai Juan e minha mãe Clara.*

Chile

Em 1988, fui ao Chile por um mês junto com Fresia, Lorena, já formada em direito pela Universidade dos Andes, em Mérida, e Andrés, violonista pós-graduado no Instituto Peabody da Universidade John Hopkins, em Baltimore, Estados Unidos. Naquele ano, depois do plebiscito vencido pelos partidários da democracia, abriram-se as amplas alamedas por onde passaríamos livres, os exilados políticos. Depois de quinze anos, podíamos regressar ao nosso país.

Ao chegarmos ao Chile, nos dirigimos aos serviços de registro civil para que toda a família pudesse ter identidades chilenas. O trâmite decorreu sem problemas até chegar a minha vez, quando o funcionário me disse que meu nome não estava registrado no computador. Procurei imediatamente o diretor do serviço que confirmou que eu havia sido "apagado" dos registros:

– O senhor não é cidadão chileno e, portanto, não pode ter acesso a uma carteira de identidade...

O passaporte chileno com o qual eu havia entrado no país fora invalidado por um carimbo com a letra "L" junto à fotografia de identificação. Recomendou-me viajar ao norte e procurar, com minha mãe, o Livro de Família onde são registrados todos os nascimentos de filhos. Fomos para a Oficina Salitreira de María Elena, onde, apoiado pelo dito Livro, consegui, enfim, resgatar minha identidade e minha nacionalidade chilena.

No mês de março de 1993, quase vinte anos depois de ter saído para o exílio, o ex-ministro de Obras Públicas, Ricardo Lagos Escobar, me convidou a regressar definitivamente ao país, oferecendo-me um contrato como especialista em direção de irrigação, para desenvolver, em âmbito nacional, o Programa Nacional de Fortalecimento das Ações de Usuários da Água, minha atividade mais bem-sucedida na Venezuela. Em poucos anos esse programa foi implantado da quarta região de Coquimbo até Punta de Arenas, beneficiando mais de vinte mil famílias e encontra-se até hoje em plena vigência, com participação do setor privado.

No ano de 2006, depois de 33 anos e com apoio de Deus, Fresia e eu tínhamos a nossa casa na cidade de Talca. Lorena e Andrés, dentro em pouco teriam condições de retornar definitivamente ao Chile. Assim, voltaríamos a reconstruir nossa vida em família em nosso querido país. Nesse mesmo ano, atrevi-me a escrever, com confiança em Deus e na Virgem Maria, o presente livro, *Do fogo à luz*, que entrego aos leitores para ajudá-los a compreender a história dos presos, dos desaparecidos, dos asilados, dos exilados e dos retornados políticos.

Desejo e peço a Deus apenas que essa história triste nunca mais volte a repetir-se em meu país, que reine a democracia e o respeito aos direitos humanos para sempre. Amém!



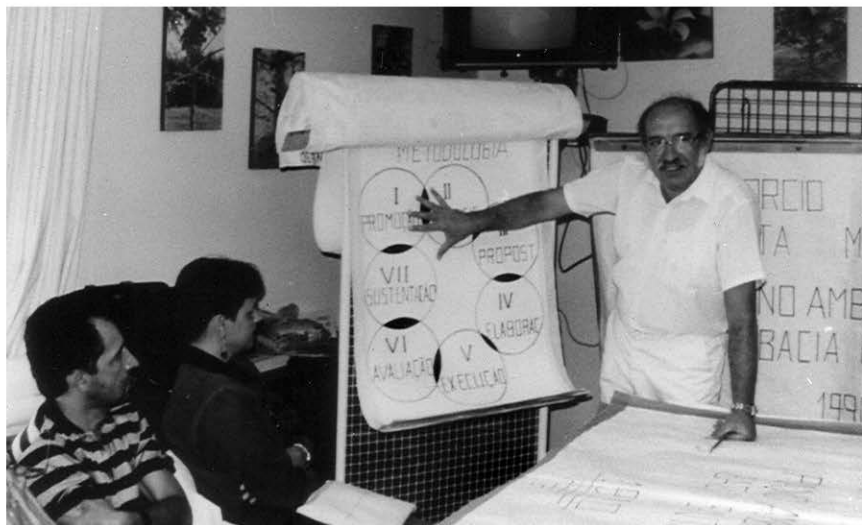
Retorno da família ao Chile e encontro com minha mãe na cidade salitreira de María Elena. 1988.



Abertura do curso de Capacitação Metodológica em Planejamento Participativo de Bacias Hidrográficas para representantes das cidades abrangidas pelo rio Jucu, na cidade capixaba de Domingos Martins, em 1990: sentado, ao centro, o prefeito Lourival Berger.



Palestra de promoção institucional de criação do Consórcio Intermunicipal das Bacias Hidrográficas dos Rios Santa Maria da Vitória e Jucu para os oficiais militares da Polícia Florestal do Estado do Espírito Santo, em Vitória, 1990.



Palestra de promoção institucional de criação do Consórcio Intermunicipal das Bacias Hidrográficas dos Rios Santa Maria da Vitória e Jucu para os diretores e técnicos da Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária do Espírito Santo, em Vitória, 1990.



Encerramento do curso de Capacitação Metodológica em Planejamento Participativo de Bacias Hidrográficas para técnicos institucionais e lideranças da sociedade civil na cidade capixaba de Santa Leopoldina, em 1990: em pé, ao lado de Pedro Hidalgo, o prefeito Hélio Rocha.



Encerramento da palestra de promoção institucional de criação do Consórcio Intermunicipal das Bacias Hidrográficas dos Rios Santa Maria da Vitória e Jucu na Polícia Florestal do Estado do Espírito Santo, em Vitória, 1990: em pé, da esquerda para a direita, oficial militar sem identificação, técnico ambiental da Companhia Vale do Rio Doce, Marcus Vinicius Carrasqueira, ambientalista capixaba Sebastião Alves, coordenador do Consórcio Intermunicipal do Rio Jacaré-Pepira Mário Mantovani, superintendente de Meio Ambiente da Companhia Vale do Rio Doce Francisco Fonseca e Pedro Hidalgo.



*Pedro Hidalgo, em Talca, Chile, 2007;
homenagem ao eterno presidente Salvador Allende.*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer muito sinceramente:

Ao bispo emérito da diocese de Talca, monsenhor Carlos González Cruchaga, por suas sugestões e pelo interesse demonstrado por este livro.

À minha querida sogra, a senhora Elena Dauros, viúva de Acuña (descanse em paz!), por ter cuidado com todo o carinho de meus filhos durante o período em que eu estive na prisão, bem como ao meu cunhado Armando Acuña Dauros. Também gostaria de agradecer ao padre Hermán Acuña, vigário geral de Los Andes, pelo apoio prestado à Fresia naqueles momentos tão difíceis.

Ao meu grande amigo Álvaro Barros, que me resgatou e assim possibilitou a minha entrada na clandestinidade na cidade de Santiago. E também a todas as famílias que se arriscaram, permitindo-me entrar nas suas casas quando eu era perseguido político.

Ao padre holandês que pôs sua vida em perigo para que eu pudesse entrar na embaixada da Colômbia e assim obter asilo político.

Ao Dr. Calles, encarregado de negócios da embaixada da Colômbia em Santiago, por sua eficiência e seu apoio para eu conseguir sair do meu país são e salvo para o asilo colombiano.

Aos governos da Colômbia e da Venezuela, pela solidariedade e ilimitado apoio prestados à minha pessoa.

A Manuel, pastor evangélico, a Santiago Bell e a Ricardo Petinelli, por me ensinarem os caminhos de Deus.

Ao Dr. Germán Uzcátegui, diretor do Centro Interamericano de Desenvolvimento Integral de Águas e Terras e a sua esposa Irma, pela cálida acolhida com que me brindaram à minha chegada em Mérida, na Venezuela, e por seu apoio ao meu desenvolvimento profissional.

Finalmente, quero agradecer de todo o coração a Deus Pai, Jesus Cristo e Espírito Santo, e à Virgem Maria, por terem permitido que eu sobrevivesse à tanta injustiça, castigo e tortura da parte dos militares, e por terem permitido, ao mesmo tempo, que eu conhecesse Deus em momentos cruciais da minha vida.

Cartas

Carta do Dr. José Manuel Briceño
Professor titular da Faculdade de Filosofia e Humanidades
Universidade dos Andes
Mérida, Venezuela
Candidato ao Prêmio Nobel de Literatura

Estimado Pedro,

Ao terminar de ler este livro tão impressionante, sinto-me muito perto de ti. Durante a leitura, às vezes com lágrimas, em ocasiões com risos, sempre muito impressionado, fui me aproximando das profundas experiências relatadas e quase fui te acompanhando nessa vivência da maldade e da violência da nossa espécie, e ao mesmo tempo das grandes reservas de bondade que temos.

Trata-se de um texto exemplar, importante na história recente do Chile, e de um livro bem vivido e bem escrito, com testemunhos valiosos para a posteridade.

O livro contém a mais impressionante história vivida de uma experiência religiosa, tal que jamais conheci outra igual. Quanto a mim, te agradeço este testemunho que me ajudará a viver e te desejo o mais brilhante êxito literário.

Com um grande abraço,

José Manuel Briceño Guerra.

Pequim, China, outubro de 2006.

Estimado Pedro,

Antes de tudo, rogo que me perdoe pela demora em responder seus mails. Em verdade, eu não queria responder por fórmula. Ao contrário, desejava ler com atenção o livro que me enviou. Posso dizer que o li atentamente da primeira à última linha. Nele se mesclam duas experiências comoventes: a inumanidade do atropelo aos direitos da pessoa e o processo de encontro com o Senhor.

Ambas a experiências tocam a alma. Agradeço o seu testemunho, narrado de maneira sincera e sem pretensões, mas que transmite o sentimento de verdade. Eu o felicito e agradeço por tê-lo enviado.

Vários foram os livros concernentes ao triste período das torturas, dos desaparecimentos e exílios, mas este apresenta uma experiência muito singular. Nós sempre acreditamos que o que acontecia em outras latitudes nunca ocorreria no Chile, porque nosso Exército era constitucionalista e civilizado. É terrível constatar o que você narra e ver até onde pudemos chegar...

Mais uma vez, agradeço que se tenha dado o tempo de escrever suas recordações sem excluir a curiosa libertação da cadeia de Chillán.

Afetuosamente,

PADRE FERNANDO MONTES
Reitor da Universidade Padre Hurtado
Santiago

Do fogo à luz, título sugestivo, melhor compreendido depois de lida a obra, claro; valioso livro, pelo histórico e o testemunhal, impossível esquecer nosso passado, recente para os adultos; demasiado distante para os jovens. É uma dor de peregrinação e paz; de incerteza e encontros. De sofrimento e solidariedade. Definitivamente, de fogo, obscuridade e luz. Será, finalmente, o itinerário espiritual do autor.

Alguns capítulos notáveis. O da cruz de luz. Em lugares de terror e desatino, elementos tão naturais adquirem dimensões sobrenaturais que evocam outras presenças. Quando o semelhante busca te destruir, restas tu mesmo e a presença sempre transcendente do Outro.

Também o relato do sequestro de Cristo. Ninguém pode sequestrar Cristo! Ele sempre permanecerá entre os seus. Não há poder que afaste Cristo de seu Povo e de seus preferidos: os sofredores deste mundo.

Belos e interessantes os paralelos apresentados na obra:

Cristo sequestrado – Pedro Hidalgo sequestrado

Salvar Cristo – Salvar Pedro

O apóstolo Pedro libertado – Pedro Hidalgo libertado.

Estes paralelos refletem o caminho interior do autor. Tu também és sequestrado, também és salvo, também experimenta a libertação; e também se transformará em apóstolo.

Durante a noite escura da prisão, Pedro lavrou com suas mãos dois objetos: uma cruz e um rosário resultam de um simbolismo comovente. Aqui há um tesouro e há alguém que morre na cruz. Que leva da morte à vida. Nas palavras do autor “do fogo à luz”. Dolorosamente, o autor aprenderá a confiar em Deus ao ver-se poderosamente surpreendido por Ele a partir do Evangelho e de sua presença e ação na própria vida de Pedro Hidalgo.

Por último, destaco, por dramática e emocionante que é, a despedida do Chile e a chegada à Colômbia. Em situação extrema, o exílio chega a ser um grande presente, porque o homem não pode viver sem liberdade, ainda que seja uma liberdade limitada, concedida como um favor.

Agradeço a Pedro por sua fortaleza, seu compromisso, seu valente testemunho e sua capacidade de seguir até hoje obsequiando a sua vida por caminhos sempre surpreendentes.

RAFAEL VILLENA

Pároco da paróquia de Florida, Talca



Pedro Hidalgo Ramirez nasceu no norte do Chile, na cidade salitreira de María Elena, em 27 de janeiro de 1936.

Filho de Juan e de Clara Hidalgo tem duas irmãs, Clara e Juana. Casou-se na Catedral de Valdivia com Fresia Acuña Dauros, e desta união nasceram Lorena Hidalgo Acunha, advogada, e Andrés Hidalgo Acunha, violinista clássico.

Realizou seus estudos primários na escola pública de María Elena e seus estudos secundários no Liceu de Hombres de Antofagasta e no Internato Nacional Barros Arana. Fez sua Primeira Comunhão aos sete anos de idade na Paróquia San Raphael de María Elena e nunca mais voltou a entrar numa igreja.

Realizou seus estudos universitários no sul do país, na Universidade Austral do Chile, em Valdivia, graduando-se engenheiro agrônomo em 1963.

Depois de dois anos como chefe de área do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP) na cidade de Puerto Varas, passa em um concurso para o Instituto de Capacitação e Pesquisa em Reforma Agrária (ICIRA), com sede na cidade de Santiago. Durante a sua permanência no Instituto ganha uma bolsa da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e estuda as reformas agrárias no México, Brasil, Venezuela e Colômbia.

No começo dos anos 70, é contratado pela FAO em Lima, Peru, como especialista em reforma agrária. No mês de outubro deste mesmo ano, como militante do Partido Socialista, é chamado pelo presidente Salvador Allende e retorna ao Chile. Ocupa durante o governo popular de Allende os cargos de diretor de planejamento da Corporação de Reforma Agrária (CORA), de presidente do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP) e de ministro da Agricultura.

Em 13 de setembro de 1973, em consequência do golpe militar, é preso e brutalmente torturado todos os dias durante uma semana na cadeia de Chillán. No dia 20 de setembro do mesmo ano é transferido para detenção na ilha Quiriquina, onde continuaram as torturas físicas e psicológicas. Depois de permanecer dois meses na ilha, voltam a mandá-lo para a cadeia de Chillán, onde é encerrado numa cela escura e torturado por quarenta dias.

Durante essa difícil etapa de sua vida e em condições muito deploráveis, recebe um sinal contemplativo através do reflexo de uma cruz branca perfeitamente delineada no teto de sua cela escura. A cruz o faz refletir e ele sente o chamado de Jesus Cristo e a necessidade de engajar-se espiritualmente e, de ateu, se transforma em cristão.

Ao sair da prisão em 1974, entra clandestinamente na embaixada da Colômbia e parte para o exílio em Bogotá. Lá, ingressa, por concurso, na Faculdade de Economia da Universidade Nacional da Colômbia. Em 1975, radica-se definitivamente com a sua família na cidade venezuelana de Mérida, onde graças às gestões do ministro de Obras Públicas, o engenheiro Guillermo Colmenares e do engenheiro Germán Uzcátegui Brisenho, é contratado como professor do Centro Interamericano de Desenvolvimento Integral de Águas e Terras (CIDIAT), com sede na cidade de Mérida

Em 1981 obtém o título de *Magister Scientiae* em Desenvolvimento Agrário na Universidade dos Andes, na Venezuela. No quadro do CIDIAT ministra cursos, conferências e palestras sobre manejo de bacias hidrográficas em países como Peru, Bolívia, Equador, Brasil, Honduras e Nicarágua.

No Brasil foi contratado pela Companhia Vale do Rio Doce como principal consultor na criação do Consórcio Intermunicipal para a Recuperação Ambiental das Bacias Hidrográficas dos Rios Santa Maria da Vitória e Jucu, no Espírito Santo, em 1990, entidade atuante até os dias atuais.

Em 1993, regressa ao Chile e é contratado pelo então ministro de Obras Públicas, Ricardo Lagos Escobar, para desenvolver o Programa Nacional de Fortalecimento das Ações de Usuários da Água. Por concurso, ingressa como professor na Faculdade de Engenharia Florestal, na Universidade do Chile.

Ainda como consultor, participou junto à Secretaria de Estado de Agricultura do Rio de Janeiro do crescimento do Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas, entre os anos de 1995 e 1996, e na criação dos Consórcios Ambientais Quiriri, Lambari e Iberê, com sede respectivamente nas cidades de São Bento do Sul, Concórdia e Chapecó, todos em Santa Catarina.

Em 15 de novembro de 2005, devido a circunstâncias muito especiais, sente o chamado de Deus e descobre, depois de ter permanecido boa parte da vida distante Dele, a necessidade de entrar voluntariamente na Catedral de Talca, solicitando ao pároco Mario Molina que ouvisse a sua confissão. Recebeu a hóstia, o corpo de Cristo, com mais de 63 anos. Depois deste fato, sente por fim a coragem e a vontade de escrever este livro, que, passados trinta anos dos acontecimentos, narra a sua história.

Atualmente, trabalha como funcionário da Direção de Obras Hidráulicas do Ministério de Obras Públicas na região do Maule, com sede na cidade de Talca, e continua realizando consultorias internacionais em países como Brasil, Venezuela e El Salvador.

